



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MICHELINE MARIA COSTA DE AZEVEDO

PROMBYÁ:

Uma Proposta de Modelagem Navegacional para a língua Guarani-Mbyá

SALVADOR

2024

MICHELINE MARIA COSTA DE AZEVEDO

PROMBYÁ:

Uma Proposta de Modelagem Navegacional para a língua Guarani-Mbyá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Produção, Circulação e Mediação da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bruna Lessa.

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Ivana Pereira Ivo.

Salvador

2024

Catalogação da Publicação na Fonte

Azevedo, Micheline Maria Costa de.

PROMBYÁ: uma proposta de modelagem navegacional para a Língua Guarani-Mbyá / Micheline Maria Costa de Azevedo. – Salvador, 2024.

151f.; il.

Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Bruna Lessa.

Coorientadora: Profa. Dra. Ivana Pereira Ivo.

1. Língua indígena Guarani-Mbyá – 2. Organização do conhecimento indígena – 3. Sistema de gestão do léxico indígena – 4. Lessa, Bruna – 5. Ivo, Ivana Pereira. II. Título.

CDD: 498.020

CDU: 005.94:004(=873.24)

MICHELINE MARIA COSTA DE AZEVEDO

PROMBYÁ: Uma Proposta de Modelagem Navegacional para Língua Guarani-Mbyá

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 10/12/2024

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
BRUNA BOMFIM LESSA DOS SANTOS
Data: 10/12/2024 12:24:58-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profª. Dra. Bruna Bomfim Lessa dos Santos - Orientadora - UFBA



Documento assinado digitalmente
IVANA PEREIRA IVO
Data: 10/12/2024 17:33:30-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profª. Dra. Ivana Pereira Ivo – Coorientadora - UFBA



Documento assinado digitalmente
MARIA ISABEL DE JESUS SOUSA BARREIRA
Data: 16/12/2024 09:58:44-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profª. Dra. Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira - Membro Interno Titular – UFBA



Documento assinado digitalmente
BENILDES COURAS MOREIRA DOS SANTOS MACULAN
Data: 10/12/2024 12:50:32-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profª. Dra. Benildes Couras Moreira dos Santos Maculan – Membro Externo Titular - UFMG

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade que me orienta e protege e sem a qual esta pesquisa sequer teria começado.

À Universidade Federal da Bahia, um espaço de ensino, pesquisa e extensão que se constitui em ambiente de diversidade, pluralidade e oportunidades. Para mim, foi mais do que isso: representou um espaço de renascimento e cura, onde hoje posso dizer que estou melhor do que há três anos.

Ao Instituto de Ciência da Informação por acolher uma temática tão delicada e, muitas vezes, invisibilizada como a questão indígena, especialmente às professoras e aos professores dessa instituição, por compartilharem seus conhecimentos comigo e com meus colegas.

Agradeço ao povo Guarani-Mbyá e ao povo Kiriri por me presentearem e abençoarem com essa imersão intercultural, um mergulho que me revelou novas realidades antes desconhecidas para mim. Em especial, agradeço a *Jaxuka Yvoty*, professora Guarani-Mbyá, e a José Hamilton de Jesus, amigo e professor Kiriri. Agradeço também a Bernardino, Marcelo, Seu Célio e aos demais arqueiros, que me mostraram a diversidade e a riqueza da cultura Kiriri.

À minha orientadora, Professora Dra. Bruna Lessa, pela paciência, parceria, disposição e por outras características que me possibilitaram cumprir mais essa tarefa e caminhar dentro do universo da Ciência, elucidando todas as minhas dúvidas e compreendendo sempre meus anseios e minhas limitações.

À minha coorientadora, Professora Dra. Ivana Pereira Ivo, a quem devo o estímulo pela propositura de um projeto que versaria sobre a língua Guarani-Mbyá, uma vez que, naquele momento, já havia desistido de tentar. Agradeço por ter me apresentado o amor, inicialmente, pelos povos indígenas, depois, pela ciência e, depois, pela vida.

À banca examinadora, as professoras Benildes Coura Moreira dos Santos Maculan e Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira, que apontaram, de forma magistral, os elementos que enriqueceram esta pesquisa e, com sensibilidade, enalteceram seu valor.

À minha família. Minha mãe, Dona Alzira, razão do que sou, por seu apoio, sua atenção e seu importante papel de mãe, amiga e conselheira nos momentos difíceis do mestrado. Ao meu pai, Seu João Bosco (*in memoriam*), por ter me ensinado os valores éticos e morais dos quais, hoje, não abro mão. Sua garra e seu amor pela vida, mesmo quando a sua alma já não conseguia estar nesse plano, são as grandes motivações da minha vida. A João Pedro, meu amado irmão, companheiro de jornada e o melhor “conselheiro da paróquia”. A “Bosquinho” pela sua fortaleza.

À minha amada “Vанинha”, minha companheira, por ser meu refúgio sempre que preciso e por seu amor tão necessário.

Às pessoas especiais que conheci na Bahia: Ingrid Paixão, Berna, Patrícia Rojas, Lázaro Castro, Nelijane Campos, Jonenice, Lindomar e outros, aos quais estas palavras também possam chegar e que foram o conforto, a força e o estímulo nos períodos de dificuldade enfrentados na pós-graduação.

Agradeço, enfim, a toda e qualquer pessoa que, direta ou indiretamente, contribuiu para a concretização desta pesquisa. A colaboração de vocês é tão importante quanto a de todas as outras.

RESUMO

A necessidade de superar as limitações e distorções na representação da língua Guarani-Mbyá, causadas pela ausência de uma perspectiva indígena nos estudos linguísticos e pela escassez de artefatos que abordem, de forma sistemática, a linguagem e a cultura desse grupo étnico, é o tema central desta pesquisa. O estudo fundamenta-se em diálogos interdisciplinares entre a Ciência da Informação, em especial o campo da Organização do Conhecimento, e a Linguística, buscando integrar diferentes áreas do conhecimento para uma abordagem abrangente e sensível às questões informacionais, linguísticas e culturais da comunidade Guarani-Mbyá, possibilitando a base teórico-metodológica para o tratamento das propriedades do léxico, das relações entre as palavras, dos léxicos preferenciais e não preferenciais, entre outros. Nesta perspectiva, o objetivo geral foi apresentar, de forma ampliada, um instrumento navegacional que represente os elementos fundamentais da língua indígena Guarani-Mbyá, com base na Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan (1967), e na Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré (1998), considerando-se a cosmovisão e a perspectiva do povo Guarani-Mbyá e observando-se a garantia cultural indígena. Visa-se, com isso, representar o conhecimento desse povo indígena por meio da sua linguagem, de modo a auxiliar na organização, compreensão, e disseminação da língua Guarani-Mbyá, bem como beneficiar a recuperação da informação e, assim, fortalecer sua revitalização linguística e cultural. A pesquisa é caracterizada, quanto à sua abordagem, como qualitativa e, em relação aos seus objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, uma vez que busca obter novas percepções, informações e novos métodos de análise em relação ao objeto de estudo através da observação do fenômeno investigado. Quanto aos procedimentos técnicos adotados, trata-se de uma pesquisa bibliográfico-documental e aplicada. Para o bibliográfico-documental, foram utilizadas fontes de dados linguísticos e socioculturais para categorização e construção da modelagem. Para a aplicada, foram desenvolvidos instrumentos para extração de informações lexicográficas, com base, também, nos aportes teóricos da Ciência da Informação. O *corpus* selecionado para investigação é composto pelos dados linguísticos e socioculturais da língua Guarani-Mbyá disponibilizados no Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português. Os resultados obtidos demonstram a viabilidade da pesquisa de modelagem navegacional, a qual poderá fornecer um modelo para o desenvolvimento de um sistema de recuperação da informação no futuro. A pesquisa destaca a importância da colaboração com a comunidade Guarani-Mbyá, da observação da cultura e das práticas linguísticas locais para uma representação autêntica e respeitosa da língua indígena. A partir da análise dos dados do

Dicionário e de outras fontes, chegou-se a uma modelagem, nomeada de Prombyá, que categoriza as palavras em sentido semântico e sintático, identifica relações lexicais, trata ambiguidades e sinônimos e representa a língua e a cultura Guarani-Mbyá, contribuindo para a manutenção e valorização do patrimônio linguístico e cultural indígena. A base teórica e os procedimentos técnicos que encaminharam para a construção do Prombyá apontam para a conclusão sobre a necessidade de continuidade da pesquisa e o desenvolvimento dos estudos sobre a organização do conhecimento indígena, visando facilitar a interpretação e acessibilidade da língua indígena, uma vez que permite que leitores e/ou pesquisadores identifiquem rapidamente os conceitos centrais e suas inter-relações. No âmbito da inovação social, por meio da aplicação do Prombyá, espera-se promover a vitalização, o aprendizado e a análise da língua e da cultura Guarani-Mbyá, atendendo às necessidades de diversos públicos, a saber: membros da comunidade indígena, falantes bilíngues, pesquisadores e sociedade em geral.

Palavras-chave: Organização do conhecimento indígena; modelagem navegacional; cultura indígena; língua Guarani-Mbyá.

ABSTRACT

The need to overcome the limitations and distortions in the representation of the Guarani-Mbyá language, caused by the absence of an Indigenous perspective in linguistic studies and the scarcity of artifacts that systematically address the language and culture of this ethnic group, is the central theme of this research. The study is based on interdisciplinary dialogues between Information Science, especially the field of Knowledge Organization, and Linguistics, seeking to integrate different areas of knowledge for a comprehensive and sensitive approach to the informational, linguistic, and cultural issues of the Guarani-Mbyá community, enabling the theoretical-methodological basis for the treatment of the properties of the lexicon, the relation between words, the preferred and non-preferred lexicons, among others. From this perspective, the general objective sought is to propose a navigational model that represents the fundamental elements of the Guarani-Mbyá indigenous language, based on Ranganathan's Theory of Faceted Classification and Cabré's Theory of Communicative Terminology, considering the worldview and perspective of the Guarani-Mbyá people, observing the Indigenous cultural guarantee. It aims to represent the knowledge of these indigenous people through their language, to assist in the organization, understanding, and dissemination of the Guarani-Mbyá language, as well as to benefit the recovery of information and, thus, strengthen its linguistic and cultural revitalization. The research is characterized, in terms of its approach, as qualitative and, in terms of its objectives, it is descriptive research, since it seeks to obtain new perceptions, information, and methods of analysis concerning the object of study through the observation of the phenomenon investigated. As for the technical procedures adopted, it is a bibliographic-documentary and applied research. For the bibliographic-documentary, linguistic and sociocultural data sources were used to categorize and construct the model. For the applied research, instruments were developed for extracting lexicographic information, also based on the theoretical contributions of Information Science. The corpus selected for investigation is composed of the linguistic and sociocultural data of the Guarani-Mbyá language made available in the Guarani-Mbyá/Portuguese Bilingual Dictionary. The results obtained demonstrate the viability of the navigational modeling proposal, which could provide a model for the development of an information retrieval system in the future. The research highlights the importance of collaboration with the Guarani-Mbyá community, in observing local culture and linguistic practices for an authentic and respectful representation of the indigenous language. Based on the analysis of data from the Dictionary and other sources, a model, named Prombyá, was created that categorizes words in a semantic and syntactic sense, identifies lexical

relationships, deals with ambiguities and synonyms, and represents the Guarani-Mbyá language and culture, contributing to the maintenance and appreciation of the indigenous linguistic and cultural heritage. The theoretical basis and technical procedures that led to the construction of Prombyá point to the conclusion that there is a need for continued research and development of studies on the organization of indigenous knowledge, aiming to facilitate the interpretation and accessibility of the indigenous language, since it allows readers and/or researchers to quickly identify the central concepts and their interrelations. In the context of social innovation, the application of Prombyá, is expected to promote the vitalization, learning, and analysis of the Guarani-Mbyá language and culture, meeting the needs of various audiences, namely, members of the indigenous community, bilingual speakers, researchers, and society in general.

Keywords: Organization of indigenous knowledge; navigational modeling; indigenous culture; guarani-mbyá language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Do Brasil Colônia até a Constituição Federativa do 1988.....	25
Figura 2 - Da proibição ao uso da língua materna.....	27
Figura 3 - Mapa das migrações Guaranis e algumas aldeias criadas — Ano 1986.....	31
Figura 4 - Árvore Baniana	53
Figura 5 - Sistema de Conhecimento Indígena.....	71
Figura 6 - Visão holística dos objetivos específicos	87
Figura 7 - Garantia Literária do léxico ‘ <i>javy ju</i> ’ na língua Guarani-Mbyá	88
Figura 8 - Explorando <i>corpus</i> documental	89
Figura 9 - Extração das características informacionais.	92
Figura 10 - Agrupamento Etnia	94
Figura 11 - Agrupamento Variação	95
Figura 12 - Agrupamento Categoria	95
Figura 13 - Agrupamento Classe Sintática	96
Figura 14 - Diagrama de Classes UML — apresentação das Classes, das variáveis e dos métodos.....	99
Figura 15 - Normalização entre classes	100
Figura 16 - Protótipo de Gestão do Léxico Guarani-Mbyá	102
Figura 17 - Trecho de código que indica o emprego de agrupamento para navegabilidade de forma estática.....	114
Figura 18 - Elementos de navegabilidade.....	115
Figura 19 - Formulários de entrada de dados nos agrupamentos Etnia e Variações	116
Figura 20 - Formulários de entrada de dados nas classes semânticas e sintáticas dos termos analisados	116
Figura 21 - Tratamento da Polissemia	118
Figura 22 - Entrada de Léxico no Prombyá.....	119
Figura 23 - Controle de polissemia e duplicidade de informações	120
Figura 24 - Busca de léxicos por agrupamento	120
Figura 25 - Resultados de busca com filtros incorretos.....	121
Figura 26 - Busca extensiva.....	121
Figura 27 - Estrutura informacional para auxiliar no trato da troca de informações entre grupos Guarani	123

Figura 28 - Formulário com disposição dos elementos de variação e mudança lexicais do grupo Guarani	124
Figura 29 - Proposta de Modelagem sobre a língua Guarani-Mbyá.....	126

LISTA DE TABELA E QUADROS

Tabela 1 - Desuso da língua materna em ambientes fora da aldeia.....	26
Quadro 1 - Aldeias Guarani no Brasil	33
Quadro 2 - Trecho parte do Conto Mítico sobre criação da Linguagem	40
Quadro 3 - Distribuição das camadas circulares e sua atribuição na abordagem relacional	71
Quadro 4 - Exemplo do processo de adequação do Léxico “ <i>Petýgua</i> ” no âmbito do plano das ideias e do plano verbal	75
Quadro 5 - Aplicação do método analítico-sintético, a partir das categorias PMEST	77
Quadro 6 - Numeração tradicional Guarani-Mbyá.....	78
Quadro 7 - Novas palavras sobre numeração Guarani-Mbyá	78
Quadro 8 - Garantia cultural na língua Guarani-Mbyá.....	88
Quadro 9 - Plano das ideias e plano verbal do Léxico <i>javy ju</i>	89
Quadro 10 - Compreensão das características semânticas e pragmáticas incorporadas ao Prombyá.....	900
Quadro 11 - Definição dos grupos que compõem o Instrumento de extração de informações	93
Quadro 12 - Visão holística do PMEST e agrupamentos representativos da naveabilidade aplicadas ao Prombyá	97
Quadro 13 - Aplicação do instrumento de extração de informação lexicográfica para o léxico “ <i>porã</i> ”	103
Quadro 14 - Aplicação do instrumento de extração de informação lexicográfica para o léxico “ <i>py'a</i> ”.....	104
Quadro 15 - Planos das ideias e verbal de Ranganathan (1967) aplicados ao Guarani.....	106
Quadro 16 - Síntese da representação do Léxico <i>Jagua</i>	109
Quadro 17 - Síntese da representação da palavra <i>Xeramõi</i>	110
Quadro 18 - Síntese da representação <i>Eixu</i>	110
Quadro 19 - Síntese da representação do Léxico <i>Petýgua</i>	111
Quadro 20 - Síntese da representação do Léxico <i>Ava</i>	111
Quadro 21 - Síntese da representação do Léxico <i>Mbarakuja</i>	112
Quadro 22 - Síntese da representação do Léxico <i>Avaxi</i>	112
Quadro 23 - Palavras polissêmicas.....	117
Quadro 24 - Exemplo de relações de equivalência entre Termos na língua Guarani-Mbyá..	122
Quadro 25 - Proposta para se trabalhar com diacronia e sincronia	1244

LISTA DE SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
CDD	Classificação Decimal de <i>Dewey</i>
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRG	<i>Classification Research Group</i>
F1p. (excl)	Flexão em 1 ^a pessoa do Plural — Exclusiva
F1p. (incl)	Flexão em 1 ^a pessoa do Plural — Inclusiva
F1s.	Flexão em 1 ^a pessoa do Singular
F2p.	Flexão em 2 ^a pessoa do Plural
GA	Guarani Antigo
IKO	<i>Indigenous Knowledge Organization</i>
Kw	Guarani-Kaiowá
LIB	Línguas Indígenas Brasileiras: Documentação de Línguas Indígenas, Contato Linguístico e Educação Escolar Indígena
Mb	Guarani-Mbyá
MYSQL	<i>Structured Query Language</i>
NNP	Nome Não Possuível
NPI	Nome Possuível Intransferível
NPT	Nomes Possuíveis Transferíveis
Nv	Guarani-Nhandeva
Nw	Guarani-Nhandewa
OC	Organização do Conhecimento
OCI	Organização do Conhecimento Indígena
PHP	<i>Hypertext preprocessor</i>
PMEST	Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
TA	Tupi Antigo
TCF	Teoria da Classificação Facetada
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DELINEAMENTO DA PESQUISA: DOS OBJETIVOS À MOTIVAÇÃO E À RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	20
3 SÍNTESE HISTÓRICA DOS POVOS INDÍGENAS.....	25
3.1 O Povo Guarani	28
3.2 Os movimentos migratórios Tupi-Guarani.....	t29
3.3 O modo de ser Guarani-Mbyá.....	36
3.4 A língua do povo Guarani-Mbyá	39
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES PARA A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO LEXICOGRÁFICA DA LÍNGUA INDÍGENA.....	42
4.1 Diálogos interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Linguística.....	42
4.2 A Organização do Conhecimento.....	46
4.3 Teoria da Classificação Facetada	50
4.4 A Linguística e a Lexicografia	56
4.5 Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).....	60
5 CLASSIFICAÇÃO PARA LÍNGUAS INDÍGENAS	699
5.1 À guisa de uma estrutura classificatória para a língua Guarani-Mbyá	733
5.2 Estruturação classificatória para a língua Guarani-Mbyá, o Prombyá	74
5.3 Método analítico-sintético como abordagem classificatória para o léxico geral na língua Guarani-Mbyá.....	76
6 METODOLOGIA.....	81
6.1 Características da Pesquisa	82
6.2 Modelagem da língua indígena Guarani-Mbyá.....	86
6.3 Técnicas e Procedimentos Metodológicos.....	103
6.4 O Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português.....	104
7 ANÁLISES E RESULTADOS	106
7.1 Léxico 1: <i>Jagua</i>	109
7.2 Léxico 2: <i>Xeramõi</i>	110
7.3 Léxico 3: <i>Eixu</i>	110
7.4 Léxico 4: <i>Petŷguia</i>	1111
7.5 Léxico 5: <i>Ava</i>	111

7.6 Léxico 6: <i>Mbarakuja</i>	112
7.7 Léxico 7: <i>Avaxi</i>	112
7.8 Conclusões	113
8 PROMBYÁ: PROPOSTA DE MODELAGEM NAVEGACIONAL PARA O LÉXICO DA LÍNGUA GUARANI-MBYÁ	114
8.1 Definição dos elementos de naveabilidade	114
8.2 Ambiente de entrada de dados — cadastramento de palavras	116
8.3 Cadastramento da variação e da mudança linguísticas	122
9 CONSIDERAÇÃO FINAIS	127
REFERÊNCIAS	138
ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO DE DADOS	149

1 INTRODUÇÃO

A perda de conhecimentos indígenas, processo que desencadeia esta pesquisa, tangencia diversos segmentos: cultura, língua, costumes, entre outros. Esse processo inicia-se com a colonização e permanece até hoje. O retorno ao passado, especialmente ao séc. XVIII — período da publicação do “Diretório dos Índios de 1755 sob o enfoque da Política Linguística” — e a posteriores documentos legais que desse derivam, tratando da proibição, pelos povos originários, do uso de suas línguas maternas, como descreve Souza (2019)¹, retrata a origem desse processo de extinção de línguas autóctones e, consequentemente, de sua cultura.

Quando os europeus chegaram às terras latino-americanas, ou, ainda, como se comprehende, o território brasileiro, estimou-se que fossem faladas em torno de 1.175 línguas, conforme demonstram Rodrigues (1985) e D’Angelis (2019). Por razões diversas, tal qual a expulsão dos povos indígenas dos seus territórios, a escravização, as doenças, entre outras, muitas nações indígenas foram extintas e, com elas, suas línguas e seus conhecimentos — das quais restam, aproximadamente, 160 nações indígenas, conforme D’Angelis (2020).

No âmbito da Ciência da Informação, o domínio da Organização do Conhecimento (OC) comprehende um conjunto de práticas, teorias e metodologias voltadas para a estruturação, classificação e gestão da informação e do conhecimento em diversos contextos. As teorias fundamentais da OC são suporte à estruturação do conhecimento de comunidades não hegemônicas, favorecendo a sua representação e a compreensão de sua cosmovisão. Por meio

¹Destaca-se trecho da referida norma que proíbe uso de línguas indígenas: Diretório dos Índios, 1757, Alvará de 17 de ago. de 1758:

“§ 6º - Sempre foi máxima inevitavelmente praticada em todas as nações, que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes e ter mostrado a experiência que, ao mesmo tempo que se introduz neles o uso da língua do príncipe que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração e a obediência ao mesmo príncipe. Observando, pois, todas as nações polidas do mundo este prudente e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros conquistadores estabelecer nela o uso da língua que chamam geral, invenção verdadeiramente abominável e diabólica, para que, privados os índios de todos aqueles meios que os podiam civilizar, permanecessem na rústica e bárbara sujeição em que até agora se conservaram. Para desterrar este pernicioso abuso **será um dos principais cuidados dos diretores estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum que os meninos e meninas que pertencem às escolas e todos aqueles índios que forem capazes de instrução nessas matérias usem a língua própria das suas nações, ou da chamada geral, mas unicamente a portuguesa**, na forma que sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora não observaram, com total ruína espiritual e temporal do Estado.

§ 7º E como esta determinação é a base fundamental da Civilidade, que se pretende, **haverá em todas as Povoações duas Escolas públicas, uma para os Meninos, na qual se lhes ensine a Doutrina Cristã, a ler, escrever, e contar na forma, que se pratica em todas as Escolas das Nações civilizadas; e outra para as Meninas, na qual, além de serem instruídas na Doutrina Cristã, se lhes ensinará a ler, escrever, fiar, fazer renda, costura, e todos os mais ministérios próprios daquele sexo**” (Souza, 2019, p. 89-91, grifo nosso).

de diretrizes e princípios necessários para classificar, categorizar e recuperar informações de maneira eficiente, é possível criar sistemas que facilitam não apenas o acesso à informação, mas a elaboração de modelos representativos.

A adoção de uma estrutura emprega diferentes “facetas” ou categorias, ancoradas na Teoria da Classificação Facetada (TCF), de Ranganathan (1967), que traz significativas contribuições nos estudos aplicados voltados para a modelagem navegacional de palavras. Essa forma de atuação oferece uma estrutura flexível e multidimensional para a organização de informações, facilitando uma compreensão mais aprofundada das inter-relações entre os dados, bem como a visualização de conexões e hierarquias que, em sistemas de classificação tradicionais, poderiam permanecer obscuras devido à sua complexidade. Essa percepção alinha-se à Teoria Crítica, cujos pressupostos vão de encontro às teorias tradicionais, calcadas na generalidade e universalidade entre as formas de se classificar um conhecimento, e que tem como expoente as ideias de Olson (1999).

A questão que envolve essa teoria certifica a impropriedade de se aplicar a mesma lógica classificatória de um saber colonial a um saber oriundo de comunidades não hegemônicas, além dos inconvenientes históricos serem trazidos à baila para uma proposta de classificação que não acolhe suas especificidades. Ademais, tem-se a real possibilidade de se incorporar elementos exógenos aos ambientes dessas comunidades minoritárias. O fato observado, na contemporaneidade, em muitas pesquisas, é o esforço em se registrar, em toda a sua diversidade e pluralidade, o conhecimento das culturas pertencentes aos povos originários.

A presente investigação nasce dessa percepção, a qual se constitui “Área de interesse”, termo por empréstimo de Minayo (2009, p. 39), sob a perspectiva da Organização do Conhecimento.

A pesquisa versa sobre a cultura do povo Guarani-Mbyá, em que, dentre os tantos símbolos, pode-se citar a língua. Como unidade pertencente a esse universo, tem-se as palavras, representando o humano e o não humano, o material e o abstrato, o artificial e o natural, o bom e o mau, enfim, uma dualidade complexa de elementos, em que, por vezes, é preciso fazer uso da semântica e da pragmática para sua melhor compreensão.

A linguagem é uma dádiva de origem divina, proveniente de *Nhanderu* aos povos da Terra, conforme explica Cadogan (1959), e os povos da etnia Mbyá conservam esse *status*. A língua Guarani-Mbyá tem um forte teor agregador de conteúdo espiritual, cultural, comunicativo, social e mental. As palavras emitidas por um Guarani-Mbyá têm uma profundidade sobre a qual uma estrutura descritiva, por vezes, não consegue contemplar a sua vastidão, fazendo-se necessário compreender o sentido das palavras por sua função semântica,

no contexto em que são utilizadas pelo falante nativo, conforme ensina a Teoria dos Jogos (Wittgenstein, 1999).

Esta pesquisa destaca sua relevância ao abordar a lacuna existente nos estudos realizados, no Brasil, no campo da Ciência da Informação, especificamente no que se refere à Organização do Conhecimento aplicada à língua Guarani-Mbyá. Além disso, contribui para a disseminação do conhecimento indígena, promovendo a valorização e a preservação da informação associada a essa cultura.

Nesse contexto, esta investigação propõe uma análise descritiva baseada na semântica dos léxicos, organizados em classes sintáticas e categorias semânticas. O estudo explora as relações entre palavras, apresenta estratégias para tratar ambiguidades e sinônimas e, além disso, propõe o registro das variações lexicais nas expressões indígenas como forma de aprofundar o entendimento sobre a referida língua indígena. Ademais, são identificadas e categorizadas palavras preferenciais e não preferenciais, contribuindo para a manutenção e sistematização da língua Guarani-Mbyá.

Este estudo foi possível por meio da utilização dos diálogos interdisciplinares entre Ciência da Informação (Organização do Conhecimento), Linguística (Lexicografia) e áreas afins, por exemplo, a Antropologia, com seus contributos sobre o povo Guarani-Mbyá e sua cosmovisão, e a contribuição das Tecnologias da Informação.

Além disso, tem-se a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), apresentada por Cabré (1999), a qual nasce de um viés interdisciplinar e, ao lado de outras áreas, dá vida a modelos de representações lexicográficas e terminológicas, para os quais, nesta pesquisa, procura-se chegar a um ponto de convergência com a OC, sob um viés de complementariedade entre as abordagens onomasiológica e semasiológica, em que o estudo do fenômeno da língua indígena seja compreendido em seu aspecto psicossocial.

Destaca-se que a escolha da TCT dá-se pela recepção à diversidade que uma cultura não hegemônica apresenta (contemplando o diálogo entre o fazer social e externalizado pelo falante da língua materna), à científicidade necessária na organização e à representação de elementos lexicográficos. Cabré (1998) sinaliza a importância da aliança entre léxicos gerais e específicos como potenciadores da disseminação da comunicação. Desse modo, as linguagens especializadas adquirem, além dos aspectos formais, um mecanismo que proporciona a representação em modelos linguísticos, identificado pela aproximação entre os aspectos cognitivos e funcionais.

O conhecer sobre as características do domínio ora retratado deixará uma sugestão de ação para os futuros estudos na organização da informação sobre aspectos lexicográficos, em uma perspectiva sociocultural, sobre comunidades indígenas.

Neste estudo, lança-se mão do viés tecnológico, inserindo as Tecnologias da Informação como instrumentos agregadores com aplicação dos aportes teóricos e práticos, pela busca por uma implementação que valide o complexo de informações aqui retratadas, para fazer com que o conteúdo chegue aos mais diversos locais. Portanto, sob o aspecto prático, com destaque à implementação, utiliza-se a linguagem de programação *hypertext preprocessor* (PHP), encontrada nos diversos códigos, que, além de disponibilizar um *front-end* (sob a forma de interface amigável para a gestão do conteúdo lexicográfico indígena), atua no *back-end* — em que, por meio dos diversos *scripts*, fornece os elementos para o tratamento das polissemias, os elementos de naveabilidade, a recuperação da informação, bem como as funcionalidades de criação, leitura, atualização e exclusão, além dos elementos do planejamento² e, por fim, o banco de dados MySQL (*Structured Query Language*) (encarregado do armazenamento do conteúdo).

Esta pesquisa está estruturada com as seguintes seções: após esta introdução, cuja proposta foi a de apresentar a concepção geral da pesquisa, segue-se no capítulo 2, em que se verifica o delineamento da pesquisa e as direções a serem exploradas, bem como a linha motriz que fundamenta esta abordagem com os aspectos que motivaram sua propositura. Em seguida, apresenta-se o capítulo 3, em que se verifica uma breve história sobre o contato entre colonizadores e povos indígenas, como se inicia o processo de proibição do uso das línguas indígenas e os seus reflexos na perda desses conhecimentos ancestrais, com ênfase nos povos da família linguística Tupi-Guarani, a fim de situar o estudo na comunidade a qual se refere: o povo Guarani-Mbyá e a sua atual distribuição no território brasileiro. Nesta mesma perspectiva, são apresentados, de forma sucinta, alguns símbolos relacionados à cultura do povo Guarani-Mbyá, os quais constituem elementos centrais para o desenvolvimento desta pesquisa. Ademais, são abordados seus processos migratórios e é feita a exposição de sua cosmovisão, aspectos fundamentais para a compreensão da identidade e da organização cultural desse grupo indígena.

Chegando ao capítulo 4, apresenta-se o desenvolvimento da fundamentação teórica que contempla as três principais áreas e subáreas que inspiram este estudo: a Ciência da Informação,

²Pode-se citar, como exemplo: Miro, Canva, Visio, UML, entre outros.

a Organização do Conhecimento e a Linguística (Lexicografia), as quais nortearam as decisões metodológicas deste estudo.

No capítulo 5, apresenta-se o método analítico-sintético empregado no tratamento classificatório do *corpus* da pesquisa e na estrutura navegacional do Prombyá — Protótipo de Gestão de Léxico da língua Guarani-Mbyá. O capítulo 6, por sua vez, abrange o caminho metodológico empregado para alcançar o objetivo desejado, detalhando-se o planejamento da abordagem adotada. Ademais, apresenta-se, no capítulo 7, o Prombyá — Protótipo de Gestão de Léxico da língua Guarani-Mbyá, principal resultado deste estudo, demonstrando algumas de suas funcionalidades, tais sejam: mecanismo de inserção dos dados lexicais no protótipo a partir de categorias gramaticais e/ou semânticas, mecanismos de busca por léxico e por facetas, tratamento de polissemias (ampliar), gestão dinâmica das facetas, funcionalidades típicas de um protótipo gestor de informação (criar, atualizar, navegar entre páginas, listar e apagar) implementados de forma amigável³ para o colaborador e consumidor da informação.

Em seguida, as Considerações Finais trazem as perspectivas de pesquisas futuras, bem como os elementos que carecem de pesquisas e de mais estudos, por parte da Ciência da Informação, levando-se em conta a pluralidade e diversidade que existem entre as etnias indígenas brasileiras. Finaliza-se, então, a pesquisa com o capítulo 9, apresentando uma análise do léxico escolhido e empregando as propostas resultantes do estudo.

A seguir, serão apresentados os elementos delineadores desta pesquisa.

³Funcionalidades ativadas por um clique do *mouse*.

2 DELINEAMENTO DA PESQUISA: DOS OBJETIVOS À MOTIVAÇÃO E À RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O idioma português, enquanto língua oficial⁴ do Brasil, é aprendido e reforçado nas práticas cotidianas da população, sendo seu uso constantemente incentivado e consolidado como língua no território nacional. Em contrapartida, o mesmo não ocorre com as línguas minoritárias, conforme elucida D'Angelis (2019).

A maioria das línguas indígenas possui características orais, ou seja, a transmissão intergeracional se dá pela oralidade, cuja prática de registro documental já começa a ser trabalhada entre os povos originários, de forma que, atualmente, é possível encontrar materiais informativos indígenas sobre determinadas etnias. Em algumas parcialidades, percebe-se que a lacuna documental vem sendo, aos poucos, superada, o que acontece com os Guarani-Mbyá⁵.

No domínio dos estudos em Organização do Conhecimento, as pesquisas sobre a Organização do Conhecimento Indígena ainda são incipientes⁶. Ao se contrapor com os dados encontrados nas pesquisas realizadas no Brasil sobre a mesma temática, esse número é ainda menor⁷. Portanto, discutir e disseminar os assuntos sobre as temáticas indígenas fazem-se, cada vez mais, necessários.

Além disso, no levantamento realizado, vê-se que os instrumentos de representação da informação, empregados para organizar, estruturar e comunicar um domínio, frequentemente, aplicam uma abordagem onomasiológica, que prioriza a referência e a nomeação de conceitos. Essa concepção analisa como os conceitos são expressos linguisticamente, seguindo, por exemplo, os parâmetros da Teoria Tradicional da Terminologia propostos por Wüster (1979). A abordagem ora mencionada confere a representação de um caráter universal e formal. No entanto, essa concepção pode, por vezes, ignorar outras dimensões essenciais na comunicação e

⁴Lei nº 10.436 reconhece, também, a LIBRAS como meio oficial e legal de comunicação e expressão no Brasil (Brasil, 2002).

⁵No Brasil, além da variedade Mbyá (Mb), são faladas, também, as variedades Nhandeva (NV), Kaiowá (KW) e Nhandewa (NW).

⁶Após um levantamento na base de dados *Web of Science*, em 30 de out. de 2023, incluindo, como critério de busca, o período entre 1945 a 2023, com as seguintes palavras-chave: *Indigenous Knowledge organization system (Topic)* or *organizacion del conocimiento indigena (Topic)* or *Representacion y organizacion del conocimiento indigena (Topic)*, houve retorno de **393** registros. Com as palavras-chave correlatas voltadas para o conhecimento geral: *Knowledge organization system (Topic)* or *organizacion del conocimiento (Topic)* or *Representacion y organizacion del conocimiento (Topic)*, os resultados da busca foram de **33,760** resultados.

⁷Em termos de país, com as mesmas palavras-chave presentes na nota anterior, e levando-se em conta **apenas o Brasil**, as pesquisas envolvendo Organização do Conhecimento — sob uma perspectiva generalista — somaram **996** trabalhos publicados, com o mesmo critério de período da busca. No entanto, quando se buscou termos relacionados à Organização do Conhecimento Indígena, teve-se o retorno de apenas **14** resultados.

na representação do conhecimento indígena, como a semântica e a pragmática. Assim, faz-se necessário explorar metodologias complementares que considerem a dinâmica e a evolução do saber. Em sendo assim, uma análise a partir do léxico consegue capturar esses conteúdos socioculturais dos povos originários, ou seja, voltar-se também para o significado e a interpretação das palavras a partir do falante e do ambiente em que esse vive. É nessa perspectiva de complementariedade com a abordagem semasiológica que esse estudo se fundamenta, com o auxílio da Teoria Terminológica Comunicativa (Cabré, 1998).

A problemática desta pesquisa recai sobre a organização do conhecimento da língua indígena e emprega, como pergunta de partida, a seguinte indagação: como modelar as características linguísticas da língua Guarani-Mbyá, de modo a possibilitar a organização e o posterior acesso, em ambientes virtuais, a esse tipo de informação de forma estruturada?

Nessa perspectiva, o objetivo geral foi apresentar, de forma ampliada, um instrumento navegacional que represente os elementos fundamentais da língua indígena Guarani-Mbyá, com base na Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan (1967), e na Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré (1998), considerando a cosmovisão e a perspectiva do povo Guarani-Mbyá e observando a garantia cultural indígena.

Representar, adequadamente, a língua e a cultura desse povo indígena auxiliará na documentação, descrição, compreensão e promoção da língua Guarani-Mbyá, bem como beneficiará a recuperação da informação, fortalecendo a sua revitalização linguística e cultural.

Para se alcançar o objetivo geral desta pesquisa, tem-se, como objetivos específicos:

- a) examinar, a partir do *corpus* documental do Guarani-Mbyá (Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português) apresentado em Ivo (2024), os elementos linguísticos necessários ao processo de categorização;
- b) organizar e categorizar aspectos semânticos e pragmáticos do *corpus* documental da língua Guarani-Mbyá;
- c) contribuir com a modelagem de um instrumento de representação da informação lexicográfica da língua Guarani-Mbyá, em ambiente virtual, que favoreça a organização, recuperação e naveabilidade do *corpus*;
- d) apresentar um protótipo da modelagem navegacional para a língua Guarani-Mbyá.

Nesse sentido, a temática é voltada para a complexidade do conhecimento indígena e reflete, em muitos vieses, os hiatos de um grupo minoritário, o que configura a justificativa

desta pesquisa. A premissa para se conceber este estudo parte, assim, de uma classificação mais fidedigna possível à cultura representada, por meio da literatura especializada da área.

López-Huertas (2016) elucida que a “Garantia Cultural” é uma abordagem que consegue aproximar a pesquisa em comunidade de uma representação fidedigna, fato que contribui para o planejamento e a disseminação da informação indígena:

Uma das principais contribuições ao longo do caminho para incorporar pontos de vista culturais nos KOSs foi a formulação do conceito de garantia cultural. Esta expressão foi utilizada para chamar a atenção para a necessidade de ter em conta as características socioculturais dos utilizadores para os quais os sistemas de informação foram criados, na crença de que diferentes culturas necessitam de diferentes tipos de informação (López-Huertas, 2016, p. 18).

A forma de incorporar a garantia cultural, apresentada por López-Huertas (2016), se dá por meio da incorporação dos elementos culturais em estruturas que fazem face ao armazenamento de informações semânticas, pragmáticas e complementares.

Outra premissa abordada no processo de modelagem do conhecimento indígena é a “garantia literária”, o que, segundo Barité *et al.* (2010, p. 3), confere ao processo, de forma prática e metodológica, a validade e a coerência necessárias e, conforme realça o autor, com a garantia literária, há o respaldo das escolhas e das terminologias presentes na OC. Como exemplo, traz-se o *tesauro*, implementado nos Estados Unidos, cuja proposta é servir de instrumento para atualização dos cabeçalhos de assuntos da Biblioteca do Congresso Nacional. Ao passo que é aceito pelos nativos, uma vez que contam com sua contribuição, igualmente, é aceito pelos bibliotecários, uma vez que se predispõem a preencher o hiato na representação de termos indígenas no cabeçalho de assuntos da Biblioteca dos Estados Unidos, apresentados por Littletree e Metoyer (2015).

Neste estudo, a motivação é realçada pelo diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Linguística e seu *corpus-base* conta com a participação de falantes da etnia e especialistas da língua, como forma de alcançar a garantia literária. O contato com Línguas Indígenas foi iniciado na pandemia, em que esta pesquisadora atuou, como voluntária, na esfera de adaptação de materiais didáticos bilíngues — Mbyá e Português, em cursos ofertados gratuitamente pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), vindo, a seguir, a integrar o grupo de pesquisa LIB — Línguas Indígenas Brasileiras: Documentação de Línguas Indígenas, Contato Linguístico e Educação Escolar Indígena — UFBA/CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que trabalha na perspectiva da descrição de línguas

indígenas e, à época, atuava na concepção de um Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá e na divulgação dessa língua, ampliando seus horizontes para outras.

A atuação junto às comunidades indígenas carece de metodologias e métodos próprios, importando ressaltar que, nesta pesquisa, esse processo precisou ser adaptado, sobretudo em função das incertezas advindas do período pós-Covid-19.

Portanto, esta pesquisa tem sua justificativa pautada na proposta de disponibilizar uma modelagem do conhecimento que contemple os aspectos sistematizados da língua Guarani-Mbyá, bem como as correlações com as outras parcialidades de povos Guarani que também habitam o Brasil.

A relevância deste estudo reside no tratamento do léxico indígena, permitindo que as vozes originárias sejam ouvidas de forma autêntica e promovendo, também, uma compreensão mais profunda de suas realidades. A capacidade inédita desta pesquisa é um contributo para a área, assim como para o seu alinhamento com as políticas que combatem o preconceito sociolinguístico, fomentando a valorização e o respeito pelas diversas formas de expressão cultural, o que colabora com os debates sobre os elementos norteadores na representação de uma população não hegemônica. Por fim, a pesquisa também se propõe a auxiliar na disseminação de um conhecimento social em que se reconhece a sua importância na diversidade linguística e cultural, contribuindo com uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A pertinência do estudo destaca-se nas diversas dimensões, especialmente no campo da OC, na promoção da língua indígena e no desenvolvimento do produto voltado para a modelagem navegacional para a língua Guarani-Mbyá.

Para o âmbito dos estudos em OC, a pesquisa contribui ao propor uma modelagem que leva em consideração as particularidades da língua Guarani-Mbyá. Essa abordagem representa um avanço importante na forma como o conhecimento indígena é organizado e acessado, a fim de promover uma integração da interação comunicativa que respeita a cosmovisão e as práticas culturais dos falantes nativos.

A valorização da língua indígena é outro aspecto central presente neste estudo. As etapas apresentadas na investigação científica aqui desenvolvida buscam não apenas preservar a língua Guarani-Mbyá, mas também promover e incentivar o seu uso e reconhecimento, possibilitando a navegação e a recuperação das informações sobre a língua e a cultura indígena. Além disso, o desenvolvimento do produto Prombyá — Protótipo de Gestão do Léxico da língua Guarani-Mbyá representa o preenchimento de uma lacuna, ao formular um instrumento que poderá ser utilizado por educadores, pesquisadores e membros da comunidade Guarani-Mbyá,

funcionando como uma fonte de informação para a educação bilíngue, a pesquisa acadêmica e a disseminação do conhecimento sobre a cultura e a língua indígena.

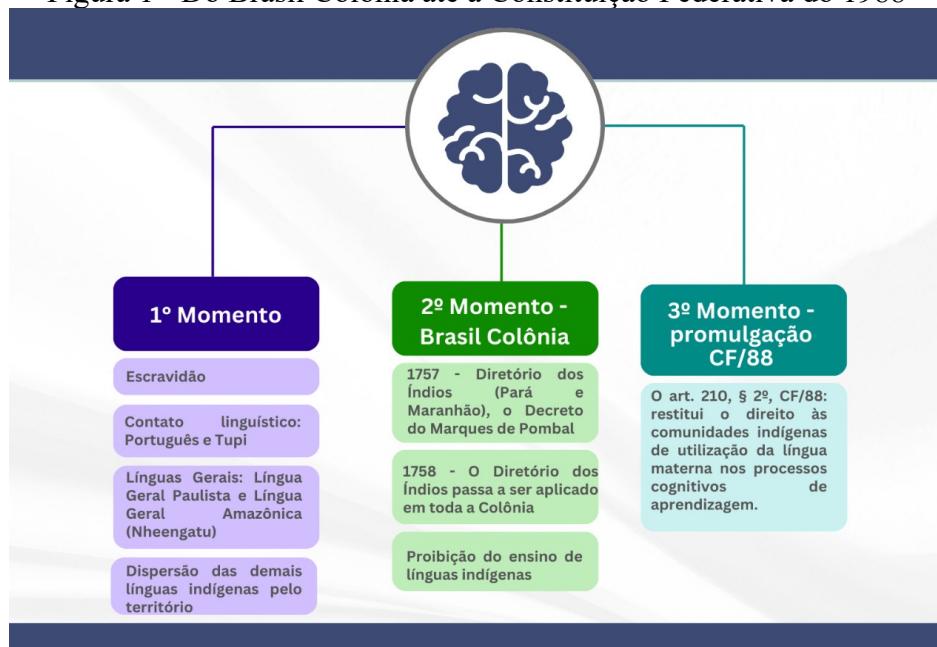
Em um contributo à manutenção da diversidade e a pluralidade, apresenta-se, na próxima seção, um pouco sobre os povos indígenas e, em especial, o povo Guarani-Mbyá, ator central desta pesquisa.

3 SÍNTESE HISTÓRICA DOS POVOS INDÍGENAS

A história dos povos originários é rica e remonta a um período anterior ao ano de 1500. No entanto, esta pesquisa estabelecerá como ponto de partida esse período, cujas mudanças decorrentes do contato entre culturas foram determinantes para as mudanças no modo de viver indígena.

Em um primeiro momento, houve uma fase de contato linguístico entre colonizadores — portugueses — e povos indígenas, fazendo nascer as chamadas línguas gerais⁸, línguas mistas de português com o Tupi Antigo, como a língua geral paulista e a língua geral amazônica, da qual se desenvolve o *nheengatu*, falado contemporaneamente. A partir de 1775, com o Diretório dos Índios, as línguas indígenas foram proibidas no contexto escolar e, também, as línguas gerais. Apenas a partir da Constituição de 1988 é que alguns direitos passaram a ser reconquistados, dentre eles, o direito ao uso das línguas indígenas em ambientes educacionais.

Figura 1 - Do Brasil Colônia até a Constituição Federativa do 1988



Fonte: Souza (2019) e Brasil (2023).

⁸Ivana Pereira Ivo, em comunicação pessoal, explica que, segundo Lucchesi (2009, p. 43-44), o termo língua geral refere-se a, pelo menos, quatro contextos: (i) a *koiné* empregada na comunicação entre grupos de línguas do tronco tupi da costa brasileira; (ii) versão como língua franca usada no intercurso dos colonizadores portugueses e indígenas; (iii) versão nativizada principalmente nos núcleos populacionais mestiços que se estabeleceram no período inicial da colonização; e (iv) versão “gramaticalizada” pelos jesuítas sob o modelo do português e utilizada largamente na catequese. (v) língua franca de base tupi utilizada como segunda língua por grupos de língua não tupi (podendo também nesses casos ocorrer a sua nativização).

O Decreto Pombalino⁹ e toda a sua política de invisibilidade das línguas dos povos indígenas gerou um grande apagamento. Rodrigues (1985, p. 83) lamenta o “[...] empobrecimento de conhecimento da sociedade brasileira [...]” com a imensa perda de línguas indígenas, fato que perdurou até a Constituição Federal de 1988, o que gerou reflexos na desvalorização de conhecimentos referentes aos povos originários.

Como se vê, a discussão deste subitem inicia-se pelo seu fim, ou seja, o processo de extinção — quando, das estimativas de mais de 1000 línguas indígenas faladas em 1500, passamos a 160 línguas na atualidade, conforme D’Angelis (2020).

Os dados abaixo, do Censo 2010, ajudam a mapear, de forma simplificada, a desvalorização das línguas indígenas:

- a) mais da metade dos povos originários não fala sua língua: 57,1%;
- b) dos indígenas que falam sua língua materna, tem-se que, nas terras nativas, 57,3% utilizam sua língua, entretanto, fora de suas terras, esse percentual cai para 12,7%.

Tabela 1 - Desuso da língua materna em ambientes fora da aldeia

Distribuição percentual das pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade, por tipo de língua falada no domicílio

ANO	Falantes de Línguas Indígenas	Falantes de Língua Portuguesa	Falantes de Línguas Indígenas	Falantes de Língua Portuguesa	Falantes de Línguas Indígenas	Falantes de Língua Portuguesa
	2010	2010	2010	2010	2010	Sem declaração
Total	34,4	76,9	57,1	17,5	5,5	5,6
Em terras Indígenas	57,3	61,1	32,7	28,8	10	10,1
Fora de Terras Indígenas	12,7	96,5	87,3	3,5	0	0

Os dados pertencem a dois universos: universo dos falantes de Línguas Indígenas e dos falantes de Língua Portuguesa. Para se chegar ao percentual de 100% dos falantes das Línguas Indígenas, faz-se necessário somar todos os percentuais referentes a esses falantes e assim sucessivamente (IBGE, 2010).

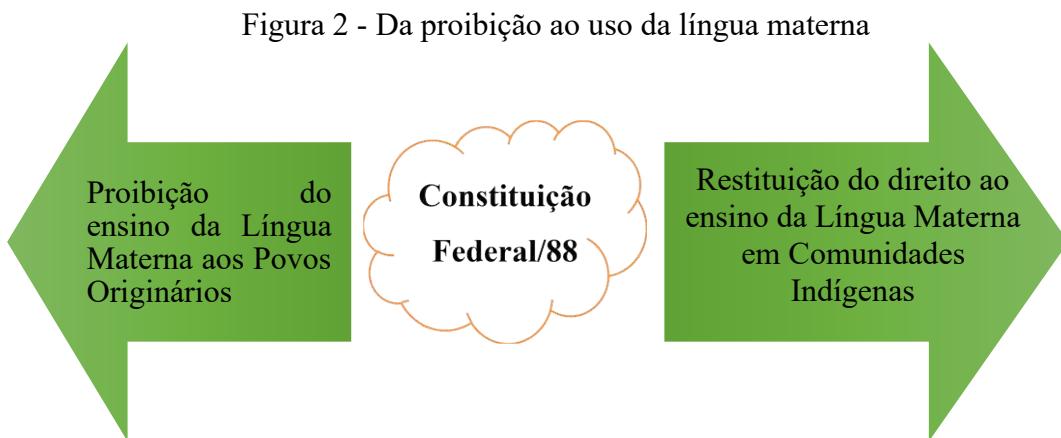
Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base no Censo Demográfico — IBGE (2010).

O direito de se ensinar as línguas indígenas confere-lhes fortalecimento e reavivamento. O fato que possibilitou que esse processo fosse retomado se deu por meio da Carta Magna de 1988, o que, mais adiante, é corroborado por elementos da Lei de Diretrizes de Bases: Art. 32 § 3º — “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às

⁹Nome cunhado aos instrumentos normativos referentes ao período em que o Marquês de Pombal administrou o Brasil Colônia.

comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Brasil, 1996, Art. 32).

Assim, novos caminhos são retomados pelos povos indígenas no tocante às suas línguas. Na Figura 2, há uma ilustração de como sucederam os eventos acima descritos.



Fonte: Baseado em Souza (2019) e Ivo (2019).

Por meio dos trabalhos acadêmicos, é possível ampliar a voz e facilitar o tratamento e a disseminação de informações sobre povos originários, tornando-as acessíveis e transparentes para aqueles que procuram, fornecendo visibilidade consistente e confiável a essas etnias e, por fim, disponibilizando um amplo conteúdo sobre esses povos.

[...] o desaparecimento de diversas culturas indígenas está acarretando um empobrecimento cultural do Brasil e do mundo, na medida em que conhecimentos e técnicas eficazes para a vida do homem nos trópicos, desenvolvidos por muitas gerações de seres inteligentes e responsáveis, estão sendo eliminados por agentes de uma sociedade que não toma (e parece não querer tomar) conhecimento deles [...] (Rodrigues, 1985, p. 93).

Alguns pensadores, como D’Angelis (2020), compreendem o binômio língua-cultura, que, apesar de independentes, possuem uma interligação, de modo que um se reflete no outro. Os assuntos que envolvem a temática sobre a perda de línguas autóctones perpassam pelo conjunto de variáveis cujos controle e acesso são penosos, em que se evidenciam, por exemplo, quando um falante nativo chega ao ponto de decidir por não usar mais a língua materna ou quando o poder econômico do não indígena pressiona a comunidade indígena a abandonar seus costumes. São questões difíceis de serem trabalhadas e, conforme elucidada Costa (2013), seus prejuízos alcançam as diversas áreas da comunidade:

Quando se muda a língua de um povo, apagam-se traços culturais que foram alocados dentro da estrutura linguística formadora daquela língua e agregam-se elementos culturais novos que estão presentes na língua a ser adotada. Deve-se perceber, então, que a morte de uma língua leva consigo sua estrutura, a qual é formada por elementos culturais que correm o risco de desaparecer junto com ela (Costa, 2013, p. 104).

Sabe-se que os povos indígenas sofrem discriminação por suas línguas e culturas. Conforme argumenta Ivo (2019, p. 43), a discriminação não se direciona à língua, mas, sim, ao seu falante:

[...] o povo *Ofayé* tomou a decisão de não ensinar a língua indígena aos filhos aos filhos, acreditando que com isso as crianças e jovens sofreriam menos preconceitos na escola da cidade. Estavam enganados, os *Ofayé* são fortemente discriminados na escola brasileira que frequentam (Ivo, 2019, p. 43).

Na seção seguinte, será apresentado um recorte da história do povo Guarani, bem como de alguns elementos socioculturais constitutivos do povo Guarani-Mbyá.

3.1 O Povo Guarani

Esta seção versa sobre o povo Guarani, apresentando breve percurso histórico, classificação linguística, características culturais dessa parcialidade e outros aspectos relacionados ao povo.

Rodrigues (1945) descreve que, à época da chegada dos europeus à América do Sul, dentre os milhares de povos originários que habitavam o continente, foram localizados aqueles grupos que, mais tarde, seriam compreendidos como membros de uma mesma família linguística, a *Tupi-Guarani*¹⁰. Complementa Litaiff (1996, p. 18): “[...] a família Tupi-Guarani é composta por um conjunto de línguas que se reconhece descendem de uma língua anterior, neste caso, pré-colombiana e não documentada historicamente [...]”.

Espacialmente, estavam distribuídos da seguinte maneira: no litoral do Atlântico, encontravam-se os povos provenientes do *Proto-Tupi* e, ao sul, os descendentes do *Proto-Guarani*. Englobar os dois povos como descendentes de uma só família — a *Tupi-Guarani*¹¹

¹⁰Neste trabalho, são adotadas as normas da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) que dispensam a flexão de gênero e número nos etnônimos (Reunião Brasileira de Antropologia, 1955).

¹¹Rodrigues (1985, p. 30) apresenta as aproximações entre os dois ramos, o Tupi Antigo (TA) e o Guarani Antigo da família linguística: (GA). Pedra (pt-br): Itá (TA) e Itá (GA). Mão dele mesmo (pt-br): opó (TA) e opó (GA).

— é uma forma de apontar-lhes características linguísticas semelhantes, conforme ilustra Rodrigues (1985).

Assim, os estudos, ao longo dos anos, demonstraram a proximidade entre o *Tupi* (falado no litoral do Brasil) e o *Guarani* (falado na região do Prata e nas redondezas), o que, segundo Cardim (2009), era evidenciado na prática comum da vivência entre os colonos e os falantes nativos, gerando a falsa impressão de se tratar de um mesmo idioma.

Meliá (1992) esclarece que, ao passo que algumas características físicas e culturais os assemelham, outras deixam claro se tratar de povos com características próprias, fato que justifica sua denominação própria:

[...] os Tupi privilegiaram o cultivo da mandioca amarga, o que os levou a produzir artefatos cerâmicos e utensílios apropriados para retirar o veneno ácido da mandioca e assim produzir a farinha e o *mbeju*, que os europeus denominariam “o pão da terra”, o povo Guarani, ao povoar terras mais temperadas e até frias, dedicou-se mais ao cultivo do milho, da mandioca doce, da batata, das abóboras e de diferentes tipos de feijão (Meliá, 1992, p. 19).

Ivo (2018), portanto, fala a respeito das aproximações e dos distanciamentos entre os dois ramos no decorrer dos anos, esclarecendo que: “[...] as diferenças entre os dois ramos dialetais, o Tupi e o Guarani, foram se acentuando com o passar dos séculos, embora algumas semelhanças tenham permanecido e sido notadas pelos que aqui chegaram para a conquista” (Ivo, 2018, p. 40).

Na seção seguinte, serão descritos alguns movimentos migratórios, sem, contudo, ir a fundo na completude do fato que desencadeou a migração, uma vez que esse aprofundamento não faz parte do escopo deste estudo.

3.2 Os movimentos migratórios Tupi-Guarani

Ivo (2018) descreve que o *tronco Tupi* efetuou movimentos migratórios até se instalar, majoritariamente, no litoral do Brasil-Colônia (espaço geográfico que vai do atual Estado do Pará até a cidade de Laguna — Santa Catarina):

Eu dormi (pt-br); akér (TA) e aké (GA). Eu e ele dissemos (pt-br): oró ‘(TA) e oró ‘e (GA). Eu o escutei (pt-br): asenúb (TA) e ahénú (GA).

[...] acredita-se que de um primeiro tronco linguístico, o *Tupi*, desprenderam-se diversos grupos, por meio de um processo que teria durado em torno 3.000 anos, durante o qual povos do *tronco Tupi* teriam se dispersado pela bacia amazônica, valendo-se dos cursos propícios das águas. Uma segunda fase de dispersão geográfica teria se dado em virtude de grandes oscilações climáticas. Segundo essa hipótese, uma onda migratória teria chegado à bacia do Paraguai e por ela descido ao rio Paraná, subindo este e chegando ao litoral atlântico (Ivo, 2018, p. 27).

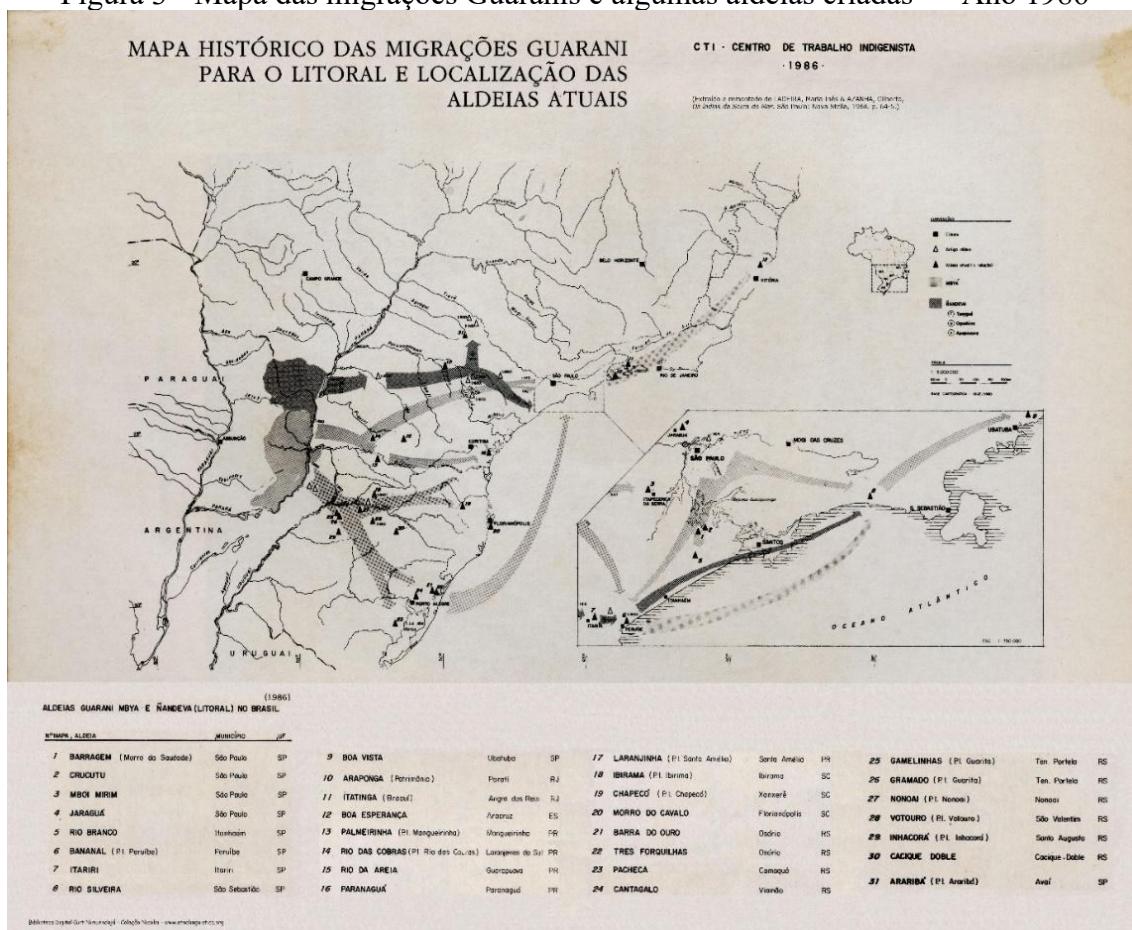
Quanto ao tronco Guarani, originalmente, como estudos indicam, uma primeira e significativa migração desses povos partiu da Bacia Amazônica em direção à região do Rio do Prata e a adjacências, conforme descrevem Rodrigues (1985) e Litaiff (1996), por volta de 2000 anos atrás:

[...] motivados talvez, por um notável aumento demográfico numa época que coincide com o começo de nossa era, há uns 2000 anos atrás. Esses grupos que conhecemos como guarani passaram a ocupar as selvas subtropicais do Alto Paraná, do Paraguai e do Uruguai médio...os guaranis continuarão sua expansão migratória até os tempos da invasão europeia no Rio da Prata (na década de 1520) e ainda em plenos tempos históricos até nossos dias (Litaiff, 1996, p. 121).

Uma segunda migração significativa ocorreu da região do Prata e da bacia do Rio Paraná em direção ao Brasil-Colônia. Alguns fatores provocam a entrada do povo Guarani no território brasileiro, dentre eles os movimentos migratórios, que, segundo Meliá (1983) e Edelweiss (1947), são motivados, especialmente, por aspectos religiosos. Litaiff (1996, p. 122) acrescenta outras motivações, como as “[...] guerras ocorridas dos séculos dezoito e dezenove, em seus territórios, como: a do Paraguai, Tríplice Aliança, e a destruição das reduções”. Essas últimas coadunam-se com as narrativas trazidas por Cadogan (1949 *apud* Litaiff, 1996), em que os Guarani migram do Oeste para o Leste, em busca da Terra sem Mal (*Yvy Marã E'ŷ*). Complementa Nimuendajú (1987, p. 75), sobre a compreensão do termo: “[...] Marã é palavra que [...] em Guarani antigo significa ‘doença’, ‘maldade’, ‘calúnia’, ‘luto-tristeza’, etc. yvy, significa ‘terra’ e’ŷ, partícula negativa ‘sem’ [...]”.

A seguir, tem-se uma representação das migrações do povo Guarani:

Figura 3 - Mapa das migrações Guaranis e algumas aldeias criadas — Ano 1986



Fonte: Ladeira e Azanha (1988, p. 64).

Acredita-se que a entrada no território brasileiro tenha se dado por meio do movimento em direção ao Paraná, chegando aos Estados do Sul e Sudeste, onde, até hoje, habitam, especialmente os Guarani-Mbyá.

Conforme explica Meliá (1983), no período colonial, encontram-se várias denominações étnicas dos vários grupos indígenas que habitavam essa região. Os Caaguá ou Moteses eram os habitantes da selva¹², assim denominados genericamente, elucida Meliá (1983, p. 52). Essa denominação contemplava outras variações, a saber: “[...] Cainguá, Ka’yguá, Kai’vá, Kayová, Cayuá, etc.”, ilustra o autor. Os povos Mbyá, chamados genericamente de Monteses, aparecem tardivamente, na literatura do século XVIII, e, conforme o local em que eram encontrados, recebiam outras denominações:

Os Mbyá foram, tardivamente, conhecidos no século XVIII, como monteses de Mba’ everá, entre Acaray e Monday. As vezes eles eram chamados de

¹²“Desde el siglo XVIII a estos grupos, en cuanto no colonizados, se les designaba con el nombre genérico de Caaguá o Monteses, es decir, habitantes de la selva” (Meliá, 1983, p. 52).

Tarumá, por estarem na zona junto aos povos de “São Estanislao” e “São Joaquim”. Tem recebido, posteriormente, multiplas denominações: Apyreté, Tembekuá, Tambeopé, Ka’yngua, incluindo Baticola. Sua autodenominação religiosa é a de Jeguakáva tenondé (= os adornados como homens)¹³ (Meliá, 1983, p. 53, tradução nossa).

Na atualidade, o povo Guarani está localizado em diferentes países da América Latina — Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia —, sendo o Guarani-Mbyá o mais falado da família Tupi-Guarani, segundo Rodrigues (1945).

Conforme explica Ivo (2018, p. 30), as parcialidades de povos Guarani¹⁴ no Brasil são os “Guarani-Mbyá, Nhandeva, Nhandewa e Guarani-Kaiowá”. O foco do estudo envolverá, no entanto, apenas o Guarani-Mbyá, que, segundo Ladeira (2023), tem uma população estimada em torno de 27.380¹⁵ no Brasil.

Meliá (1983), ao tratar das mudanças ocorridas na colônia Sul-americana colonizada por espanhóis, apresenta um rol de nações indígenas encontradas por volta de 1500 e que, com o passar do tempo, desapareceram. Esse processo, segundo o autor, é justificado “[...] pelo desaparecimento de seus falantes ou por absorção e assimilação de seus membros nos processos coloniais uniformes”¹⁶ (Meliá, 1983, p. 49). Por outro lado, houve, na região da colonização Guarani, no território paraguaio, forte influência do espanhol na língua: “No século XX, a história linguística do guarani é a história de sua ‘hispanización’ com acentuação nos fenômenos linguísticos coloniales: ‘hispanización’ do léxico, ‘castelanización’ de certas categorias gramaticais e redução de seu campo expressivo ao estritamente coloquial”¹⁷ (Meliá, 1983, p. 49).

Ainda segundo Meliá (1983, p. 46), o processo evolutivo de convivência contribuiu com a preservação de muitas línguas naturais, principalmente, do Guarani. Os fatores que contribuíram foram:

¹³“Los Mbyá fueron tardíamente conocidos en el siglo XVIII como monteses dei Mba' everá, entre el Acaray y Monday. A veces se les ha llamado Tarumá, por estar en esta zona junto a los pueblos de San Estanislao y San Joaquín. Han recibido posteriormente múltiples denominaciones: Apyteré, Tembekuá, Tambeaopé, Ka'yngua, incluso Baticola. Su autodenominación religiosa es la de Jeguakáva tenondé (= los adornados como hombres)” (Meliá, 1983, p. 53).

¹⁴Neste trabalho, são adotadas as normas da ABA que dispensam a flexão de gênero e número nos etnônimos (Reunião Brasileira de Antropologia, 1955).

¹⁵Dados atualizados em 1 de nov. de 2023.

¹⁶[...] por desaparición de sus hablantes o por absorción y asimilación de sus miembros en procesos coloniales uniformadores” (Meliá, 1983, p. 44).

¹⁷“En este siglo XX, la historia lingüística del guaraní es la historia de su hispanización, con acentuación de los fenómenos lingüísticos coloniales: hispanismos en el léxico, castellanización de ciertas categorías gramaticales y reducción de su campo expresivo a lo estrictamente coloquial” (Meliá, 1983, p. 49).

Devido à imigração espanhola muito deficiente, que, ao fim do século XVI, havia quase cessado, devido também à mestiçagem inicial desse pequeno núcleo espanhol com as mulheres Guarani e aos escassos instrumentos com que contavam a administração colonial para introduzir formalmente o castelhano, a população manteve a língua Guarani como a língua do Paraguai¹⁸ (Meliá, 1983, p. 46, tradução nossa).

Após a guerra, no ano de 1870, reforça Meliá (1983), a população teve a força de manter o Guarani como língua oficial do Paraguai, fato que se verifica ainda nos dias atuais.

No Brasil, o povo Guarani, atualmente, está localizado em diferentes estados da federação. Ivo (2018, p. 64-71) elenca aldeias desse grupo étnico:

Quadro 1 - Aldeias Guarani no Brasil

TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO	PARCIALIDADE(S)
RIO GRANDE DO SUL		
Campo Bonito	Torres	Guarani-Mbyá
Cantagalo	Viamão, Porto Alegre	Guarani-Mbyá
Capivari	Palmares do Sul	Guarani-Mbyá
Estiva	Viamão	Guarani
Estrada do Mar	Osório	Guarani-Mbyá
Guarani Barra do Ouro	Maquiné, Riozinho, Caraá	Guarani
Guarani Votouro	Benjamin Constant do Sul	Guarani – Nhandeva
Guarita	Erval Seco, Redentora, Tenente Portela	Guarani
Irapuá	Caçapava do Sul	Guarani
Itapuá	Viamão	Guarani
Kaaguy Poty	Estrela Velha	Guarani
Altas Claras	Major Gercino	Guarani-Mbyá
Lami	Porto Alegre	Guarani
Lomba do Pinheiro	Porto Alegre	Guarani
Mato Preto	Erechim, Erebango, Getúlio Vargas	Guarani -Nhandeva
Morro do Coco	Viamão	Guarani
Nonoai	Rio dos Índios, Nonoai, Planalto, Gramado dos Loureiros	Guarani – Nhandeva
Pacheca	Camaquã	Guarani
Passo Grande	Barra do Ribeiro	Guarani
Ponta da Formiga	Barra do Ribeiro	Guarani
Rio Capivari - Porã	Capivari do Sul	Guarani
Riozinho RS	Riozinho	Guarani-Mbyá
Salto Grande do Jacuí	Salto do Jacuí	Guarani
Varzinha	Caraá, Maquiné	Guarani-Mbyá
SANTA CATARINA		
Águas Claras	Major Gersino	Guarani-Mbyá

¹⁸“Debido a com inmigración española muy débil, que a fines del siglo XVI había incluso casi cesado, debido también al mestizaje inicial de este pequeño núcleo español con las mujeres guaraníes, y a los escasos instrumentos con que contaba la administración colonial para introducir formalmente el castellano, la población mantuvo la lengua guaraní como lengua del Paraguay” (Meliá, 1983, p. 46).

TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO	PARCIALIDADE(S)
Amaral/Tekoá Kuriy	Biguaçu	Guarani-Mbyá
Cachoeira dos Inácios	Imaruí	Guarani-Mbyá
Cambirela	Palhoça	Guarani-Mbyá
Canelinha	Canelinha	Guarani-Mbyá
Guarani de Araçáí	Cunha Porã, Saudades	Guarani-Nhandeva.
Ibirama	Doutor Pedrinho, Jose Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis	Guarani
Massiambu	Palhoça	Guarani-Mbyá
Mbiguaçu	Biguaçu	Guarani-Mbyá, Guarani-Nhandeva
Morro Alto	São Francisco do Sul	Guarani-Mbyá
Morro da Palha	Biguaçu	Guarani-Mbyá
Morro dos Cavalos	Palhoça	Guarani
Pindoty	Araquari, Balneário Barra do Sul	Guarani-Mbyá
Piraí	Araquari	Guarani-Mbyá
Xapecó	Abelardo Luz, Ipuaçu, Entre Rios	Guarani
Ygua Porã (Amâncio)	Biguaçu	Guarani
PARANÁ		
Araçáí (Karuguá)	Piraquara	Guarani
Avá-Guarani do Ocoí	São Miguel do Iguaçu	Avá e alguns Kaiowá
Cerco Grande	Guaraqueçaba	Guarani
Ilha da Cotinga	Paranaguá	Guarani-Mbyá
Kaaguy Guaxy - Palmital	União da Vitória	Guarani
Laranjinha	Abatiá, Santa Amélia	Guarani – Nhandeva
Mangueirinha	Chopinzinho, Coronel Vivida, Mangueirinha	Guarani < Mbyá
Pinhalzinho	Tomazina	Guarani < Nhandeva
Rio Areia	Inácio Martins	Guarani
Rio das Cobras	Chopinzinho, Coronel Vivida, Mangueirinha	Guarani-Mbyá e Nhandeva
Sambaqui	Pontal do Paraná	Guarani -Mbyá
Tekoha Añetete	Diamante D'Oeste	Guarani – Nhandeva
Tekoha Guassú Guavirá (Araguajú/Terra Roxa)	Guaira	Guarani-Nhandewa e Kaiowá
Tekoha Itamarã	Diamante D'Oeste	Guarani-Nhandewa Guarani-Mbyá
Yvyporã Laranjinha	Laranjinha	Guarani-Nhandewa
MATO GROSSO DO SUL		
Aldeia Limão Verde	Amambaí	Guarani-kaiowá
Amambaí	Amambaí	Guarani-kaiowá
Apapeguá	Ponta Porã	Guarani-kaiowá
Arroio-Korá	Paranhos	Guarani-kaiowá
Buritizinho	Sidrolândia	Guarani-kaiowá
Caarapó	Caarapó	Guarani-kaiowá
Cerrito	Eldorado	Guarani-Nhandeva
Dourados	Dourados, Itaporã	Guarani-kaiowá/ Guarani-Nhandeva
Dourados-Amambaipeguá I	Amambai, Dourados, Naviraí	Guarani
Dourados-Amambaipeguá II	Amambai, Dourados, Naviraí, Caarapó, Juti, Laguna Carapã	Guarani
Dourados-Amambaipeguá III	Dourados, Caarapó	Guarani
Garcete Kuê (Nhandeva Peguá)	Sete Quedas	Guarani
Guaimbé	Laguna, Carapã	Guarani-kaiowá
Guaiuvry-Joyvy (Amambaipeguá)	Ponta Porã	Guarani-kaiowá
Guasuti	Aral Moreira	Guarani-kaiowá

TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO	PARCIALIDADE(S)
Guyraroká	Caarapó	Guarani-kaiowá
Iguatemipegua I	Iguatemi	Guarani-kaiowá
Iguatemipegua II	Amambai, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Dourados, Iguatemi, Paranhos e Tacuru	Guarani-kaiowá
Iguatemipegua III	Tacuru	Guarani-kaiowá
Jaguapiré	Tacuru	Guarani-kaiowá
Jaguari	Amambaí	Guarani-kaiowá
Jarara	Juti	Guarani-kaiowá
Jatayvari	Ponta Porã	Guarani-kaiowá
Laguna Piru (Nhandeva Peguá)	Eldorado	Guarani
Laranjeira Nhanderu (Brilhantepeguá)	Rio Brilhante	Guarani-kaiowá
Mocajá (Ñandévapeguá)	Amambai, Coronel Sapucaia, Paranhos e Tacuru	Guarani
Ñande Ru Marangatu	Antônio João	Guarani-kaiowá
Panambi - Lagoa Rica	Douradina, Itaporã	Guarani-kaiowá
Panambizinho	Dourados	Guarani-kaiowá
Pirajuí	Paranhos	Guarani-Nhandeva
Pirakua	Bela Vista, Ponta Porã	Guarani-kaiowá
Porto Lindo	Japorã	Guarani-Nhandeva
Potrero Guaçu	Paranhos	Guarani-Nhandeva
Rancho Jacaré	Laguna Carapã	Guarani-kaiowá
Sassoró	Takuru	Guarani-kaiowá
Sete Cerros	Paranhos	Guarani-Nhandeva/ Guarani-kaiowá
Sombrerito	Sete Quedas	Guarani-Nhandeva
Sucuriy	Maracaju	Guarani-kaiowá
Takuaraty/Yvykuarusu	Paranhos	Guarani-kaiowá
Taquaperi	Coronel Sapucaia	Guarani-kaiowá
Taquara	Juti	Guarani-kaiowá
Ypoi/Triunfo	Paranhos	Guarani-Nhandeva
Yvy-katu	Japorã	Guarani-Nhandeva
SÃO PAULO		
Amba Porã	Miracatu, Sete Barras	Guarani-Mbyá
Araribá	Avaí	Guarani-Nhandewa
Boa Vista Sertão do Promirim	Ubatuba	Guarani-Nhandewa
Boa Vista Sertão do Promirim	Ubatuba	Guarani-Mbyá
Djaiko-Aty	Miracatu, Sete Barras	Guarani-Nhandewa
Guarani da Barragem	São Paulo	Guarani-Nhandewa – Mbyá
Guarani do Aguapeú	Mongaguá	Guarani-Nhandewa
Guarani do Ribeirão Silveira	Santos, São Sebastião	Guarani-Nhandewa
Ribeirão Silveira	Bertioga, Salesópolis, São Sebastião	Guarani-Mbyá/ Guarani- Nhandewa
Itaoca	Mongaguá	Guarani-Mbyá
Jaraguá	São Paulo/Osasco	Guarani-Nhandewa
Kaaguy Hovy (Tekoa Itapuã)	Iguape	Guarani-Nhandewa
Kaaguy Hovy (Tekoa Itapuã)	Miracatu, Sete Barras	Guarani-Mbyá
Karugwá (Guarani Barão de Antonina)	Barão de Antonina	Guarani-Nhandewa
Krukutu	São Paulo	Guarani-Nhandewa
Pakurity	Cananéia	Guarani-Mbyá
Bananal	Peruíbe	Guarani-Nhandewa
Piaçaguera	Peruíbe	Guarani-Nhandewa
Pyhau (Guarani Barão de Antonina)	Barão de Antonina	Guarani-Nhandewa
Rio Branco Itanhaém	Itanhaém, São Vicente, São Paulo	Guarani-Nhandewa e Mbyá

TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO	PARCIALIDADE(S)
Serra do Itatins	Itariri	Guarani-Nhandewa e Mbyá
Takuari	Eldorado	Guarani-Nhandewa e Mbyá
Tapyi/Rio Branquinho	Cananéia	Guarani-Mbyá
Tekoa Guaviraty	Iguape	Guarani-Mbyá
Tekoa Pindoty	Pariquera-Açu	Guarani-Mbyá
Tekoha Porã (Itaporanga)	Itaporanga	Guarani-Nhandewa
Tenondé Porã	Mongaguá, São Bernardo do Campo, São Paulo, São Vicente	Guarani-Nhandewa e Mbyá
RIO DE JANEIRO		
Araponga	Paraty	Guarani-Mbyá
Paraty-Mirim	Paraty	Guarani-Mbyá
Tekoha Jevy (Rio Pequeno)	Paraty	Guarani-Nhandewa
Bracuí	Angra dos Reis	Guarani-Mbyá

Fonte: Ivo (2018, p. 64-71) - Adaptado do Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Na seção seguinte, tem-se alguns elementos importantes da cosmovisão Guarani-Mbyá.

3.3 O modo de ser Guarani-Mbyá

Esta seção tem um começo, mas sabe-se que ainda ficará muito por registrar devido à grandiosidade da cultura Guarani-Mbyá. No entanto, espera-se que estas palavras possam dar o norte dos principais símbolos de sua cosmovisão e tradição.

A cultura do povo Guarani-Mbyá é rica e sua vida sociocultural pauta-se pela relação harmônica com o outro, com a natureza e, principalmente, com os seres espirituais que os orientam enquanto se dá sua jornada na terra, em termos de espiritualidade. A religiosidade é manifesta e atuante na sociedade Guarani-Mbyá, por meio da qual se observa a presença de *Nhanderu* — pai criador ou ‘nosso primeiro pai’ — com frequência, presente e devotado nas músicas, nos textos e na literatura Mbyá, sendo o pai dos demais deuses. Machado e Ferreira (2016) apresentam detalhes sobre como isso de delineia:

De acordo com a cosmogênese guarani, *Nhanderu* (Pai de toda criação), nesse caso representado pelo zênite, criou quatro deuses principais para a criação da Terra e dos seres viventes, estes quatro deuses são representações dos quatro pontos cardinais. O Norte é representado por *Jakaira*, deus da neblina vivificante e das brumas que abrandam o calor, origem dos bons ventos. O Leste é *Karai*, deus do fogo e do ruído do crepituar das chamas sagradas. No Sul, *Nhamandu*, deus do Sol e das palavras, representa a origem do tempo-espacço primordial. No Oeste, *Tupã*, é deus das águas, do mar e de suas extensões, das chuvas, dos relâmpagos e dos trovões (Machado; Ferreira, 2016, p. 43).

Ivo (2023) acrescenta que os deuses Guarani¹⁹ possuem um nome correlato feminino, ou seja, Nhanderu ‘nossa pai’ (masculino)/Nhandexy ‘nossa mãe’ (feminino), assim como as demais divindades, Karaí (masculino)/Kerexu (feminino), Tupã (masculino)/Pará (feminino), Jakairá (masculino)/Tataxi(feminino).

Ademais, os Mbyá possuem um conjunto de textos sagrados que descrevem elementos importantes de sua cultura²⁰. A religiosidade é responsável por uma série de direcionamentos na sociedade Mbyá, a saber: nomes, curas, fenômenos meteorológicos — chuvas, entre outros.

Melatti (2023) descreve a relação homem (ser encarnado na terra) e alma:

Os membros do subgrupo Mbyá, [...] acreditam que cada indivíduo possui três almas, sendo duas boas e uma ruim. A alma ruim e uma das almas boas produzem manifestações relativas a outras pessoas que estão perto ou longe do indivíduo. A outra alma boa está incumbida da segurança do indivíduo. A sede dessas almas é o corpo todo. Se todas elas se retirarem a um só tempo do corpo, o indivíduo morre. Quando ele morre, a alma ruim fica vagando pela terra, como assombração. Sua parte boa ingressa no céu; às vezes, devido aos pecados do indivíduo, tem que esperar um pouco antes de entrar no céu, isto é, até a decomposição total do corpo. Diferentemente dos Nhandéva, os Mbyá não acreditam que as almas possam reencarnar (Melatti, 2023, p. 134).

O sistema de contagem é outro item que recebe, igualmente, influência da religiosidade. A numeração tradicional relaciona até o número 5. Esse número não é ao acaso, como explica Takuá (2023): “[...] o número cinco refere-se aos cinco deuses”. Na atualidade, consegue-se perceber acréscimos de números maiores que cinco, no entanto, como ensina Takuá (2023) “[...] são inovações trazidas pelos mais novos”²¹.

O *Tekó* (o modo de ser e viver do Guarani-Mbyá) é outro símbolo desse povo de grande importância, conforme retratado por Ivo (2018):

[...] é ele que conecta a sociedade como um todo. O *Tekó* conecta as pessoas, une a comunidade, mesmo quando ela se encontra sob divisões políticas. É o *Tekó* que dá ao indivíduo o pertencimento ao grupo, é o que dá a interpretação da vida diária, do sobrenatural, da vida pós-morte e da atuação dos deuses. É a descrição do *Tekó* que mostra, por exemplo, a organização do calendário anual Guarani em dois ciclos. Nos termos Mbyá, o Ará Pyau, o ciclo novo e o Ará Yma, o ciclo velho, que dão as regras sobre o tempo do plantio, o tempo

¹⁹Neste trabalho, adotamos as normas da ABA que dispensam a flexão de gênero e número nos etnônimos (Reunião Brasileira de Antropologia, 1955).

²⁰Um grande número deles pode ser obtido na obra de Cadogan (1959), que documentou boa parte desses processos religiosos.

²¹Comunicação oral da profª da etnia Guarani Mbyá, Simone Takuá, em aula do curso Guarani-Mbyá, em jun. de 2023.

da colheita, o tempo da caça e da pesca, o tempo para a realização dos batismos etc. Isso é ensinado costumeiramente na casa de reza (Ivo, 2018, p. 55).

As casas de reza, de acordo com o exposto por Ivo (2018, p. 55), são chamadas de *Opy*, onde se realizam as “[...] as cerimônias, ritos e outras atividades, como a cura dos enfermos [...]”. Acrescenta, ainda, a autora que os não indígenas podem ter acesso a esse ambiente, entretanto, determinadas cerimônias ocorrem apenas entre nativos Mbyá, informação corroborada por Litaiff (1996).

O modo de ser Guarani-Mbyá é um verdadeiro código de conduta desse povo, assim como descreve a importância da religiosidade, bem como sua relação econômica com a natureza. Segundo Litaiff (1996), o modo de ser Guarani-Mbyá é um verdadeiro código de conduta:

Os principais fatores adscritivos necessários para “ser Mbyá”, são: 1- nascer e viver em uma aldeia Mbyá; 2- praticar endogamia unindo-se somente a membros de uma das famílias que constituem a população dessas aldeias; 3- falar o idioma nativo utilizado por todos os indivíduos da comunidade; 4- jamais abandonar as leis e regras sociais (“ethos”) contidas em seu sistema cultural “tekó”; 5- Não cometer violência contra seus “parentes Mbyá” ou qualquer estranho; 6- Mbyá puro deve ser enterrado no cemitério da aldeia; 7- Não abandonar a religião do grupo, praticando diariamente a oração noturna; 8- Preservar e nunca explorar comercialmente a terra e seus recursos naturais, pois o “mato nossa casa” (lembmando também que a Terra para o Mbyá é um ser vivo dotado de vegetação que são seus “pelos”; 9- procurar alimentar-se com “comida do mato”, evitando produtos industrializados e, principalmente, bebidas alcoólicas; 10- Sempre seguir ao Cacique da aldeia, cujas palavras devem ser ouvidas todas as vezes que este as proferir (Litaiff, 1996, p. 147-148).

Há, na cosmovisão do Guarani-Mbyá, uma noção diferente de posse sobre os recursos naturais. Os nomes são categorizados como possuíveis alienáveis, possuíveis inalienáveis e os elementos não possuíveis, como partes da natureza (sol, plantas etc.) Para eles, os recursos naturais não podem ser possuídos e são, na realidade, empréstimos provenientes da bondade de *Nhanderu*.

A contagem de tempo e a exatidão são *status* almejados na língua do não indígena (*juruá*²²), no entanto, para os Guarani-Mbyá, não há essa necessidade, como relata Takuá (2023):

²²*Juruá* é o termo para ‘não indígena’ em Guarani-Mbyá.

[...] muitas vezes, não se tem como saber a idade de muitos anciãos, pois sua idade é contada a partir da taquara. A taquara leva 30 anos para ficar bonita e, depois seca. Fica um tempo sem dar e, novamente, mais 30 anos para ficar bonita. A idade é realizada a partir da secagem da taquara. 30 anos equivale a uma taquara (Takuá, 2023)²³.

As relações estabelecidas pelos povos Guarani-Mbyá com seu entorno destacam-se pela harmonia cultivada, conforme mencionado anteriormente. Embora esses elementos semelhantes possam ser identificados em outras culturas, no contexto Guarani-Mbyá, esses aspectos assumem contornos singulares, refletindo a especificidade de sua cosmovisão e sua organização sociocultural. Diante disso, percebe-se a necessidade de que instrumentos de organização ou representação do conhecimento adotem propostas alinhadas com as culturas que representam.

Dentre os símbolos culturais já mencionados, pode-se destacar a língua como um viés que harmoniza a sociedade e as pessoas, bem como a forma de aceitação ou não de outras etnias junto ao povo Mbyá. A seguir, portanto, serão abordados os traços gerais da língua.

3.4 A língua do povo Guarani-Mbyá

Esta seção busca refletir sobre a importância da língua para o sistema sociocultural do povo Mbyá. A língua, com a religiosidade e o meio ambiente, forma uma tríade que fortalece a organização social e cultural desse grupo indígena. Conforme descreve Litaiff (1996, p. 140), em um relato obtido de um dos nativos: “[...] se o Mbyá deixar a religião dele, a língua; vai começar a beber, faz baile; tem briga com parente, casa com branco e desaparece a nação; morre o índio”.

Os Guarani-Mbyá possuem uma certa seletividade em relação a outros grupos étnicos. Litaiff (1996, p. 124) retrata a situação, em tela, ao abordar a busca por terras boas para plantar e morar, o que, para os Mbyá, significa “[...] evitar áreas ocupadas por outros grupos étnicos [...]”. Explica o autor, ainda, o fato dos povos Guarani-Mbyá “[...] não se estabelecerem em locais que possam facilitar o acesso a estranhos [...]”²⁴. Mais à frente, o autor relata a dificuldade de convivência com os não indígenas (*juruá*) e mesmo com outros grupos étnicos:

²³Informação verbal fornecida por Simone Takuá, professora indígena da etnia Guarani-Mbyá, em aula do curso Guarani-Mbyá, em jun. de 2023.

²⁴Relato obtido dos povos Guarani-Mbyá, encontrados em Bracuí/RJ.

[...] mas não dava pra ficar perto do Kaingang, ele é diferente, ele civiliza muito, é muito civilizado, é mais fácil de deixar sistema que Guarani. Essa é a diferença que tem. A língua é diferente, não dá pra entender. Do Xiripá²⁵ dá; Kaingang não. O Xiripá é Guarani também; o Kaingang não é. O sistema do Kaingang é diferente, mistura, hoje quase tudo caboclo. A diferença é que o Guarani quer segurar o sistema, os jovens também, o Kaingang não, Xiripá também; o Mbyá é diferente. A reza deles é diferente também. Não dá pra ficar junto deles, tem que ficar perto do parente, não pode misturar, assim acaba nossa nação (Litaiff, 1996, p. 127)²⁶.

Quanto ao uso da língua, Ivo (2019) elucida que, nas comunidades Guarani-Mbyá, há bilinguismo (português/Guarani). A língua materna é utilizada com primazia, em diferentes contextos, embora, na atualidade, frente aos desafios sociais e ao avanço da língua portuguesa nas aldeias, percebe-se o uso cada vez maior do português pelos jovens, observando-se certa desvalorização da língua indígena pelas gerações mais novas.

Atualmente, observa-se um crescimento das discussões acadêmicas em torno da necessidade de projetos que promovam revitalização, fortalecimento e valorização das línguas e culturas indígenas. Não há acesso a estudos mais recentes que tenham mapeado os resultados dessas políticas de uso da língua indígena, mas há propostas não apenas da academia, mas, também, projetos dirigidos pelos próprios indígenas.

Schaden (1997 [1958])²⁷, em sua obra, ao narrar os vários elementos presentes nos textos narrativos da criação, contados pelas diversas gerações do povo Guarani-Mbyá, apresenta muitos aspectos da estrutura e do funcionamento da sua língua, além dos aspectos culturais, como os vários elementos da criação de *Nhamandu* (verdadeiro pai) e a da Origem da Linguagem Humana. Abaixo, o fragmento de um dos textos registrados, atribuindo origem divina à criação da linguagem:

Quadro 2 - Trecho parte do Conto Mítico sobre criação da Linguagem

A ORIGEM DA LINGUAGEM HUMANA	AYVU RAPYTA
O verdadeiro Pai <i>Nhamandu</i> , o primeiro, de uma pequena porção de sua própria divindade, da sabedoria contida em sua própria divindade, sabedoria criadora, criou a chama e a neblina tênue	Ñamandu Ru Ete tenondegua oyvára peteñgui, oyvárapy mba'ekuaágui, okuaararávyma tataendy, tatachina ogueromoñemoña

²⁵Xiripá refere-se aos Ñandeva ou Nhandeva.

²⁶Relato do Guarani-Mbyá Luiz Eusébio, em Litaiff (1996, p. 127).

²⁷O *Ayvu Rapyta*, obra de Cadogan, segundo Schaden (1997 [1958]), é uma compilação de textos míticos e ensinos religiosos dos Mbyá, em que se pode observar a essência da religiosidade Guarani.

<p>Havendo assumido a forma humana, da sabedoria contida em sua própria divindade, sabedoria criadora, concebeu a origem da linguagem humana da sabedoria contida em sua própria divindade, sabedoria criadora, Nosso Pai criou a origem da linguagem humana Antes que a terra existisse, Em meio à escuridão primitiva, Sem a existência do conhecimento <i>Namandu Ru Ete tenondegua</i> criou o que seria a linguagem humana</p>	<p>Oãmyvyma oyvárapy mba'ekuaágui, okuaararávyma ayvu rapytarã i oikuaa ojeupe.</p> <p>Oyvárapy mba'ekuaágui, okuaararávyma, ayvu rapyta oguerojera, oguerooyvára Nande Ru. Yvy oiko'eýre, ptyú yma mbytére mba'e jekuaa'eýre, ayvu rapytarã i oguerojera, oguerooyvára Namamdu Ru Ete tenondegua.</p>
---	--

Fonte: Cadogan (1946), traduzido por Ivo (2018).

A língua Guarani-Mbyá reflete, em todos os aspectos, o conhecimento que esse povo carrega desde muitas migrações e que, cada vez mais, experiencia o processo de descrição de seus elementos socioculturais. Para tanto, muitos advogam que o sucesso desse processo de descrição e registro advém de esforços em conjunto de várias áreas do conhecimento.

Na seção seguinte, serão apresentadas as teorias que ancoram esta pesquisa, assim como será apontado o diálogo que se dá entre as mesmas, traçando um paralelo com sua atuação na língua Guarani-Mbyá.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES PARA A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO LEXICOGRÁFICA DA LÍNGUA INDÍGENA

Esta pesquisa desenvolve-se em um contexto de diálogos interdisciplinares, buscando convergências entre as teorias que possibilitem a categorização de dados em múltiplas dimensões ou facetas, em vez de se restringir a uma estrutura hierárquica única. Essa abordagem visa identificar e agrupar as palavras e as expressões dentro de um mesmo campo semântico, facilitando a localização do tema principal em um contexto psicossocial. Para tanto, a pesquisa toma, como ponto de partida, a Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan (1967), que se mostra adequada para a atuação classificatória de léxicos originados da cosmovisão e da sociocultura indígena.

Complementariamente, a pesquisa aborda as polissemias, sinonímias, os dados variacionistas e outras características específicas dos léxicos indígenas ancorados na Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré (1998).

Adicionalmente, a Teoria dos Campos Lexicais fundamenta uma abordagem estruturada e analítica na interpretação e categorização das palavras de uso indígena, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de seus conteúdos e significados. Essa perspectiva integra uma tríplice estrutura teórica, construída com base em diálogos interdisciplinares, cuja descrição será apresentada na próxima seção.

4.1 Diálogos interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Linguística

O conhecimento epistêmico desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das pesquisas científicas, uma vez que fornece os pilares teóricos e metodológicos necessários para uma abordagem rigorosa e confiável.

O ponto de partida do traçado epistemológico lança suas bases na contextualização social dessa representação e na organização dos elementos socioculturais encontrados na linguagem de uma comunidade de povos indígenas.

A temática indígena ainda é pouco explorada²⁸ no âmbito da Ciência da Informação. Para promover avanços nesse domínio, torna-se essencial estabelecer bases epistêmicas

²⁸Levando-se em conta o período da pesquisa.

adequadas. Nesse contexto, este estudo recorre às concepções da filosofia da linguagem, fundamentadas nos ensinamentos de Wittgenstein (1922; 1999), e à Epistemologia Social, apresentada por Shera (1977).

A obra de Wittgenstein é dividida em duas fases distintas: uma primeira, com uma abordagem centrada na lógica argumentativa, indo além da Epistemologia, ao explorar as relações entre lógica, pensamento e linguagem, o que auxilia na construção de representações do mundo. Em sua segunda fase, seu olhar sobre a filosofia da linguagem adota uma perspectiva mais dinâmica do processo comunicacional, na qual o significado das palavras deixa de ser definido apenas pelo conceito proposto, passando a ser determinado pelo uso prático das palavras e dos signos em contextos específicos, onde ocorrem os “jogos de linguagem”, ensina Ferraro (2021).

Essa transição marca uma mudança significativa na compreensão da linguagem e em seu papel na comunicação e na representação da realidade. O conceito de “jogos de linguagem”, apresentado por Wittgenstein (1953 *apud* Ferraro, 2021), ilustra a ideia de fluidez inerente ao processo comunicacional, evidenciando a relação entre linguagem, contexto e significado. Assim, ao se compreender os “jogos de linguagem”, percebe-se a importância desse contexto de emprego da palavra como elemento norteador à compreensão do mundo no qual está imerso o falante e como representativo desse universo de significados. Desse modo, “[...] em múltiplos contextos, a maneira como as palavras passam a ser empregadas é que torna uma série de distintas conotações possíveis [...]” (Ferraro, 2021, p. 1).

As duas fases são demarcadas pelas suas principais obras: na primeira fase, o filósofo apresenta a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) e o segundo momento de seu legado é marcado pela publicação do livro *Investigações filosóficas* (Wittgenstein, 1953 *apud* Ferraro, 2021).

Wittgenstein (1999) emprega um entendimento de fluidez e contextualização na linguagem, em que o entendimento parte da multiplicidade de uso. A perspectiva onomasiológica, que se concentra na relação entre os conceitos e as suas designações, pode ser alinhada com a ideia de Wittgenstein (1999) de que as palavras têm significados que são moldados por suas aplicações em contextos específicos. Para Wittgenstein (1999), a busca por uma palavra que corresponda a um conceito pode ser vista como uma tentativa de entender como a linguagem se relaciona com a realidade. Por outro lado, a semasiologia, que investiga as significações das palavras, ressoa com essa ideia de Wittgenstein de que o significado é uma função do uso. O autor argumenta que as palavras não têm um significado fixo, mas adquirem significados variados dependendo do contexto em que são empregadas. Essa última

interpretação dialoga com os movimentos de variação das línguas naturais, compreensão que norteia a Teoria Comunicativa Terminológica (TCT) e que fundamenta este estudo. Segundo Cabré (1999) — idealizadora da TCT — a linguagem não é estática e sofre interferências de acordo com o uso e o contexto em que é empregada.

O outro viés do traçado epistemológico sobre o qual se ancora esta pesquisa diz respeito aos aspectos técnicos oriundos dos processos de organização e representação da informação, cuja prática de se registrar um conhecimento oral para o escrito é secular. Nesse sentido, Burke (2003) traz uma série de momentos históricos, em diversas nações em que o conhecimento teve, como base, saberes orais, transcritos, em algum momento, para os suportes materiais.

No seio da temática das populações não hegemônicas, nasce a necessidade da Epistemologia Social, a obra de Shera (1977), cujo destaque aborda a importância da informação tanto para os indivíduos quanto para as sociedades como um todo. O autor reflete sobre a maneira como a necessidade de informação influencia e direciona tanto o comportamento individual quanto o coletivo. Shera (1977) destaca, nesse sentido, que a necessidade de informação não é apenas uma característica inerente aos seres humanos, mas que, também, exerce um papel fundamental na formação e no desenvolvimento das sociedades:

É a base do comportamento coletivo, tanto quanto do comportamento individual. [...] Mas para ser transmitido dentro de um grupo e absorvido por qualquer grupo, o que é conhecido por cada um dos membros deve ser comunicado e comunicável. Desse modo, conhecimento e linguagem são inseparáveis, pois a linguagem é a estruturação simbólica do conhecimento em forma comunicável e porque é o instrumento através do qual o conhecimento é comunicado. A própria linguagem pode determinar tanto o comportamento e a conduta individuais, como grupais (Shera, 1977, p. 2).

Shera (1977) remete, em suas reflexões, como se vê a seguir, sobre a perda das linguagens primitivas pela falta de registro, ao fato ao qual este projeto vai de encontro, buscando, pelo registro efetivo, provocar uma materialidade mais palpável sobre a representação das línguas de povos autóctones:

[...] Mas a fala sozinha não poderia satisfazer a necessidade de informação do homem, pois a comunicação oral foi severamente limitada pelas fronteiras temporais da memória humana e dos perímetros espaciais do contato humano. Assim, mesmo que o homem pudesse se comunicar — no caso, de indivíduo para indivíduo — através consideráveis distâncias e de geração a geração, uma simples quebra na cadeia, e a ideia estaria perdida — talvez para sempre. Artifícios mnemónicos, tais como a rima, foram concebidos para auxiliar na preservação desta cadeia, mas quando muito, eles foram insuficientemente eficazes. O segundo grande passo no processo de comunicação veio quando o

homem descobriu que era possível, por meio de alguma forma de registro gráfico, transcender espaço e tempo tornando-o independente da memória humana e do contato físico. Ele descobriu que poderia estender sua experiência registrando seus pensamentos sobre alguma substância ou matéria mais durável, e de uma forma mais exata do que na memória humana. Com o desenvolvimento da transcrição fonética, tornou-se possível representar sons, assim como conceitos [...]. A importância destas duas formas básicas do processo de comunicação — o direto ou primário (oral) e o indireto ou secundário (gráfico) — para o desenvolvimento da cultura humana será dificilmente exagerável; na verdade é completamente impossível para alguém conceber uma sociedade sem elas, pois o conceito de cultura do antropólogo moderno pressupõe a existência desses processos de comunicação (Shera, 1977, p. 2).

Nesta pesquisa, a demanda pelo registro é enriquecida pelos diálogos interdisciplinares estabelecidos ao longo do processo investigatório. Destacam-se as interações entre a Ciência da Informação e a Linguística, sobretudo no âmbito da Organização do Conhecimento. Esses diálogos evidenciam a necessidade em se alargar o olhar tradicional — frequentemente generalista e preocupado com necessidades informacionais de uma população hegemônica —, em favor de representações que contemplem as minorias, contribuindo para uma compreensão e uma organização do conteúdo mais representativa dessa população que, por sua vez, se desdobra na recuperação eficaz da informação. Nesse universo multifacetado da informação, há olhares e valores sociais que só conseguem ser capturados por meio dessa transversalidade, conforme apresenta Pombo (2005):

Trata-se de compreender que o progresso do conhecimento não se dá apenas pela especialização crescente, como estávamos habituados a pensar. A ciência começa a aparecer como um processo que exige também um olhar transversal. Há que olhar para o lado para ver outras coisas, ocultas a um observador rigidamente disciplinar (Pombo, 2005, p. 8).

Marcondes (2021) sugere que, ao se buscar a representação da informação e do conhecimento, faz-se necessário ir além da CI/OC, ou seja, ir além das propostas descritivas e temáticas. Nesse sentido, a pesquisa baseia-se no diálogo construtivo entre a Linguística Indígena e a Organização do Conhecimento.

Dessa forma, tem-se a Ciência da Informação — representada, neste estudo, no domínio da Organização do Conhecimento —, que se concentra na relação entre os conceitos, o que permite agrupá-los em classes ou facetas, conforme suas características mais proeminentes, além de viabilizar a criação de estruturas de navegação que promovam maior eficácia na recuperação da informação, e a Linguística (Lexicografia), apresentando a estrutura das línguas, o significado das palavras e os seus empregos.

Percebe-se, portanto, que são áreas que têm perspectivas e metodologias que podem dialogar na construção de um processo de organização do conhecimento e de recuperação da informação.

Desse modo, observa-se uma linha tênue que, por vezes, pode assumir um caráter mais alinhado à Ciência da Informação, devido a sua forma sistemática e classificatória, ao mesmo tempo em que se conecta à Linguística e à Lexicografia, em função da natureza do objeto de pesquisa. Nesse sentido, reforça-se o caráter interdisciplinar que o próprio estudo carece, no intuito de acompanhar a informação e os seus processos, perspectiva bem retratada nos estudos de Saracevic (1996):

A Ciência da Informação é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais (Saracevic, 1996, p. 7).

O zelo ao retratar o conhecimento de uma etnia diversa daquela do observador constitui um aspecto importante para este estudo. Embora o objeto retratado seja o mesmo, a interpretação e a compreensão do sujeito cognoscente conferem-lhe um alcance tão diverso que a desconsideração dessa dinâmica pode vir a comprometer a eficácia da organização e representação da informação.

D'Angelis (2020, p. 21) faz o alerta em relação ao registro de línguas: “[...] a língua sem emprego, sem uso, não é língua; é código”. Portanto, a disponibilização de uma lista de palavras, sem mostrar seu contexto, seus inter-contextos e suas ligações com a cultura e a sociedade, demonstra a falta de um entorno importante para um instrumento que se dispõe a representar uma cultura diversa, motivo pelo qual se faz necessária uma visão ampliada sobre a representação.

O objetivo desta seção foi advogar sobre a importância da articulação entre áreas do conhecimento para o alcance de soluções mais complexas. Na seção seguinte, portanto, serão abordados os fundamentos das teorias que ancoram esse diálogo.

4.2 A Organização do Conhecimento

A Organização do Conhecimento, como um campo multidisciplinar, ou, ainda, conforme Dahlberg (2006), uma ciência voltada para organização sistemática e gestão do

conhecimento, visa criar relações lógicas e significativas entre os conceitos, permitindo a recuperação eficiente das informações e a descoberta de conhecimento. Baseia-se, sobretudo, em princípios da Ciência da Informação, Biblioteconomia, Ciência Cognitiva e Ciência da Computação para organizar informações em vários formatos, como documentos, bancos de dados e recursos digitais.

A Organização do Conhecimento é apresentada pelo seu objeto e sua área de atuação, como explica Dahlberg (2006):

[...] a área objeto já está indicada no nome organização do conhecimento. O nome inclui uma simples combinação de conceitos, em que já estão indicados o objeto e sua própria área de atuação [...] ‘conhecimento’ no sentido de ‘o conhecido’ e ‘organização’ no sentido de a atividade de construir algo de acordo com um plano (Dahlberg, 2006, p. 2)²⁹.

Hjørland (2003, p. 88) apresenta uma conceituação ampla da OC que, entre outras coisas, está organizada em: “[...] divisão social do trabalho, às instituições sociais que atuam com este saber, linguagens e sistemas simbólicos, teorias e sistemas conceituais, bem como literatura e gêneros [...]”³⁰. Barité *et al.* (2015), por sua vez, apresenta a OC como uma área alicerçada na perspectiva do “conhecimento socializado” e ancorada em uma série de requisitos científicos que não se limitam a questões aplicadas:

[...] Área de conhecimento de formação recente, que estuda as leis, os princípios e os procedimentos pelos quais se estrutura o conhecimento especializado em qualquer disciplina, com a finalidade de representar rematicamente e recuperar a informação contidas nos documentos de qualquer índole, por meios eficientes que forneçam uma resposta rápida às necessidades do usuário (Barité *et al.*, 2015, p. 122, tradução nossa)³¹.

Tradicionalmente, é compreendida por uma atuação racional e neutra, como explica Hjørland (2003, p. 11):

²⁹“[...] the object area is already given in the name knowledge organization. The name includes a simple concept combination, in which the object and its own activity area are already indicated, [...], i.e. ‘knowledge’ in the sense of ‘the known’ and ‘organization’ in the sense of the activity of constructing something according to a plan. These two concepts cover, therefore, the object area of knowledge organization” (Dahlberg, 2006, p. 2).

³⁰“Knowledge is organized in, among other things: – The social division of labour (e.g., in disciplines) – Social institutions (e.g., in universities) – Languages and symbolic systems – Conceptual systems and theories – Literatures and genres” (Hjørland, 2003, p. 88).

³¹“[...] Área del conocimiento de formación reciente, que estudia las leyes, los principios y los procedimientos por los cuales se estructura el conocimiento especializado en cualquier disciplina, con la finalidad de representar temáticamente y recuperar la información contenida en documentos de cualquier índole, por medios eficientes que den respuesta rápida a las necesidades de los usuarios. [...] El objeto de estudio de la Organización del Conocimiento es el conocimiento socializado o registrado [...]” (Barité *et al.*, 2015, p. 122).

Uma visão vê os conceitos científicos, teorias e campos como refletindo uma realidade neutra e objetiva. Isso pode ser denominado ciência como uma metáfora do espelho e está relacionado ao racionalismo. [...] Outra visão pode ver os conceitos científicos, teorias e campos como ferramentas úteis construídas para que os seres humanos possam acomodar as demandas da vida (Hjørland, 2003, p. 11).

Tal ótica recebe, na atualidade, alguns questionamentos, entre os quais pode-se citar os de Mazzocchi (2018), que lança dúvidas sobre a eficiência do parâmetro universal e dominante aplicado à CI no alcance e na representatividade da diversidade das culturas existentes. Lara e Corts Mendes (2022, p. 1) corroboram com o mesmo entendimento, acrescentando que o “[...] conhecimento e sua construção envolvem processos plurais ancorados em contextos socioculturais”. Percebe-se que estas considerações anunciam a releitura da tradicional OC, o que se reflete em uma Teoria Crítica da OC que busca dar vazão à pluralidade e à diversidade social.

Hope Olson (1999) é outro expoente desse segmento. A autora usa sua voz para tecer considerações sobre o universo da invisibilidade e do apagamento de certos grupos. Suas argumentações vão de encontro ao universalismo das aplicações, à validade das metas universais únicas, aos valores pré-definidos e às descobertas excessivamente uniformes, conforme elucidam Martinez-Ávila *et al.* (2018)³².

Nesse contexto, tem-se os novos desafios que se apresentam à Organização e à Representação do Conhecimento, por meio do movimento multiculturalista³³, composto por pessoas pertencentes a “grupos sociais e a grupos marginalizados” e cuja reivindicação, nas palavras de Lima (2022, p. 116), “também adentrava nas áreas do conhecimento, cujos sujeitos, alocados nas zonas marginais conhecimento, tinham seus saberes invisibilizados”, ou seja, antes inviabilizados, agora sujeitos ativos de seu processo de organização e representação.

Nos Estados Unidos, emerge, como subcampo pertencente à OC, a *Indigenous Knowledge Organization* (IKO), ou Organização do Conhecimento Indígena (OCI), que vem sendo delineada como:

[...] um campo emergente de estudo focado nos protocolos e métodos de descrição, nomeação, co-localização e fornecimento de acesso para objetos e materiais que são de importância para as formas de conhecimento indígenas.

³²Entrevista com Hope Olson, por Martinez-Ávila *et al.* (2018).

³³O multiculturalismo é um movimento de grupos sociais e marginalizados, tais como feministas, afrodescendentes, LGBTQIA+, indígenas, quilombolas, dentre outros.

A IKO centra-se na experiência e pensamento indígenas [...] (Littletree; Belarde-Lewis; Duarte, 2020, p. 413, tradução nossa)³⁴.

Conforme apresentam Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020), o objetivo da OCI é refletir a heterogeneidade do conhecimento indígena, assim como prover as necessidades informacionais de seu público. Conforme as autoras, a OCI possui objetivos e metodologias de trabalhos próprios do universo que se predispõe a representar.

Na visão de García Gutiérrez (2006), as ciências responsáveis pelo tratamento da informação (ciências que trabalham com indexação, catalogação etc.) incorporam aspectos modernos, entretanto, muitas permanecem com o seu processo de trabalho que continua a refletir uma visão unilateral baseada em parâmetros ocidentais, conforme se vê a seguir:

São ciências que adotam paradigmas, divisões, hábitos e nomenclaturas do pensamento moderno, que pretendem representar em arquivos, catálogos, mapas e outros artefatos de inscrição e classificação de conhecimentos, com os quais mantêm um regime de dependência, determinando todas as práticas cognitivas da vida cotidiana ocidental. Mais ainda: mediante a maquinaria de transmissão colonial, e atualmente neocolonial, transladam-se os esquemas e cosmovisões da ciência metropolitana a outros territórios e mentalidades que bem poderiam sobreviver distantes deles (García Gutiérrez, 2006, p. 4).

Dialogando com García Gutiérrez (2006; 2011), Hope Olson (Martinez-Ávila *et al.*, 2018) corrobora com o entendimento de que a OC possui a tendência em seguir parâmetros ocidentais, fato que, para uma cultura dominante, é oportuno e coerente, no entanto, não se pode dizer o mesmo para culturas não hegemônicas. Hope Olson (Martinez-Ávila *et al.*, 2018, p. 2) descreve os padrões universais:

[...] nossos padrões para a organização do conhecimento (KO) são derivados de uma lógica aristotélica que é permeada por três características: 1) classes mutuamente exclusivas, ou seja, que não há sobreposição entre categorias; 2) as classes são organizadas em uma sequência que ligam a um objetivo, eu chamo isto “teleologia”; e 3) as sequências são construídas em hierarquias e as relações hierárquicas são privilegiadas em relação a outras características (Martinez-Ávila *et al.*, 2018, p. 2, tradução nossa)³⁵.

³⁴“IKO is an emerging field of study focused on the protocols and methods of describing, naming, co-locating, and providing access to objects and materials that are of importance to Indigenous ways of knowing. IKO centers on Indigenous experience and thought” [...] (Littletree; Belarde-Lewis; Duarte, 2020, p. 413).

³⁵“[...] our standards for knowledge organization (KO) are derived from an Aristotelian logic that is pervaded by three characteristics: 1) mutually exclusive classes, that is there is no overlap between categories; 2) classes are arranged in a sequence that leads to a goal, I call this ‘teleology’; and 3) the sequences are built into hierarchies and hierarchical relationships are privileged over other characteristics” (Martinez-Ávila *et al.*, 2018, p. 2).

Ademais, Lee (2011) apresenta um estudo desenvolvido sob a perspectiva que envolve a OCI, centrando-se em questões sobre descrição e organização do conhecimento indígena. São várias ações que se entrelaçam nesse meio, a evidenciar: os aspectos de uma cultura diversa, o estabelecimento de relação com a mesma, o registro das informações, a descrição de forma clara para quem não tem o contato, enfim, são várias ações que, por vezes, uma área do saber não contempla. Então, surge a necessidade dos diálogos interdisciplinares.

No Prombyá, trabalha-se com a Organização do Conhecimento, a Linguística (Lexicografia), com fatores históricos e identitários, assim como os elementos da Tecnologia da Informação.

Na próxima seção, apresentam-se as breves definições das teorias que dão sustentação e que ancoram essas definições, iniciando-se com a Teoria da Classificação Facetada.

4.3 Teoria da Classificação Facetada

A TCF (Ranganathan, 1967), aborda os “[...] principais fundamentos teórico-metodológicos utilizados pelos classificacionistas para modelagem e representação de um domínio do conhecimento [...]”, conforme apresenta Lima (2020, p. 12).

Essa teoria, como corrente teórica necessária para nortear um processo de classificação, tem, como cerne, a ideia de faceta, em que, para Dahlberg (1978):

Os sistemas de conceitos, cujos elementos foram até agora ordenados segundo princípios formais, são chamadas classificações facetadas. Cada faceta com os respectivos elementos constitui uma categoria. A expressão “faceta” foi introduzida na teoria da classificação por Ranganathan e indica que os elementos da descrição de uma classe (por exemplo, do tema de um livro) se compõem de vários elementos da classificação com os quais, de acordo com regras próprias de cada disciplina (fórmulas das facetas), podem constituir um tema [...] No entanto a Colon Classification de Ranganathan mostra a possibilidade da construção de uma classificação facetada universal, lista apresenta a vantagem de, com apenas alguns elementos, tornar possíveis inúmeras combinações.; assim como expressar novos assuntos com conceitos já existentes, como aliás acontece com as linguagens naturais. Deve-se, além disto, notar, na construção de tais sistemas, que: 1) a estruturação formal das facetas torna possível a estruturação do respectivo assunto; 2) é necessário estabelecer regras sintático-semânticas que tornem possível o relacionamento intradisciplinar e transdisciplinar dos conceitos (Dahlberg, 1978, p. 9).

A ideia de uma classificação facetada, desenvolvida por Ranganathan (1967), é, sem dúvida, uma abordagem inovadora que procura proporcionar maior flexibilidade e adaptabilidade nos sistemas de classificação. Esse método permite que os conceitos sejam

divididos em facetas ou aspectos distintos, que podem ser combinados de diferentes formas para criar uma classificação que se adapte a diferentes necessidades de recuperação de informação. Eis os principais aspectos dessa ideia:

- a) **facetas como categorias:** Ranganathan (1967) propôs que cada conceito ou tópico pode ser dividido em várias facetas que representam diferentes aspectos ou características do tópico. Por exemplo, um livro sobre “Povos Originários” pode ser classificado por facetas como “Etnias indígenas”, “Guarani”, “Língua Guarani” etc.;
- b) **combinação de facetas:** a flexibilidade do sistema de facetas permite, aos utilizadores, combinar diferentes facetas para criar uma classificação que se adapte a contextos específicos. Isso significa que o mesmo conceito pode ser classificado de diferentes formas, em função das necessidades do utilizador ou do contexto de utilização;
- c) **adaptabilidade:** a abordagem por facetas permite que os sistemas de classificação evoluam e se adaptem facilmente a novos tópicos ou novas áreas do conhecimento. À medida que surgem novas facetas ou categorias, essas podem ser integradas sem necessidade de reestruturar completamente o sistema de classificação;
- d) **facilidade de utilização:** a classificação facetada também facilita a recuperação de informação, uma vez que os utilizadores podem procurar informação utilizando diferentes combinações de facetas, o que melhora a precisão e a relevância dos resultados.

Essa abordagem de Ranganathan não só contribui para a organização do conhecimento, como, também, reflete a complexidade e a diversidade do conhecimento humano, permitindo que os sistemas de classificação se adaptem à constante evolução da informação. Considera-se importante destacar, ainda, o entendimento da estrutura que dá base e sustentação à classificação facetada de Ranganathan, que são as categorias fundamentais: Personalidade (P), Matéria (M), Energia (E), Espaço (S) e Tempo (T), também chamadas pelo acrônimo PMEST. O contexto de criação dessas categorias surge em um momento em que as bibliotecas e os sistemas de informação buscavam maneiras mais eficazes de organizar e recuperar informações em um mundo de constante mudança.

Ranganathan, indiano, matemático, bibliotecário e teórico da informação, desenvolveu o PMEST na primeira metade do século XX, em resposta às limitações dos sistemas de classificação existentes, que, muitas vezes, eram rígidos e não conseguiam capturar a complexidade dos temas contemporâneos. Infere-se que Ranganathan percebeu que a

organização do conhecimento não poderia ser feita de maneira linear ou hierárquica, mas, sim, de forma multifacetada, refletindo a diversidade e a interconexão dos conceitos.

Cada uma das categorias do PMEST permite que um conceito ou documento seja analisado sob diferentes perspectivas, proporcionando uma visão mais abrangente e detalhada. Por exemplo, ao classificar um documento sobre “Direitos Indígenas”, o analista pode identificar a “Personalidade” como povos indígenas, a “Matéria” como o próprio Direito, a “Energia” como a luta por esses direitos, o “Espaço” como o país de origem, por exemplo, o Brasil, e o “Tempo” como o período em que esses direitos começam a fazer parte das políticas públicas, tendo-se, como base, por exemplo, a demarcação de terras e a preservação de suas culturas, ao longo dos séculos XX e XXI.

Além disso, o PMEST reflete uma mudança paradigmática na forma como o conhecimento é organizado, enfatizando a importância da análise contextual e da inter-relação entre diferentes conceitos. Essa abordagem influenciou não apenas o campo da Biblioteconomia, mas, também, outras disciplinas que lidam com a organização e recuperação de informação. Representa, portanto, uma resposta às limitações dos sistemas de classificação tradicionais, oferecendo uma metodologia mais dinâmica e adaptativa que captura a complexidade do conhecimento humano.

Obviamente, há críticas a esse modelo, a exemplo de Foskett (1973), que detalhou vantagens e desvantagens em seu uso, relacionadas à ordem de citação correta de assuntos, e, também, do *Classification Research Group* (CRG), que considerou que as categorias fundamentais deveriam ser identificadas de acordo com o contexto de um determinado assunto, não devendo ser imposta uma lista exaustiva dessas categorias, conforme explica Lima (2004). Diante disso, destaca-se que, a partir de estudos em cooperação iniciados em 1952, o CRG apresentou uma versão atualizada do PMEST de Ranganathan, com as seguintes categorias: Tipos de produto final, Partes, Materiais, Propriedades, Processos, Operações, Agentes, Espaço, Tempo e Forma de apresentação, segundo Piedade (1983).

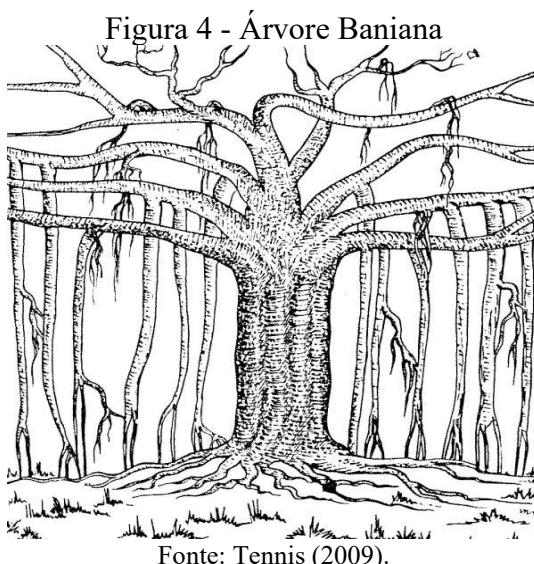
A TCF, no cenário da organização do conhecimento e recuperação da informação, fornece os elementos para o arcabouço teórico necessário às classificações de temas complexos, bem como os conteúdos a serem descortinados, conforme apresenta Campos (2001, p. 25): “Ranganathan é um dos primeiros teóricos da classificação bibliográfica que, ao explicar a natureza desta atividade, deixa evidente a necessidade de elaborar esquemas de classificação que possam acompanhar as mudanças e a evolução do conhecimento”.

Para Campos (2001), a TCF nasce da inquietação de Ranganathan com os sistemas de classificações bibliográficas preponderantes à época e cujas dificuldades residiam na “[...]

adequação dos assuntos tratados nos documentos à estrutura classificatória existente nos esquemas” (Campos, 2001, p. 29-30). O método destoava ao tratar de novos assuntos, provocando incertezas em sua classificação, conforme explica:

Os Classificacionistas anteriores a Ranganathan organizam os esquemas a partir dos assuntos representativos da literatura da área, naquele momento histórico, isto é, os elementos constitutivos dos esquemas são os assuntos representados a partir da frequência de ocorrência na literatura. Só permitem, por isso mesmo, representar o conhecimento já estabelecido. Daí a dificuldade em classificar assuntos novos, muitos dos quais ainda sem um nome fixado. Pode-se afirmar que, naqueles esquemas, não ocorre a ligação entre o conhecimento e as classificações, mas entre os assuntos dos documentos e as classificações (Campos, 2001, p. 32).

A partir da *Colon Classification*, há um planejamento classificatório para os assuntos recentes e os futuros, por meio de “[...] um esquema que garante um lugar para os novos assuntos que venham a surgir com a dinâmica do conhecimento [...]” (Campos, 2001, p. 30). Os assuntos correlacionam-se, o que pode direcionar a uma classificação diversa do seu estado original ou a uma classificação mista. Outras vezes, o assunto pode dar ensejo a novos assuntos e assim por diante, o que faz necessário buscar uma teoria diversa e mais dinâmica. O conhecimento assemelha-se aos galhos da Árvore Baniana (Figura 4) que, segundo Lima e Maculan (2024, p. 19), representa a “[...] a ideia de que os assuntos podem se inter-relacionar de modos complexos e até mesmo imprevistos, gerando novas subdivisões, ou seja, novas classes e subclasses, que é o sentido multidimensional pensado pelo autor [...]”.



O simbolismo que encerra a representação na Árvore Baniana, ensinam Lima e Maculan (2024), é a apresentação do conhecimento “como um organismo vivo” e que, nas palavras de Lima (2020, p. 70), é fruto de um processo que se utiliza das Ciências Cognitivas, ou seja: “[...] o conhecimento é representado pela totalidade das ideias armazenadas pela memória humana, passando por processos sensoriais, permeados pelas experiências cognitivas de cada indivíduo, formando, assim, os conceitos como produto do pensamento [...]”.

Como se viu acima, a TCF traz, em seu arcabouço, um conjunto de elementos que se propõe a nortear o processo de classificar os assuntos. Nessa perspectiva, a elaboração dos cânones e dos princípios por Ranganathan, inspirado em Sayers, o qual considerou como o primeiro gramático da classificação de bibliotecas (Ranganathan, 1961), representa um marco fundamental à TCF, estabelecendo diretrizes que orientam a estruturação das classes de conceitos dentro das categorias. Dividiu, portanto, a estruturação da Teoria em três planos de trabalho: plano das ideias, plano verbal e o plano notacional. Campos (2001, p. 45) complementa a contribuição da TCF nos três níveis de análise do assunto, em que o plano ideacional é aquele “[...] onde existe a formação de todo o processo do pensar, pois ele se relaciona com o trabalho da mente [...]. Já o plano verbal, por sua vez, “tem por função permitir que a linguagem possa ser uma mediadora para a comunicação de ideias ou conceitos: ela deve ser livre de homônimia e de sinônimia, particularmente em se tratando de uma linguagem classificatória que não é uma linguagem natural”, ensina Campos (2001, p. 46). Por fim, o plano notacional permite “[...] a representação dos assuntos existentes nos documentos e a manipulação do arranjo dos documentos [...]”, bem como o acolhimento aos novos conceitos, nas palavras da autora (Campos, 2001, p. 47).

Outra contribuição diz respeito às cinco Leis da Biblioteconomia (Ranganathan, 1931), onde, em cada plano, o trabalho é executado por um total de 55 cânones, 22 princípios e 13 postulados. Esses cânones não apenas definem a lógica subjacente à classificação, mas, também, servem como base para a formulação de princípios que regem a ordenação das classes e de seus elementos.

Nessa perspectiva, Ranganathan (1967) desenvolveu os princípios para a organização dos conceitos dentro das categorias como parte de sua contribuição à Teoria da Classificação Facetada, que tem como principal objetivo oferecer uma abordagem mais flexível e representativa para a organização do conhecimento. Uma das características que norteiam tais princípios é a multidimensionalidade do conhecimento, pois, partindo-se da premissa de que a natureza do conhecimento é intrinsecamente multidimensional, se acredita que Ranganathan

almejou que essa teoria refletisse essa realidade, voltando-se para o entendimento de como a pessoa humana organiza e comprehende a informação.

Assim, tais princípios visavam permitir que os conceitos fossem organizados de maneira que suas diversas facetas pudessem ser exploradas e inter-relacionadas, em vez de serem tratadas de forma isolada, e, com isso, organizar os conceitos de maneira lógica e coerente, favorecendo o processo de localização e recuperação da informação de forma mais eficiente, atendendo a necessidades específicas de pesquisa e consulta. Essa estrutura lógica para a organização dos conceitos permite que as classes de conceitos sejam agrupadas de maneira que reflitam suas relações e hierarquias.

Nesse sentido, tal estruturação é essencial para a construção de um sistema de classificação que seja intuitivo e de fácil navegação, por exemplo. Além disso, a TCF, sustentada por esses princípios, oferece flexibilidade e adaptabilidade, permitindo a inclusão de novos conceitos e novas disciplinas sem a necessidade de reestruturar todo o sistema. Tal característica é crucial, sobretudo no contexto de constante evolução, onde novos conhecimentos e novas áreas de estudo estão sempre emergindo.

Campos (2001) apresenta os elementos da TCF — facetas, o foco e o isolado. Aqui, as facetas são entendidas como “[...] um termo genérico usado para denotar algum componente — pode ser um assunto básico ou um isolado — de um assunto composto, tendo, ainda, a função de formar renques, termos e números [...]” (Campos, 2001, p. 47). Renques são “[...] são classes formadas a partir de uma única característica de divisão, formando séries horizontais [...]”, e cadeias são “[...] séries verticais de conceitos em que cada conceito tem uma característica a mais ou a menos, conforme a cadeia descendente ou ascendente [...]” (Campos (2001, p. 51). Sendo assim, segundo a autora, os renques e as cadeias sinalizam para uma “[...] organização da estrutura classificatória que é totalmente hierárquica, evidenciando as relações hierárquicas de gênero-espécie e de todo-parte [...]” (Campos, 2001, p. 51).

Barbosa (1969, p. 167) apresenta o foco como cada subdivisão de uma faceta, atingindo-se essa condição ao se concentrar unicamente em uma dessas subdivisões. Lima (2020) sintetiza outros conceitos-chave da teoria apresentada por Ranganathan, quais sejam: assunto básico e ideia isolada:

Todo assunto é oriundo de um assunto básico somente, e seu componente vem de uma ou mais ideias isoladas, formando, assim, o assunto composto. O assunto básico é um assunto sem nenhuma ideia isolada como componente. A ideia isolada (isolado) é alguma ideia, ou complexo de ideias, moldada(o) para formar um componente de assunto; mas, sem seu contexto, ela não é considerada um assunto. Para o autor, ideia é um produto do pensamento, da

reflexão, da imaginação, que passou pelo intelecto, integrando, com a ajuda da lógica, uma seleção de conjuntos de percepções, que são diretamente apreendidas pela intuição e depositadas na memória. A informação seria dada no momento em que uma ideia é comunicada por outros ou obtida a partir do conhecimento pessoal (Lima, 2020, p. 70).

A TCF oferece a categorização de assuntos ancorada em categorias fundamentais, quais sejam: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. Barbosa (1969) apresenta as categorias fundamentais como reflexos dos assuntos das facetas. Campos (2001, p. 55), por sua vez, elucida que as facetas “[...] fornecem a visão de conjunto dos agrupamentos que ocorrem na estrutura, possibilitando, assim, o entendimento global da área”.

Com o passar dos tempos, a dinamicidade da TCF passa a ser aplicada em outros arranjos, conforme explicam Silva e Miranda (2020), sobre a aplicação da Teoria para suprir a ânsia por organizar o cotidiano e os elementos que o circundam. Nesse contexto, localiza-se a Organização do Conhecimento: “[...] na qual encontram-se estudos que investigam a multidimensionalidade como um caminho para organizar a informação, inicialmente em ambientes físicos, mas que transcendem aos digitais, ao acompanhar a dinamicidade imposta pelas mudanças na sociedade humana” (Silva; Miranda, 2020, p. 2).

Silva (2018), ademais, destaca a multidimensionalidade da Teoria, ressaltando sua aplicação em ambientes digitais, cuja contribuição para modelagem da arquitetura de naveabilidade auxilia não somente a encontrabilidade da informação, conforme se vê a seguir:

[...] a teoria da classificação facetada (TCF), do indiano Ranganathan (1892-1972), oferece caminhos de navegação e busca variados sobre o mesmo objeto, cabendo ao usuário escolher o trajeto a ser percorrido. Trata-se de um ambiente multidimensional (poli hierárquico) onde a cognição do usuário será o real guia no uso do ambiente, seja ele físico ou digital (Silva, 2018, p. 38).

As teorias aqui retratadas, portanto, deram o aporte necessário para organização, classificação, relação entre conceitos e seu agrupamento, no entanto, para completar o estudo léxico/conceitual, foram necessários os aportes da Linguística e da Lexicografia, temática abordada na próxima seção.

4.4 A Linguística e a Lexicografia

Ferdinand Saussure, ao propor a Linguística como ciência, apontou a dicotomia língua/fala — a fala como um “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 1995, p. 22) e a língua como um fator social. Foi William Labov (2008 [1972]) que apresentou, a partir da

sua pesquisa, um modelo de descrição e interpretação linguística para o uso da língua considerando a fala em contextos sociais, o que inaugurou os estudos da chamada Sociolinguística Variacionista.

Dois conceitos cruciais para essa área são a variação e a mudança linguística. Para a Sociolinguística, as línguas naturais operam sempre com variações, o que significa dizer que todas as línguas apresentam formas variáveis para um mesmo termo. A língua é, pois, nessa perspectiva, concebida como heterogênea, sendo a heterogeneidade inerente ao funcionamento de qualquer língua natural: “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; é mais bem definido como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à linguagem” (Labov, 2008 [1972], p. 158). Para além da variação, as línguas naturais mudam com o tempo e essas mudanças podem ser compreendidas por meio de variáveis: “[...] o dado variável também é governado por fatores sociolinguísticos, como o estilo contextual, classe socioeconômica, sexo e grupo étnico” (Labov, 2008 [1972], p. 96).

Ligadas à Linguística, nascem outras subáreas, como a Lexicografia, a Terminologia, entre outras. A gênese do trabalho lexicográfico remonta ao período em que os dicionários auxiliavam no entendimento das glosas em latim, conforme explica Krieger (2006). Contudo, a Lexicografia vai além do estudo do léxico e ganha os entornos de uma ciência aplicada com o uso vinculado à produção de dicionários, conforme Krieger (2006). É conhecida por sua compilação e a elaboração de dicionários. Desse modo, entre suas atividades, envolve-se na seleção, definição e organização das palavras de uma língua, bem como na descrição de seu uso, seus significados e outras informações relevantes.

No entanto, Bevilacqua e Finatto (2006, p. 45) elucidam que o objetivo de uma obra lexicográfica ultrapassa a perspectiva funcional, ou seja, “[...] é também um tipo de repositório ou de registro de todo um patrimônio sociocultural configurado pela língua, de modo que oferece bem mais do que respostas simples [...].” A seguir, as autoras apresentam a perspectiva da obra lexicográfica que dialoga com a pesquisa ora realizada:

A finalidade da obra lexicográfica é, na percepção do usuário, a de, simplesmente, dirimir dúvidas. Sob essa ótica, sua principal missão será auxiliar os falantes nativos de uma língua com suas dificuldades de ortografia, de categorização e gramatical de palavras, além de prestar esclarecimentos sobre o significado e o uso de uma palavra pouco utilizada [...] (Bevilacqua; Finatto, 2009, p. 44).

Sobre esse aspecto, vem a Lexicografia auxiliar na preservação do conhecimento ameaçada pela vulnerabilidade das línguas mortas e na facilitação de aquisição das línguas vivas, conforme Rey (1977 *apud* Krieger, 2020). Essa concepção dialoga com a proposta de preservação de um conhecimento de uma língua não hegemônica e, ainda, de contribuir com a disseminação do conhecimento de uma língua indígena.

A matéria-prima de uma obra lexicográfica, de antemão, é o léxico observado na forma de expressão de um falante. Segundo Ferraz e Silva Filho (2016, p. 10), “[...] o léxico é o manancial de onde os usuários da língua recolhem as unidades que vão compor o seu repertório de manifestação discursiva [...]”. Assim, Abbade (2011) apresenta a importância de se apresentar esse componente lexical:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza (Abbade, 2011, p. 1).

Além dos fatores, citados acima, que beneficiam as atividades lexicográficas, Bevilacqua e Finatto (2006) enumeram outros processos que contribuem com o êxito do trabalho lexicográfico. Inicialmente, tem-se a importância de um “corpus de referência”, que, segundo as autoras, “[...] deve ser o mais representativo possível em função do tipo de produto que se tem em mente e do tipo de usuário que se pretende atender” (Bevilacqua; Finatto, 2006, p. 46).

Em seguida, Bevilacqua e Finatto (2006) descrevem a importância dos elementos formais e descritivos dos significados. Fazendo um diálogo com o léxico Guarani-Mbyá–Português, tem-se a importância dos elementos descritivos de contexto de aplicação da palavra, dos elementos de variação entre os grupos Guarani, da descrição de classes sintáticas e semânticas, o que vem a auxiliar no tratamento da polissemia, assim como das informações de sincronia e diacronia, dentre outras informações que auxiliam no entendimento mais amplo da língua e sobre o povo Guarani-Mbyá.

Dito isso, percebe-se que o emprego da teoria dos campos semânticos ou campos lexicais surge, no decorrer da pesquisa, como forma de responder aos tratamentos lexical e semântico empregados na representação do Prombyá. Nesse contexto, conforme ensina Abbade (2012, p. 141), “[...] estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer mais um

pouco da história social do povo que a utiliza. Cada palavra tem o seu significado próprio de acordo com a época, o grupo social e o momento em que se está sendo utilizada [...].”

Como ponto de partida, surge a reflexão desse campo lexical como um conjunto de palavras que se interconectam semântica e conceitualmente, formando um sistema de significados. Para Vanoye (2003, p. 28), o campo lexical refere-se ao “[...] conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa [...]”.

A atuação com os campos lexicais, descreve Vanoye (2002, p. 28), inicia-se pelo processo de trabalho que é a análise do conteúdo de textos (individuais ou em seu conjunto). É possível realizar o levantamento das palavras, seguido da identificação de relações entre esses campos semânticos e, por fim, de seu agrupamento. Assim, complementa-se a temática: “[...] O campo lexical vale lembrar, é formado por palavras que pertencem a uma mesma área do conhecimento (domínio) e, por aquelas consideradas cognatas. Assim sendo, ao identificar o campo lexical predominante, o profissional conseguirá identificar o assunto principal [...]” (Lunardelli; Paiva; Lage, 2023, p. 5).

Coseriu (1981), considerado o pai da Teoria dos Campos Lexicais, na sua obra “Princípios da Semântica Estrutural” (1981), trata de alguns pontos que surgem no tratamento lexical, entre eles, pode-se citar a ambiguidade. Explica o autor, ao se deparar com o léxico polissêmico, que o problema se localiza em sua interpretação: “[...] o problema que se coloca é o da sua interpretação, ou seja, o da identificação de seu significado. Pois, posto que o signo é constituído de significante + significado, a ‘estruturação’ proposta por esta ‘semântica’ se reduz a identificação dos signos (desambiguação)”³⁶ (Coseriu, 1981, p. 166, tradução nossa).

No entanto, a semântica sozinha não é capaz de promover a desambiguação, complementa Coseriu (1981, p. 166, tradução nossa): “Caso contrário, o problema da desambiguação não se limita a lexicologia. Se pode ‘desambiguar’ também a gramática [...]”³⁷. O autor prossegue, então, com a preleção, apresentando formas de desambiguação com nomes.

A lógica apresentada importa pela dualidade entre mais de um campo, com funções diferentes. Essa forma de tratamento de ambiguidade, que leva em conta mais de um campo,

³⁶“[...] el problema que se plantea es el de su interpretación, es decir, el de la identificación de su significado. Pero, puesto que el signo está constituido por significante + significado, la «estructuración» propuesta por esta «semántica» se reduce a la identificación de los signos (disambiguation)” (Coseriu, 1981, p. 166).

³⁷“Por lo demás, el problema de la disambiguation no se limita a la lexicología. Se puede «desambiguar» también en la gramática” (Coseriu, 1981, p. 166).

também é aplicada ao Prombyá, em que se observa a junção entre os significantes, a classe gramatical ou semântica para atuar na desambiguação proposta.

Adiante, Coseriu (1981) apresenta que as estruturas lexemáticas podem ser paradigmáticas (primárias ou secundárias) ou sintagmáticas (afinidade, seleção e implicação). Nas primárias, localizam-se os campos lexicais e as classes lexicais. Nas paradigmáticas secundárias, encontram-se: modificação, desenvolvimento e composição. Cada divisão dessa recebe uma atribuição e relação correspondentes. Segue exemplo de estruturas paradigmáticas:

[...] As estruturas paradigmáticas são, no léxico, da mesma natureza que as estruturas paradigmáticas no resto do sistema linguístico. São estruturas constituídas por unidades lexicais que se encontram em oposição no eixo de seleção. Assim, “bom”-“mal”, “casa”-“casinha” (Coseriu, 1981, p. 169-170, tradução nossa)³⁸.

Pode-se dizer, então, que a associação entre a Lexicografia e os campos lexicais é aparente e complementar. Enquanto a Lexicografia se encarrega de organizar o léxico comum e das mais diversas áreas, de forma a promover o entendimento e a disseminação da informação, os campos lexicais ou semânticos agrupam o conteúdo em categorias semânticas, de forma a facilitar o entendimento e a interpretação.

A seguir, apresentam-se aspectos da Teoria Comunicativa Terminológica.

4.5 Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

A TCT surgiu na Espanha, tendo, como expoente, Maria Teresa Cabré. Apresenta um arcabouço teórico, prático e metodológico na perspectiva de fortalecimento de línguas não hegemônicas. Seu legado é contado a partir do fortalecimento da língua Catalã, uma língua minoritária, que, depois de tempos de proibição do seu uso³⁹ e após passar por um processo de retomada/reavivamento, a partir dos anos 1976, veio a ser usada, iniciando-se com os processos de normalização linguística. Mais à frente, para atender à atualização do léxico especializado, foi necessário se ter instrumentos de representação e de comunicação na própria língua.

³⁸“[...] Las estructuras paradigmáticas son, en el léxico, di; la misma naturaleza que las estructuras paradigmáticas en el resto de un sistema lingüístico. Son estructuras constituidas por unidades léxicas que se encuentran en oposición en el eje de la selección. Así, «bueno»-«malo», «casa» - «casita» [...]” (Coseriu, 1981, p. 169-170).

³⁹A região da Catalunha, durante o golpe militar de Franco, teve uma série de direitos anulados, entre eles, o uso da língua catalunha em situações públicas e formais. Renegada à clandestinidade, seguiu perdendo sua atualização.

A Teoria Comunicativa da Terminologia propõe uma forma social de se atuar com os termos de conhecimento comum e especializado, refletido na integração entre o científico e o social, o que se reflete no acolhimento das variações, sinonímias, dentre outros elementos. Para alcançar essa proposta, algumas mudanças metodológicas são necessárias, além da aplicação de alguns princípios como o do “valor terminológico do termo” e o da “poliedricidade do termo”, como elucidam Cabré (1998) e outros. Também destacam-se o cognitivismo, a comunicabilidade e os aspectos formais, que contribuem para os casos de variações terminológicas, de sinonímias, bem como de questões semânticas e contextuais, fundamentais para a adequada representação do conhecimento. Explica Cabré (2009) que, a partir da TCT, é possível dar uma releitura às unidades de conhecimento:

Um texto não é apenas uma unidade linguística, mas um modo de expressão social e cultural permitindo aos indivíduos relacionarem-se uns com os outros. Por conseguinte, muitos aspectos para além daqueles que são puramente linguísticos podem ser analisados em ordem para caracterizar um texto corretamente. Primeiro, os textos são unidades linguísticas complexas e seguem regras de combinação de cada sistema linguístico. Segundo os textos são unidades pragmáticas complexas, porque são produzidos por pessoas que não são nem psicologicamente transparentes nem ideologicamente neutras. Terceiro, os textos são unidades sociolinguísticas complexas, porque uma linguagem é um sistema de comunicação social que ocupa um certo lugar na sociedade que a utiliza e tem uma relação com outras linguagens e suas sociedades com as quais está em contato. Finalmente, os textos são unidades culturais e antropológicas complexas que refletem e comunicam um sistema de valores culturais e ideológicos através do discurso (Cabré, 1998, p. 57, tradução nossa)⁴⁰.

Para Cabré (1998), o trabalho terminológico e o lexical são regidos por regras semelhantes. Além disso, conforme explicam Bevilacqua e Finatto (2006, p. 49), tais trabalhos são processos que se “interconectam em vários pontos”. Em um dicionário lexicográfico, é possível contemplar a prática de registro de um termo especializado. Em síntese, as autoras defendem a complementaridade dos dois trabalhos: “[...] lexicografia e terminografia cumprem

⁴⁰“A text is not just a linguistic unit but a mode of social and cultural expression allowing individuals to relate to one another. Therefore, many aspects besides those that are purely linguistic must be analyzed in order to characterize a text correctly. First, texts are complex linguistic units and conform to the rules of combination of each language system. Secondly, texts are complex pragmatic units, because they are produced by people who are neither psychologically transparent nor ideologically neutral. Thirdly, texts are complex sociolinguistic units because a language is a system for social communication that occupies a certain place in the society that uses it and has a relationship to other languages and their societies with which it is in contact. Finally, texts are complex cultural and anthropological units which reflect and communicate a system of cultural and ideological values by means of discourse” (Cabré, 1998, p. 57).

importantes funções. Os ‘desvendamentos’ da lexicografia e da terminografia, ao nosso ver, não são antagônicos; mas complementares [...]” (Bevilacqua; Finatto, 2006, p. 53).

Cabré (2009) convida a um novo olhar sobre o trabalho termo/lexical, questionando sobre o distanciamento entre a linguagem geral e linguagem especializada, e apresenta uma forma de atuação terminológica, em que se observa a função integradora entre ambas as linguagens:

[...] uma das bases sociais das línguas de especialidade e sua diversificação interna, e foram propostas hipóteses de caráter generalizador que dão lugar a modelos em que o geral e o especializado estão integrados. A linguística, a semântica e a pragmática julgam um papel essencial, pois quando os modelos linguísticos adequados para a terminologia devem ter em conta, além do aspecto formal da linguagem, suas dimensões e funções cognitivas [...] A observação dos dados terminológicos no seu discurso natural, variando em termos de adequação aos diferentes registros funcionais da comunicação especializada, mostram que são menos sistemáticos, menos unívocos e menos universais que os observados por Wüster em seu corpus normalizado. No discurso especializado oral e escrito, a terminologia é um recurso expressivo e comunicativo e, de acordo com estas duas variáveis, o discurso apresenta redundância, variável conceitual, variação sinônima, e também permite verificar que nem sempre se produz uma perfeita equivalência entre as línguas. É desta diferença de marco de observação dos dados de onde se parte a renovação da terminologia atual (Cabré, 2009, p. 3, tradução nossa)⁴¹.

O cognitivismo, atividade fruto de um processo mental, é outra ferramenta importante para interligar os termos especializados e gerais, segundo Oliveira (2023, p. 9):

Cabré recorre ao cognitivismo para ressaltar que o sistema do léxico geral e o sistema dos termos especializados necessariamente se cruzam na atividade mental dos indivíduos. Qualquer separação entre essas instâncias seria artificial, ignorando o conhecimento acumulado hoje nas ciências cognitivas.

⁴¹“[...] una las bases sociales de las lenguas de especialidad y una su diversificación interna, y se han planteado hipótesis de carácter generalizador que dan paso a modelos una los que lo general y lo especializado están integrados. Una esta lingüística, la semántica y la pragmática juegan una papel esencial, por cuanto los modelos lingüísticos adecuados para la terminología deben tener una cuenta, además de la vertiente formal del lenguaje, sus dimensiones cognitiva y funcional [...] La observación de los datos terminológicos una su discurso natural, variado una cuento a adecuación a los distintos registros funcionales de la comunicación especializada, muestra que son menos sistemáticos, menos unívocos y menos universales que los observador por Wüster una su corpus normalizado. Una el discurso especializado oral y escrito la terminología es una recurso expresivo y comunicativo y, de acuerdo una estas dos variables, el discurso presenta redundancia, variación conceptual y variación sinónímica, y además permite constatar que no siempre se produce una perfecta equivalencia entre lenguas. Es de esta diferencia de marco de observación de los datos de donde parte la renovación de la terminología actual (Cabré, 2009, p. 3).

Cabré (1998, p. 57) fundamenta os aportes iniciais de sua teoria reconhecendo a língua como símbolo “complexo e heterogêneo”, por todos os elementos e todas as relações que a compõem, indo desde os linguísticos até os não-linguísticos.

A autora sinaliza que a centralidade da teoria se encontra nas unidades terminológicas. Complementa que “[...] as unidades terminológicas compartilham com outras unidades linguísticas (morfológicas, sintagmáticas e sintáticas) a expressão do conhecimento especializado [...]”⁴² (Cabré, 2009, p. 13, tradução nossa), ancorada em uma perspectiva semasiológica que, segundo Couto (2012)⁴³, parte da palavra em busca de significações. O processo resulta em mudanças no núcleo significativo, originando as possibilidades de polissemias e sinonímias. Cabré (1998) afirma que a variação e a polissemia, por exemplo, são elementos comuns, até mesmo em um discurso especializado, e postula que é importante trabalhar a terminologia levando em conta essas nuances.

Para Cabré (1998, p. 80-81), a distinção entre as palavras e os termos é sutil, embora ambos compartilhem a função de “[...] designar objetos do mundo real [...].” Nesse sentido, ao serem analisados como unidades pragmáticas e comunicativas, diferenciam-se pela função que exercem no conteúdo informacional.

[...] termos e palabras (aqui sinônimos para referirmos aos termos) não são em si unidades diferentes: um termo não é uma unidade em si mesma sem um valor associado a todas as unidades do léxico, de forma que cada uma delas não é sozinha, como temos dito, nem termo nem palavra, sem o valor que a ativa em função de seu uso particular em um contexto comunicativo determinado. Esta proposta, denominada “Princípio do valor terminológico”, constitui um dos pilares que sustentam nosso aparato teórico (Cabré, 2008, p. 18, tradução nossa)⁴⁴.

O aspecto pragmático é, então, fundamental para compreender o processo de ativação das unidades terminológicas, pois é ele que ativa a unidade, dando origem ao Princípio do Valor

⁴²“[...] las unidades terminológicas comparten con otras unidades lingüísticas (morfológicas, sintagmáticas y sintácticas) la expresión del conocimiento especializado [...]” (Cabré, 2009, p. 13).

⁴³Interessante contraponto faz Couto (2012), em que aponta a relação de complementariedade que se apresenta entre onomasiología e semasiología: “[...] a primeira parte de fora do conceito (da coisa), e procura pela denominação que ele recebe, ao passo que a segunda parte de dentro, da palavra, de modo que há um paralelismo reverso entre elas”, elucida Couto (2012, p. 188-189).

⁴⁴“[...] términos y palabras (aquí sinónimo para referirnos a los no términos) no son en sí unidades diferentes: un término no es una unidad en sí misma sino sólo un valor asociado a todas las unidades del léxico, de forma que cada una de ellas no es por sí misma, como hemos dicho, ni término ni palabra, sino que activa o no su valor de término en función de su uso particular en un contexto comunicativo determinado. Esta propuesta, denominada ‘Principio del valor terminológico’, constituye uno de los pilares sobre los que se sustenta nuestro aparato teórico” (Cabré, 2008, p. 18).

Terminológico, como explica a autora. Esse processo altera a representação das unidades, assim como atribui outras características relacionadas ao ambiente especializado ou não:

[...] queremos dar ênfase a pragmática como fator de ativação dos valores especializados associados às unidades do léxico. É a pragmática específica de cada situação de uso que abre um esquema de representação (esquemas situacionais) nele se incluem os elementos pragmáticos próprios de cada caso que determinam a seleção de características semântico-sintáticas, projetadas no conjunto de características combinatórias com outras unidades do léxico, específicas no âmbito particular (Cabré, 2009, p. 10, tradução nossa)⁴⁵.

A condição da linguagem natural, na qual o falante de uma língua materna indígena emprega determinadas palavras, nem sempre encontra correspondência direta no português. Esse fato ressalta a importância de se considerar os aspectos contextuais e socioculturais da comunidade retratada. Sales (2007, p. 9) complementa a questão: “[...] a unidade lexical⁴⁶ que originalmente não é nem palavra nem termo, pois é a situação comunicativa que irá decidir”. No Guarani-Mbyá, o léxico *eté ‘verdadeiro’*, pode ser entendido linguisticamente como um elemento classificador, embora não seja uma palavra com sentido autônomo, ou seja, não é usado isoladamente.

O caráter poliédrico do termo é outro princípio apresentado por Cabré (2008; 2009) em que o termo é elemento multifacetado, mostrando-se nas dimensões: linguística, cognitiva e social. O caráter poliédrico dá origem à Teoria da Portas, perspectiva formulada por Cabré (2009), para contemplar a dimensão tridimensional que esse elemento assume em sua abordagem. Essa forma de atuação enseja o aspecto interdisciplinar da teoria, pela tendência e pela composição das unidades terminológicas:

[...] um componente cognitivo (a percepção das especialidades: os termos transmitem a representação dessa categorización da realidad); 2 – um componente linguístico, por quanto as unidades terminológicas são signos linguísticos, pertencem às línguas naturais, formam parte de suas gramáticas e descrevem através das mesmas propriedades, estruturas e condições que descrevem as unidades linguísticas; 3 – um componente social (os termos são

⁴⁵“[...] queremos poner énfasis en la pragmática como factor de activación de los valores especializados asociados a las unidades del léxico. Es la pragmática específica de cada situación de uso que abre un esquema de representación (esquemas situacionales) en el que se incluyen los elementos pragmáticos propios de cada caso que determinan la selección de rasgos semántico -sintáticos, proyectados en conjuntos de rasgos que describen el sentido especializado que una unidad adopta y las características combinatorias con otras unidades del léxico, específicas en un ámbito particular” (Cabré, 2009, p. 10).

⁴⁶“Una unidad léxica no es en sí ni terminológica ni no terminológica, sino que por defecto es una unidad general que puede adquirir valor especializado o terminológico cuando por las características pragmáticas del discurso se activa su significado especializado [...]” (Cabré, 2009, p. 13).

empregados para a comunicação entre os especialistas, pois também para formar novos termos e para disseminar o conhecimento espacializado), e além disso identificam grupos socioprofissionais (Cabré, 2009, p. 10, tradução nossa)⁴⁷.

A cada porta em que o termo é analisado, cabe uma teoria específica cuja coerência precisa estar alinhada com as demais portas: comunicativa, linguística e cognitiva, conforme explica Cabré (2009).

A compreensão dos conceitos é um ponto-chave na organização do conhecimento e, posteriormente, na recuperação da informação, embora, conforme apresenta Cabré (1998), a depender da área ou de seu conteúdo inédito, nem sempre se contará com a definição de conceitos. Entretanto, será necessário definir a ocorrência terminológica por meio de algum léxico, e a autora escolhe o termo para desempenhar essa função. Os conceitos são estruturas mais complexas, são unidades independentes dos termos e, no processo de atualização, apresentam mais dificuldade devido à sua complexidade, conforme Cabré:

Um conceito é um elemento do pensamento, uma construção mental que representa uma classe de objetos. Os conceitos consistem de uma série de características que são partilhadas por uma classe de objetos individuais [...]. Os conceitos são mentalmente independentes dos termos e existem antes de serem nomeados, ao contrário do significado que, como afirmou Saussure, é inseparável da sua imagem sonora (Cabré, 1998, p. 42, tradução nossa)⁴⁸.

O termo é parte constituinte da estrutura conceitual (Cabré, 1998; 2008; 2009). Segundo a autora, “[...] [1] o conceito é uma estrutura complexa, plural enquanto características e facetada enquanto suas dimensões; [...] [4] a ocorrência de um termo em um enunciado pode-se entender como uma instanciação do conceito”⁴⁹ (Cabré, 2008, p. 31, tradução nossa).

⁴⁷“[...] un componente cognitivo (la percepción y categorización de la realidad por parte de las especialidades: los términos vehiculan la representación de dicha categorización de la realidad), 2 - un componente lingüístico, por cuanto las unidades terminológicas son signos lingüísticos, pertenecen a las lenguas naturales, forman parte de sus gramáticas y se describen a través de las mismas propiedades, estructuras y condiciones que describen las unidades lingüísticas, 3 - un componente social (los términos sirven para comunicarse los expertos entre si, pero también para formar nuevos expertos y para divulgar el conocimiento especializado), y además identifican grupos socioprofesionales” (Cabré, 2009, p. 10).

⁴⁸“A concept is an element of thought, a mental construct that represents a class of objects. Concepts consist of a series of characteristics that are shared by a class of individual objects. [...] Concepts are mentally independent of terms and exist before they are named, as opposed to meaning which, as Saussure stated, is inseparable from its sound image” (Cabré, 1998, p. 42).

⁴⁹“[1] el concepto es una estructura compleja, plural en cuanto a características y facetada en cuanto a sus dimensiones; [...] [4] la ocurrencia de un término en un enunciado puede entenderse como una ‘instanciación’ del concepto” (Cabré, 2008, p. 31).

O estabelecimento de uma base teórica que permita analisar as relações entre palavras e seus significados em um contexto complexo, como o de línguas indígenas, representa um desafio, especialmente quando se busca um ponto de convergência entre os diferentes campos do conhecimento que compartilham os objetos de estudo. A noção de que as palavras não existem isoladamente, mas formam redes de significados e as relações associativas, é um princípio central que continua a ser explorado nas pesquisas atuais. Esse princípio orienta a criação de classificações que refletem as múltiplas dimensões e inter-relações das palavras, organizando-as de acordo com seu contexto e uso, conforme discutido nas seções anteriores.

A importância do falante nativo está ligada à aplicação do Princípio do Valor Terminológico e conclui que a ativação da unidade lexical ocorre por meio da observação de emprego do termo especializado em seu contexto. Assim, observando as características identificadas por Cabré (2009), trazendo os exemplos da língua Guarani-Mbyá, conforme Ivo (2023) e Ivo (2024), seguem-se as principais situações encontradas:

a) **polissemia:**

- **ovy**: ‘verde ou azul’. Como a língua não distingue lexicalmente os dois tons de cores com termos distintos, o sentido é reconhecido no contexto. Surge a necessidade de uma teoria que abrace e leve em conta essa variação.

b) **polissemia envolvendo classes gramaticais:**

- {‘-a’}: O elemento diferenciador é a função gramatical, que pode ser de um nome ou de um verbo:
 - {‘-a’} classe de nome:
 - nome possuível intransferível - **npi**: cabelo. F1p(incl) **nhande’a**⁵⁰ ‘nosso cabelo’; F1p(excl) **ore’a** ‘nosso cabelo’;
 - nome não possuível - **nnp**: fruta. **narã’a** ‘fruta da laranjeira’;
 - {‘-a’} classe de verbo:
 - verbo: **v. cair. ha’a** ‘eu caí’. F1s.;

c) **variação linguística entre parcialidades:**

⁵⁰**Nhande** e **Ore** são marcadores de posse na língua Guarani-Mbyá e equivalem ao “Nós” em português. Contudo, no Guarani-Mbyá existe o Nós (**inclusivo** - **nhande**) e o Nós (**exclusivo** - **ore**). No inclusivo, como o próprio termo já antecipa, todos que estão na conversa partilham o objeto. No exclusivo, percebe-se que alguém ou algo não é compartilhado para todos, ou seja, a exclusão do ouvinte já se torna clara na fala pelo uso do marcador. Os verbos e os nomes são flexionados nesta língua (Ivo, 2024).

- *mbyja* (Kw/Nv⁵¹) e *jaxy tata* (Mb/Nw⁵²) ‘estrela’ – lexical;
- *apykaxu* (Mb, Nw) ~ *apykaṣu* (Nv, Kw) ‘pomba’ – fonológica;
- *jagua* ‘cachorro’(Mb/Kw/Nv) ~ *kaxuru, jaguarete* (Nw) ‘onça’ – lexical;

d) outras formas de variação:

- variação nos termos de parentesco conforme o sexo:
 - *xememby* (ego feminino) ‘minha filha’;
 - *xerajy* (ego masculino) ‘minha filha’.

Para Cabré (1998), um estudo terminológico realizado sem que o resultado seja reconhecido pelo falante da língua materna será considerado um estudo sem aplicabilidade, uma vez que não terá atendido à funcionalidade da língua. Corroboram, nesse sentido, Weiss e Bräscher (2015).

Em seguida, tem-se a condição natural de variação, no tempo e espaço, recepcionada, pela teoria, como algo próprio do processo comunicativo. Na situação, em tela, conclui-se como possível uma abordagem semasiológica, característica da TCT, complementada por Sales:

[...] variações do tipo sinônima, denominações distintas para um mesmo conceito, ou polissêmicas, conceitualizações distintas para uma mesma denominação. O que comumente é entendido por sinônimo (mais de uma palavra designando o mesmo significado), em Terminologia se considera que diferentes termos estão em relação de sinonímia, assim como, o que frequentemente é entendido por polissemia (uma palavra possuir mais de um significado), em Terminologia se entende que diferentes termos estão em relação de homônimia (Sales, 2007, p. 9).

Em relação à língua do povo Mbyá, Ivo (2018) explicita situações em que se observam elementos que trazem, em seu bojo, as questões variacionistas. A autora elabora que:

[...] a língua Guarani apresenta diferenças e semelhanças nos níveis fonético/fonológico, e muita aproximação no nível morfossintático. Alguns distanciamentos linguísticos podem ser explicados pelas próprias condições sociais, como aquelas resultantes do contato. O intenso contato da língua Guarani com o espanhol, por exemplo, revela um maior número de empréstimos lexicais daquela língua do que da língua portuguesa (Ivo, 2018, p. 71).

⁵¹Kw: refere-se à parcialidade Guarani Kaiowá. Nv: refere-se à parcialidade Guarani Nhandeva.

⁵²Mb: refere-se à parcialidade Guarani-Mbyá. Nw: refere-se à parcialidade Guarani Nhandewa.

Por fim, tem-se o crivo da comunicação especializada. A Terminologia não adquire seu significado diretamente do objeto da realidade, mas, sim, de estruturas consensuais e pré-estabelecidas. Nesse ponto, percebe-se a presença do crivo da ciência (por meio da estruturação desse conhecimento) e o entendimento sociocultural do falante de língua indígena. Portanto, é formal e seletiva.

5 CLASSIFICAÇÃO PARA LÍNGUAS INDÍGENAS

Desde tempos remotos, diversas perspectivas foram desenvolvidas para compreender e organizar o conhecimento. Entretanto, a maioria dessas abordagens adota uma perspectiva a partir do observador, o que gera certa assimetria pela ausência das vozes minoritárias. Com isso, essa lacuna contribui para o apagamento conceitual da informação, especialmente no caso de línguas orais.

As classificações, originalmente, nascem de um sistema norteado por singularidades e assimetrias, que, segundo Lima (2021, p. 5), “[...] é o processo de nomear e ordenar um universo do conhecimento”.

Olson (1999) afirma ter encontrado, nos esquemas de classificação, elementos que refletem o preconceito de raça, gênero, nacionalidade, dentre outros. Adler (2016, p. 636) afirma que a “[...] confiança nos registros coloniais reforça a dinâmica do poder”, o que já traz consigo a submissão de um povo em relação a outro e uma subserviência que perdura, mesmo em dias atuais. Ademais, Martinez-Ávila *et al.* (2018, p. 3) arrematam a questão, abordando que o estudo da classificação: “[...] está cheio de espaços que são desconfortáveis para alguns grupos e tópicos. [...] Da mesma forma, a classificação retira as entidades dos seus contextos normais e agrupa-as em novas estruturas - contextos diferentes”. Dessa forma, com base nessas constatações, advoga-se por uma classificação mais atenta no sentido de evitar as disfunções nos processos classificatórios.

Os estudos de classificação de Hope Olson (1999) têm sinalizado em direção a uma percepção ampliada da classificação, bem como a uma ampliação de representação das vozes minoritárias e das comunidades que, até então, possuíam pouca visibilidade nos sistemas tradicionais. Acrescidos a isso, os problemas de classificação alcançam e afetam a recuperação da informação. Olson (1999), então, sugere a necessidade de se desenvolver novas técnicas cujos espaços permitam que as perspectivas marginalizadas sejam acolhidas nas estruturas de informação, bem como cooperem com a criação de ambientes que colaborem para que outras vozes sejam ouvidas. Ao se fazer isso, o poder muda para o outro: “[...] poder de voz, poder de construção, poder de definição” (Olson, 1999, p. 227).

Fujita, Lima e Redígolo (2022) sinalizam a possibilidade de surgimento de problemas no processo de organização do conhecimento de uma outra cultura. Qualquer deslize pode deslocar elementos de uma cultura para outra e introjetar variáveis exógenas à cultura representada. São assimetrias oriundas de “[...] erros ou omissões na interpretação dos conteúdos [...]” (Fujita; Lima; Redígolo, 2022, p. 141), bem como da incompreensão das

necessidades do destinatário da informação, que podem advir do não conhecimento sobre culturas minoritárias, por exemplo, como relatam Littletree e Metoyer (2015):

Estudiosos e bibliotecários têm indicado que catalogação de línguas silencia a história dos nativos americanos. Ela desconsidera a soberania das Nações dos Povos Nativos, bem como historicizam e estereotipam culturas e povos indígenas. Além disso, os pesquisadores descobriram que o LCSH e outros sistemas convencionais de organização do conhecimento limitam severamente a recuperação de materiais de língua nativa e tópicos de nativos americanos (Littletree; Metoyer, 2015, p. 642)⁵³.

Adler (2016) reflete sobre a classificação indígena com base em princípios indígenas gerais. Para a autora, é preciso considerar que generalizar informações de vários povos com um mesmo padrão classificatório é outra inadequação, pois, com isso, se levará, inconscientemente, ao apagamento de peculiaridades de um povo.

Littletree e Metoyer (2015, p. 646), por sua vez, apresentam o exemplo dos indígenas norte-americanos, cujos “[...] princípios da biblioteconomia indígena são baseados em uma abordagem mais comunitária, ou seja, uma abordagem relacional”⁵⁴. Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020, p. 415) esclarecem que a abordagem relacional não deve ser confundida com a prática de relacionar conceitos ou redes semânticas, pelo contrário, as autoras referem-se à vida em comunidade ou, melhor dizendo: ao bem viver em comunidade. É um fazer social orientado a uma boa vida, conforme os saberes indígenas.

As autoras propõem, ainda, uma sistematização do modelo conceitual do conhecimento indígena em um círculo. Martinez-Ávila *et al.* (2018, p. 2, tradução nossa) corroboram, explicando que há “[...] culturas indígenas que baseiam a sua compreensão do universo num círculo e não numa hierarquia”⁵⁵.

Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020) explicam que a base do modelo é ancorada sobre os três R’s: respeito, responsabilidade e reciprocidade. Adiante, as autoras apresentam a classificação em camadas representativas de campos lexicais indígenas. No Quadro 3, tem-se a descrição de cada campo.

⁵³“Scholars and librarians have indicated that the cataloging language silences Native American history. It disregards the sovereignty of Native nations, as well as historicizes and stereotypes Native people and cultures. Additionally, researchers have found that LCSH and other mainstream knowledge organization systems severely limit the retrieval of Native language materials and Native American topics” (Littletree; Metoyer, 2015, p. 642).

⁵⁴“[...] principles of Indigenous librarianship are grounded in a more community-based approach, namely, a relational approach” (Littletree; Belarde-Lewis; Duarte, 2020, p. 415).

⁵⁵“Another group of examples are the indigenous cultures that base their understanding of the universe on a circle rather than a hierarchy” (Martinez-Ávila *et al.*, 2018, p. 2).

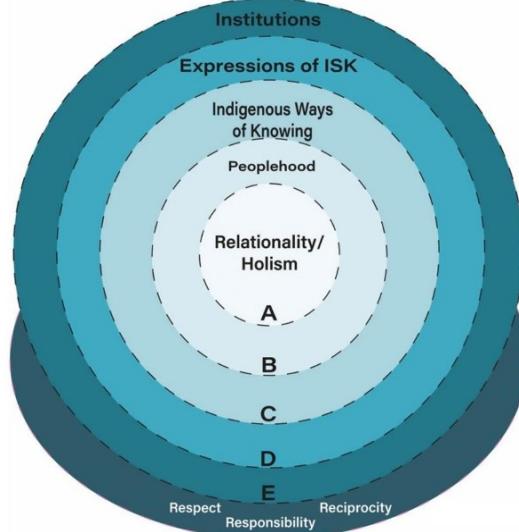
Quadro 3 - Distribuição das camadas circulares e sua atribuição na abordagem relacional

Fase mais externa — Instituições	Segunda Camada mais externa — Expressões	Terceira camada — a partir daqui, o acesso torna-se difícil para pessoas que não pertencem à comunidade	Quarta camada — somente alguns conseguem ter acesso a esses conhecimentos
Escolas	Documentos, livros	Observação, escuta	Cerimônias
Arquivos e museus	Músicas	Sonhos e visões	Linguagem
Bibliotecas	Artesanato: esculturas, cerâmica, roupas, entalhes...	Narrativas e experiências vivenciadas	Histórias secretas
		Atividades intergeracionais	Terra

Fonte: Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020, p. 419).

Na Figura 5, Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020) apresentam a forma como os princípios norteadores (3R's) se correlacionam com os aspectos dos campos lexicais do Quadro 3:

Figura 5 - Sistema de Conhecimento Indígena



Fonte: Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020, p. 417).

A linha tracejada em cada caminho circular significa que o conteúdo de um caminho interage e se comunica com o outro, conforme descrevem Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020).

Olson (1999) e Lee (2011) descrevem como os problemas de classificação podem surgir e afetar a recuperação da informação:

- a) **acesso aos assuntos de tamanho único:** para Olson (1999), é uma abordagem que contrapõe a garantia literária e a objetividade; e questiona a eficiência desse método, no entanto, abre margem para a possibilidade de êxito. O sucesso poderia advir de confluência de concepções entre o autor e o leitor;
- b) **problema da especificidade fiel ao idioma original:** Olson (1999) cita o exemplo da Classificação Decimal de Dewey (CDD), que, apesar de receber traduções sucessivas para outras línguas e, consequentemente, adaptações, ainda persiste na estrutura fundamental;
- c) **proposta de “descolonizar a descrição” e “consertar”** a terminologia desatualizada e, por vezes, ofensiva dos títulos de assuntos da Biblioteca do Congresso empregada para descrever materiais de bibliotecas indígenas, segundo Lee (2011).

Nos Estados Unidos da América e no Canadá, podem ser encontrados exemplos de classificação do conhecimento indígena ligados a uma forma relacional de ver o mundo e as coisas, conforme apresentam Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020).

Os teóricos que buscam uma resposta a essa demanda da sociedade se vinculam à Teoria Crítica da Organização do Conhecimento. Entre esses, podem ser citados García Gutiérrez (2006; 2011) e Olson (1999).

García Gutiérrez (2006) e a sua proposta de desclassificação dialogam com esta pesquisa, uma vez que, ao interromperem os padrões coloniais, abrem a classificação para que os outros padrões possam ser incorporados. Essa abordagem possibilita a inclusão de elementos mais representativos da população retratada, promovendo uma forma neutra de se compreender uma cultura diversa e viabilizando o registro mais próximo possível das particularidades culturais observadas.

Para conhecer o mundo precisamos, sem dúvida, de duas ferramentas: das categorias e de uma classificação que as organize. Mas para acompanhar mais amavelmente a complexidade do mundo, tal classificação teria de ser evolutiva e plural: necessitamos, então, justamente de seu contrário, da desclassificação, conceito ambíguo e complexo, de primeira ordem, que propusemos no desenvolvimento de nossa teoria. A desclassificação é uma ferramenta central [...] Sua função consiste em instalar o pluralismo lógico no coração mesmo da classificação. Com efeito, se a perspectiva lógica permanece predominantemente linear e monológica, os resultados de sua ação poderiam ser “liberados” em virtude do ato de desclassificação. O conhecimento científico, num tríplice dimensão, teria de ser desclassificado: 1) desmontando-se as nomenclaturas que somente garantem o *status quo*; 2) proporcionando-lhe categorias compatíveis com o pluralismo lógico e 3) no sentido metafórico - e social - da desclassificação, Inter alimentando-se com a consciência e o domínio públicos (García Gutiérrez, 2006, p. 7).

Os padrões tradicionais de classificar e ordenar nem sempre conseguem atender à pluralidade que o conhecimento indígena contempla, uma vez que é necessário um tratamento equitativo da informação para acomodar as diversidades. Em relação ao conhecimento indígena, é possível perceber que as classificações devem seguir uma perspectiva cognitiva e funcionalista de como a comunidade indígena percebe e interage com o mundo a sua volta.

Adiante, seguem os aspectos teóricos classificatórios para a língua Guarani-Mbyá, em uma perspectiva para se ancorar esta pesquisa.

5.1 À guisa de uma estrutura classificatória para a língua Guarani-Mbyá

Diante do desafio de classificar os diferentes tipos de conhecimento dentro de uma cultura indígena, a primeira reação pode ser buscar um padrão universal que acomode a diversidade desses conhecimentos. Embora essa abordagem inicial possa parecer vaga, ela representa um avanço significativo ao reconhecer a importância de um ponto de interseção entre a Ciência da Informação e a Linguística. Nesse contexto, a compreensão mútua proporcionada por uma língua comum emerge como uma possível solução para conectar essas duas áreas do saber.

Nessa perspectiva, os pressupostos do método analítico-sintético, presentes na Teoria da Classificação Facetada, oferecem subsídios para a abordagem classificatória do léxico da língua indígena. Esse método torna-se especialmente relevante quando associado ao princípio da garantia cultural, que enfatiza a importância de se respeitar e preservar as diversidades linguísticas e culturais no processo de organização e recuperação da informação. Uma das principais motivações para a escolha do método analítico-sintético é a sua capacidade em decompor um assunto complexo em suas partes constitutivas, ou facetas. Isso permite que cada aspecto do conhecimento seja analisado separadamente, facilitando a identificação de suas características e relações. No âmbito da garantia cultural, por exemplo, há a incorporação da cosmovisão indígena na classificação de uma determinada palavra.

Como exemplo desse contexto, ao se desenvolver uma estrutura classificatória do léxico da língua Guarani-Mbyá, considerando tanto uma abordagem que valorize a relação entre as palavras e os conceitos (onomasiológica) quanto a importância do contexto no entendimento do significado (semasiológica) — essa última fundamentada na Teoria Comunicativa Terminológica —, permite-se que se considerem facetas tais como o contexto psicossocial, as

tradições locais e as influências culturais, garantindo que a riqueza e a diversidade da língua e da cultura indígenas sejam representadas.

Portanto, na próxima seção, apresenta-se a estruturação classificatória para a língua Guarani-Mbyá, esboçada no Prombyá, com base nas teorias acima mencionadas. Inicialmente, serão apresentadas facetas do léxico comum do falante. Em seguida, será apresentada a estruturação, segundo o plano das ideias e o plano verbal, inspirada na TCF, para uma proposta de representação bilíngue do Guarani-Mbyá, incorporada na implementação do ambiente *web*, de modo a permitir sua naveabilidade.

5.2 Estruturação classificatória para a língua Guarani-Mbyá, o Prombyá

Para Ranganathan (1961), o processo classificatório inclui, antes da teoria, a prática, e isso evidencia a abordagem sequencial dos planos de trabalhos que apresentou. Nessa perspectiva, o plano das ideias, em Ranganathan, expressa a fase de reflexão, de negociação com a teoria e a prática, ou, ainda, as constatações que se tem por meio da análise de um domínio, sobretudo, de seu contexto e suas relações, para se chegar à base de um sistema e/ou uma estrutura classificatória.

Nesta pesquisa, o plano das ideias representa a análise intelectual do *corpus* documental — Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português —, objeto de estudo, quando se selecionou as características de cada classe na qual o léxico é melhor compreendido lexicalmente, para, assim, estruturá-las em facetas.

Para o plano verbal, empregou-se os resultados no plano das ideias (contemplando a visão descritiva e a cosmovisão indígena⁵⁶) no sentido como registrado, ou melhor, da palavra, da forma expressa oralmente, registrada de duas formas, no Guarani-Mbyá e no Português. Faz-se necessário destacar que, por serem culturas diversas, o sentido, no plano verbal, por se tratar

⁵⁶“[...] A cosmovisão indígena deve ser considerada no contexto dos seus valores culturais e conhecimentos ambientais. Assim, cada etnia indígena possui sua própria cosmovisão, pois depende de maneira diferente da caça, da pesca, da agricultura e do meio ambiente em que vive. A cosmovisão dos povos indígenas se fundamenta no animismo: a crença na alma individual ou anima de todas as coisas e manifestações naturais. Nessa crença não há separação entre o mundo espiritual e o mundo físico (ou material) e, também que existem almas ou espíritos, não só em seres humanos, mas também em entidades não-humanas, como: animais, plantas, objetos inanimados e fenômenos celestes, sendo fortemente relacionada com a natureza. A cosmovisão dos Guarani, motivada por uma mentalidade animista e religiosa, impede o desenvolvimento de uma economia baseada na noção de lucro privado, o que não é compreendido nem considerado pelo sistema capitalista. [...] No sistema socioeconômico Guarani, do tipo cooperativista, a feição doméstica e comunitária da produção e consumo faz com que o trabalho seja realizado pelo sentimento de solidariedade e não pelo de competição” (Afonso; Moser; Afonso, 2015, p. 182-186).

de uma representação bilíngue, apresenta o léxico na língua Guarani-Mbyá e a palavra na língua portuguesa falada no Brasil⁵⁷. Isso não representa uma tradução direta da palavra em Guarani-Mbyá, mas, sim, uma proposta de sentido, uma aproximação com os recursos que se tem nas línguas, já que o significado cultural é diverso entre elas. Foi, portanto, nessa perspectiva, que Ranganathan (1962) recomendou o uso de terminologia técnica para uma comunicação clara e precisa, a fim de obter entendimento mútuo, assim, o termo deve ser exclusivo do conceito e deve ser expresso e compreendido em seu contexto. Ademais, para se representar a língua indígena, é preciso contemplar, adicionalmente, à descrição comum, as estruturas para representar a sua cosmovisão. No Quadro 4, abaixo, tem-se a ilustração do que se fala, ancorando-nos no léxico *Petýgua*:

Quadro 4 - Exemplo do processo de adequação do Léxico “*Petýgua*” no âmbito do plano das ideias e do plano verbal

PLANO DAS IDEIAS	PLANO VERBAL BILÍNGUE	
	Plano verbal — em Guarani-Mbyá	Plano verbal — português brasileiro
Identificação de Conceitos e Entidades	Petýgua	Cachimbo sagrado
Estabelecimento das facetas	Personalidade	Práticas e rituais, espiritualidade
Relações	Como o léxico se relaciona entre as facetas	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Destaca-se, aqui, que a inspiração nos planos de trabalho da estrutura classificatória proposta por Ranganathan (1967) na TCF, sobretudo no plano das ideias e no plano verbal, serviram como base para a identificação, a partir do *corpus* de análise, de como as ideias e os conceitos são formados no âmbito abstrato, uma vez que a classificação deve refletir a maneira como os sujeitos pensam e organizam o conhecimento em suas culturas. Assim, a base teórica expressa no plano das ideias comprehende, neste estudo, o olhar sensível às nuances culturais e contextuais que influenciam a forma como os conceitos são percebidos e categorizados, acomodando a cosmovisão indígena, de modo a permitir que esses sejam organizados de acordo com a lógica e a experiência cultural dos falantes da língua.

Nesta lógica, a base teórica do plano verbal fornece subsídios à representação das ideias por meio da linguagem escrita. A linguagem é compreendida, neste estudo, como mediadora no processo de comunicação, sabendo-se que os fenômenos linguísticos, como sinônimos e

⁵⁷A fonte é o Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, apresentado por Ivo (2024).

homônimos, podem influenciar a clareza e a precisão da representação dos conceitos, e a estrutura proposta considera as particularidades do léxico da língua, incluindo suas expressões idiomáticas e terminologias específicas, para garantir que a comunicação das ideias seja clara e e respeite a forma como os falantes da língua se expressam.

Portanto, buscou-se adequar o léxico da língua Guarani-Mbyá em um modelo de estrutura classificatória que comporte a cosmovisão dos falantes, garantindo que a organização do conhecimento seja tanto lógica quanto culturalmente relevante, o que pode ser contemplado por meio da flexibilidade e da sensibilidade às nuances linguísticas e culturais possíveis no plano das ideias e no plano verbal.

5.3 Método analítico-sintético como abordagem classificatória para o léxico geral na língua Guarani-Mbyá

O método analítico-sintético, proposto por Shiyali Ranganathan, é uma abordagem para a classificação e organização do conhecimento que combina duas etapas principais: a análise e a síntese. Na etapa de análise, identificou-se os diferentes aspectos ou as facetas para um léxico, observando-se a complexidade do seu significado para os falantes e separando as suas características e relações. Já a síntese envolveu a ordenação dos termos analisados em uma nova estrutura que refletisse a inter-relação entre eles, de forma a permitir seu acesso e sua compreensão.

Para exemplificar como esse método é empregado nesta pesquisa, esta seção inicia-se com a apresentação de uma palavra já estabelecida pelo povo Guarani-Mbyá, delineada, abaixo, sob o método analítico-sintético, conforme explicações de três falantes de língua Guarani-Mbyá, sobre o *Petyngua*:

[Situação 1] termo amplamente utilizado. A lacuna é compreender suas características com o fito de encontrar categoria classificatória:

Falante 1: Pêtyguia, comumente chamado cachimbo, feita de **cerâmica**, antigamente era de uso exclusivo para o ritual (Chamorro, 2018, p. 34, grifo nosso).

Falante 2: Petyngua: cachimbo **sagrado** que traz a conexão para as falas sagradas, é utilizado nas **cerimônias** e também é utilizado para curar as pessoas. Para nós Guarani, petyngua é uma das prioridades para **fazer reza**. Antes de cantar, antes de falar as palavras sagradas. Se usa o cachimbo em tudo que envolve praticar um ritual, para se sentir fortalecido e ter conexão com o conhecimento das falas sagradas dentro da casa de reza. Sem o petyngua não se consegue cantar, falar e dançar. Para o uso do petyngua, não

há divisão de gênero, mulheres e homens podem usar antes de rezar, cantar e dançar. Somente o petyngua do xamoi que não deve ser utilizado por qualquer pessoa, exceto quando as mulheres mais velhas ou mais novas pegam para queimar o petyngua e entregar ao xamoi. Isso deve ser feito com respeito, porque é através desse cachimbo que se conecta com Nhanderu (Silva, 2020, p. 18-26, grifo nosso).

Falante 3: [...] **força espiritual** que está no uso do petyngua, pois muitas pessoas conseguem a **cura** de alguns males somente quando são ungidas com a fumaça do petyngua, usado pelo karai e pela kunhakarai (rezadores homens e mulheres, lideranças religiosas). Perceber as razões e essa força espiritual sempre acompanhou a minha vida. Muitos Guarani **fazem uso diário do petyngua para inspiração nos estudos, na educação dos filhos, aconselhamento, organização do pensamento para o dia, para as decisões, para as previsões futuras**. Também **crianças usam o petyngua**. [...] Os petyngua de **madeira** são esculpidos em nó de pinho, do pinheiro (espécie Araucaria angustifolia), guajuvira (espécie Patagonula americana), cedro (espécie Cedrela fissilis Vell), aguá (espécie Chrysophyllum viride) e outras. Os petyngua de **argila** são confeccionados com argila cinza e vermelha. [...] quem usa os petyngua são principalmente os karai kuery (as lideranças religiosas masculinas) e as kuhã karai kuery (as lideranças religiosas femininas), mas no **momento das cerimônias** os petyngua são compartilhados com todos os participantes, pois alguns não têm seu próprio petyngua. Fazem uso: homens e mulheres - crianças, jovens, adultos e pessoas idosas. Isso acontece, pois é um momento de união de forças para a elevação espiritual de todos. [...] O principal lugar é a opy, a casa de rezas, mas também é usado nos pátios, nas casas, nas roças, na mata (Silva, 2015, p. 7-13, grifo nosso).

Cada falante oferece um conhecimento sobre o *Petýguia*. As informações mais significativas foram grifadas e, ao fim, organizadas no Quadro 5, com cada conjunto de características analisado individualmente. Como resultado das características isoladas nas falas dos falantes acima, em Chamorro (2018), Silva (2015) e Silva (2018), tem-se:

Quadro 5 - Aplicação do método analítico-sintético, a partir das categorias PMEST

PERSONALIDADE NA LÍNGUA INDÍGENA	PERSONALIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	MATÉRIA	ENERGIA	ESPAÇO	TEMPO
<i>petýguia</i>	Características materiais (cachimbo) e imateriais (comunicação espíritos)	Madeira, argila ou cerâmica	Sagrado, a fumaça do <i>petýguia</i> auxilia a ligação dos humanos com os deuses por meio da neblina sagrada do cachimbo para adquirir força espiritual, boas intuições e curas por meio da fé.	É utilizado em todos os locais.	O <i>petýguia</i> acompanha seu dono até o final da sua vida, sendo enterrado com o mesmo.

Fonte: Chamorro (2018), Silva (2015) e Silva (2018).

A numeração, na língua Guarani-Mbyá, tradicionalmente, é contada até o número quatro (Quadro 6). A partir do número cinco, percebe-se as novas formas de numeração incorporadas “pelos mais jovens”, conforme esclarece Takuá (2023).

Quadro 6 - Numeração tradicional Guarani-Mbyá

NÚMERO	PALAVRA EM GUARANI-MBYÁ	PALAVRA EM PORTUGUÊS
1	Peteĩ (Silva, 2011, p. 81; Takuá, 2023)	Um
2	Mokoĩ (Silva, 2011, p. 81; Takuá, 2023)	Dois
3	Mboapy (Silva, 2011, p. 81; Takuá, 2023)	Três
4	Irundy (Silva, 2011, p. 81; Takuá, 2023)	Quatro

Fonte: Silva (2011, p. 81) e Takuá (2023).

A situação a seguir retrata a existência de palavras recentes, no entanto, já se percebe o seu aparecimento em fontes bibliográficas. No Quadro 7, tem-se uma expressão composta, formada por uma ideia que advém de uma perspectiva semântica adicionada a uma palavra já estabelecida na língua. Partindo-se da relação entre o contexto e significado, a utilização de léxicos já estabelecidos por uma comunidade, seguindo a premissa do plano das ideias em Ranganathan (1967), permite que a classificação seja mais relevante e significativa para o uso. Isso significa que as facetas não são apenas categorias arbitrárias, mas refletem a maneira como a comunidade entende e organiza o conhecimento, promovendo uma conexão mais profunda com as ideias subjacentes. A lacuna está, portanto, em compreender suas características a fim de encontrar a categoria classificatória:

Quadro 7 - Novas palavras sobre numeração Guarani-Mbyá

NÚME- RO	PORTE GUÊS	COMO SE FORMA A PALAVRA?		SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS
5	cinco	uma mão	peteĩ po (George, 2011, p. 118)	“[...] 1 mão ou cinco dedos [...]” (George, 2011, p. 120)
			2) peteĩ jere (George, 2011, p. 118)	“[...] 1 mão inteira [...] (George, 2011, p. 120)”

			3) peteĩ niruĩ (Takuá, 2023)	4) “[...] niruĩ – isolada – uma mão isolada [...]” (George, 2011, p. 120)
6	seis	3 + 3	1) mboapy meme (George, 2011, p. 118)	“[...] Três mais três [...]” (George, 2011, p. 120)
		4+2	Sem construção	
		5+1	Peteĩ Po Peteĩ (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118)	1) Uma mão inteira mais 1 unidade
			2) Peteĩ niruĩ Peteĩ (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118)	2) “uma mão isolada mais um [...]” (George, 2011, p. 120; Takuá, 2023)
7	sete	2+5	1) Peteĩ Po Mokoĩ (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118)	1) Uma mão mais 2 unidades
		3+4	2) Peteĩ niruĩ Mokoĩ (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118)	2) “uma mão isolada mais 2(dois) [...]” (George, 2011, p. 120; Takuá, 2023)
			mboapy meme peteĩ	“[...] três (3) mais três (3) mais um (1) [...]” (George, 2011, p. 118)
8	oito	3+5	1) Peteĩ Po Mbohapy (Russo; Barbosa, 2015, p. 15)	1) Uma mão inteira mais 3 unidades
		4+4	2)irundy meme	2) “[...]quatro (4) mais quatro (4) [...]” (George, 2011, p. 120)
9	nove	5+4	Peteĩ Po Irundy (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118)	1) Uma mão inteira mais 4 unidades
			irundy meme Peteĩ (George, 2011, p. 118)	2) – “[...]quatro (4) mais cinco (5) [...]” (George, 2011, p. 120)

			Peteĩ niruĩ Irundy (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118)	2) “uma mão isolada mais 4(quatro) [...]” (George, 2011, p. 120; Takuá, 2023)
10	dez	+ 5	1) Mokoĩ Po (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118; Takuá, 2023). 2) Mokoĩ jere (George, 2011, p. 118)	1) 2 mãos (Russo; Barbosa, 2015, p. 15; George, 2011, p. 118; Takuá, 2023). 2) “[...] 2 inteiros ou 2 mãos inteiras [...]” (George, 2011, p. 120)

Fonte: Russo e Barbosa (2015, p. 15), George (2011, p. 118-120) e Takuá (2023).

No caso em tela, tem-se o elemento geral (visual): mão e o seu termo correspondente em Guarani-Mbyá é grafado como ‘po’ (‘mão’), ‘jere’ (‘mão inteira’) e ‘niruĩ’ (‘mão isolada’). Acrescido a um elemento já comum na língua, que é a numeração já estabelecida, varia: ‘peteĩ’ (‘um’), ‘mokoĩ’ (‘dois’), ‘mboapy’ (‘três’) e ‘irundy’ (‘quatro’), conforme se pode observar no Quadro 7. Assim, ao utilizar palavras já estabelecidas por uma comunidade, a classificação facetada pode ser adaptada para refletir a lexicografia e as categorias que são relevantes e reconhecidas por esse grupo. Isso não apenas aumenta a relevância da classificação, mas, também, facilita a aceitação e a utilização do sistema pelos membros da comunidade. Possivelmente, essa é uma das situações em que se observa a complementação da perspectiva semasiológica pelas variações que podem ser observadas na formação final da unidade do conhecimento.

A seguir, será apresentada a metodologia aplicada na pesquisa.

6 METODOLOGIA

O traçado teórico-metodológico desta pesquisa pauta-se nas Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, cujo estabelecimento se torna possível por meio dos diálogos interdisciplinares estabelecidos entre Ciência da Informação e Linguística. O seu objeto de estudo está localizado na fronteira entre o social, o cultural e o comunicativo, a qual pode provocar diversas reflexões a depender do olhar que se emprega nessa observação. Ora é tratado pela Ciência da Informação, ora é tratado como elemento de identidade e descrição lexical na Linguística. Dessa forma, as duas dimensões são empregadas: [1] teórica, cujos esforços seguem em buscas de achados documentais e bibliográficos que possibilitem o entendimento das características dessa comunidade de fala e [2] aplicada, cujos propósitos giram em torno da modelagem para a organização dessas expressões indígenas.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa “foi apresentar, de forma ampliada, um instrumento navegacional que represente os elementos fundamentais da língua indígena Guarani-Mbyá, com base na Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan (1967), e na Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré (1998), considerando-se a cosmovisão e perspectiva do povo Guarani-Mbyá e observando-se a garantia cultural indígena”. Visa-se, com isso, representar adequadamente a linguagem e a cultura do povo indígena, com o intuito de auxiliar na descrição, compreensão e disseminação da língua Guarani-Mbyá, assim como beneficiar a recuperação da informação e, assim, contribuir para a sua revitalização linguística e cultural.

Para delinear a tessitura metodológica das decisões realizadas, utilizou-se, como base, os pensadores Alvarenga (2012), Triviños (1987), Minayo (2009), Gerhardt e Silveira (2009), Cervo, Bervian e Silva (2007), Prodanov e Freitas (2013), Creswell (2010) e Flick (2013).

Conforme o entendimento dos referidos autores, este estudo classifica-se:

- a) quanto à finalidade, como um estudo aplicado;
- b) quanto à abordagem do problema, como uma pesquisa qualitativa;
- c) quanto aos procedimentos, bibliográfica e documental;
- d) quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva.

A seguir, serão apresentados os elementos do traçado metodológico adotado nesta pesquisa.

6.1 Características da Pesquisa

A finalidade aplicada desta pesquisa pauta-se nos elementos que justificaram este estudo, ou seja, na busca em preencher uma lacuna de um artefato que contemple aspectos sistemáticos da língua. Assim como afirmam Gerhardt e Silveira (2009, p. 23), o objetivo desse tipo de estudo prima por aliar os estudos teóricos aos elementos aplicados para a solução de problemas. Os autores complementam que essa concepção “[...] envolve verdades e interesses locais” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 23).

A relevância dos aspectos subjetivos, semânticos e contextuais da vida do falante é inegável, pois esses elementos desempenham um papel fundamental direcionando a pesquisa por uma abordagem qualitativa. Conforme apontado por Flick (2013), esses aspectos são de natureza não quantificáveis, demandando, assim, métodos que permitam uma análise mais aprofundada e interpretativa da realidade em estudo:

[...] visa (a) captação do significado subjetivo das questões a partir das perspectivas dos participantes [...] (b) os significados latentes de uma situação estão em foco [...]. É menos relevante estudar uma causa e o seu efeito do que descrever ou reconstruir a complexidade das situações. Em muitos casos, (c) as práticas sociais e o modo de vida e o ambiente em que vivem os participantes são descritos. O objetivo é menos testar o que é conhecido do que descobrir novos aspectos na situação que está sendo estudada e desenvolver hipóteses ou uma teoria a partir dessas descobertas (Flick, 2013, p. 23).

Em um primeiro contato com o objeto de pesquisa, pode parecer difícil transportar essa subjetividade. Entretanto, ao se retratar a cosmovisão Guarani-Mbyá, a sua relação com a espiritualidade, a sua cultura, as palavras empregadas e seus respectivos sentidos, acredita-se na aproximação desse requisito subjetivo, possibilitado pela abordagem qualitativa, conforme afirma Minayo (2009):

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. Toda compreensão é parcial e inacabada (Minayo, 2009, p. 4).

O conteúdo encontra-se disperso em materiais diversos que foram consultados:

- a) cultura, hábitos, cosmovisão, materiais etnográficos de forma geral e aspectos históricos: Meliá (1983), Litaiff (1996), Testa (2014), Schaden (1974), entre outros;
- b) aspectos linguísticos e lexicográficos: Saussure (1995), Cabré (1995; 1999), Ivo (2014; 2018), Ivo (2024), Krieger e Finatto (2004), Coseriu (1981);
- c) línguas autóctones e projetos de revitalização linguística: D'Angelis (2019), Ivo (2019; 2023), Ivo (2024);
- d) Organização do Conhecimento: Ranganathan (1931; 1961; 1962; 1967), Hjørland (2016; 2022; 2023), Lima (2022), Lara e Corts Mendes (2022), Marcondes (2021), Lima (2020), Olson (1999), García Gutiérrez (2006; 2011), Barité *et al.* (2015) e outros;
- e) Organização do Conhecimento Indígena: Littletree, Belarde-Lewis e Duarte (2020), Lee (2011), Adler (2016) e outros.

Como se pode observar, no que tange às fontes teóricas sobre a Organização do Conhecimento Indígena, não houve riqueza quantitativa. Isso sinaliza a lacuna na área, que fortalece a necessidade do desenvolvimento de pesquisas sobre a temática, tal como a que é apresentada. Portanto, ao se propor uma sistematização de uma modelagem mais ampla, pretende-se alcançar uma base para a Organização do Conhecimento na língua Guarani-Mbyá, que fundamentará um instrumento de organização do conhecimento com o propósito de memória e de difusão da língua indígena.

Em relação ao procedimento técnico, neste estudo, acredita-se que a utilização dos métodos bibliográficos e documentais terão contribuições significativas para esta pesquisa. Há um lastro informativo acerca da cultura do povo Guarani-Mbyá que corrobora com as interpretações sobre o léxico, fazendo-se necessário revisitar os elementos culturais pertinentes: “O processo de avaliação do material bibliográfico que o pesquisador encontra lhe ensinará até onde outros investigadores têm chegado em seus esforços, os métodos empregados, as dificuldades que tiveram de enfrentar, o que pode ser ainda investigado, etc” (Triviños, 1987, p. 100).

Essas informações oriundas do material bibliográfico são essenciais para a obtenção de uma compreensão mais aprofundada sobre o contexto em questão. Conforme Prodanov e Freitas (2013), uma pesquisa bibliográfica tem características definidas:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais,

boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

O objetivo desse tipo de pesquisa é fornecer ao pesquisador subsídios para desenvolver uma proposta de modelagem que integre a perspectiva do povo representado, garantindo, assim, uma abordagem mais contextualizada. Além disso, busca-se proporcionar um embasamento teórico e prático mais robusto sobre o tema investigado. Por meio desse método, foi possível ampliar o conhecimento existente, examinar as diferentes perspectivas e embasar as análises e interpretações realizadas ao longo da pesquisa, conforme complementa Tozoni-Reis (2009, p. 25): “Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar, nos autores e obras selecionados, os dados para a produção do conhecimento pretendido. Não vamos ouvir entrevistados, nem observar situações vividas, mas conversar e debater com os autores através de seus escritos”.

Nos assuntos que velam sobre a Organização do Conhecimento Indígena, cita-se a Sistematização da Língua Guarani⁵⁸ como base para o entendimento sobre o assunto. Ademais, fez-se uso de outras experiências, em outros países, como base para se entender como o conhecimento indígena vem sendo trabalhado pela Ciência da Informação. Esse procedimento utilizou um acervo documental como recurso essencial para atingir o objetivo proposto.

Nesse sentido, Prodanov e Freitas (2013, p. 55-56) afirmam que a: “[...] utilização da pesquisa documental é destacada quando podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta [...].” Lara e Molina (2011) oferecem esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa documental, classificando o conteúdo em duas categorias: primário e secundário. Os materiais classificados como primários são os livros, os periódicos e as publicações de autores. Os secundários têm sua origem nos diversos serviços de documentação e traduções.

Nesta pesquisa, serão levados em consideração os materiais primários e secundários. A escolha dessa fonte documental baseia-se em determinados requisitos que ela atende, os quais dialogam com as diretrizes consideradas apropriadas para uma pesquisa voltada à organização do conhecimento indígena, a citar:

⁵⁸O *corpus* que serve de base para este estudo foi colhido durante o doutorado de Ivo (2018) e tem continuidade com a elaboração do Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, projeto em desenvolvimento no Instituto de Letras — UFBA, coordenado pela Profª. Drª. Ivana Pereira Ivo, com a participação de falantes Guarani-Mbyá (consultores indígenas).

- a) o conteúdo lexicográfico contempla a cosmovisão do indígena Guarani-Mbyá. Foi uma atividade que se iniciou⁵⁹ a mais de trinta anos com essa etnia e que continua sendo atualizado pela presença dos diversos assessores indígenas que, atualmente, contribuem com a obra e pelos que, em algum momento, contribuíram nessa construção;
- b) o *corpus* base que originou a pesquisa foi construído em metodologias específicas, a saber: etnografia, trabalho de campo e metodologias colaborativas;
- c) a coleta alcançou a representatividade lexicográfica, uma vez que estão presentes falantes de vários estados da Federação onde são localizados os Guarani-Mbyá: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

Após uma primeira apropriação do conteúdo, conforme Triviños (1987, p. 110), “[...] o estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade [...]. Nesta perspectiva, percebe-se o encadeamento entre as variáveis, citando-se novamente o autor: “[...] os estudos descritivos não ficam simplesmente na coleta, ordenação, classificação dos dados. Podem estabelecer-se ‘relações entre as variáveis’” (Triviños, 1987, p. 110). Dessa forma, para Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 62), a pesquisa descritiva pode assumir diversas formas:

[1] Estudos descritivos: trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada. [...] favorecem, na pesquisa mais ampla e completa, as tarefas da formulação clara do problema e da hipótese como tentativa de solução. Comumente se incluem nesta modalidade os estudos que visa a identificar as representações sociais e o perfil de indivíduos e grupos, como também os que visam a identificar estruturas, formas e conteúdos; [2] Pesquisas de Opinião: procura saber atitudes, pontos de vista e preferências das pessoas a respeito de algum assunto, com o objetivo de tomar decisões [...]; [3] Pesquisas de Motivação: busca saber as razões do inconsciente [...] que levam o consumidor a utilizar determinado produto ou que determina certos comportamentos ou atitudes; [4] Estudos de caso: é a pesquisa sobre determinado indivíduo, família grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados da vida; [5] Pesquisa Documental: são investigados documentos com o propósito de descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças e outras características.

Diante disso, este estudo é caracterizado como uma pesquisa descritiva, sobre o qual pretende-se realizar o aprofundamento na temática indígena, fato que contribuirá com a modelagem da língua Guarani-Mbyá, no contexto da OC, possibilitando diretrizes para futuras

⁵⁹O trabalho de pesquisa realizado pela Profª Drª Ivana Pereira Ivo.

pesquisas, pois, conforme elucidações de Vergara (2016, p. 47), “[...] não têm o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação [...]”.

A seguir, serão tratados os métodos de investigação empregados na pesquisa, que acompanham as “[...] etapas da investigação”, conforme abordam Prodanov e Freitas (2013, p. 36). Ademais, sobre os aportes iniciais que compõem o plano de ação da investigação: “[...] o método constitui-se no processo integral, racional, que deverá ser seguido rigorosamente para realizar um estudo científico, a fim de atingir os objetivos. Constitui-se em um guia teórico, que organiza o pensamento e a ação” (Alvarenga, 2012, p. 75).

Por fim, em relação ao público-alvo da proposta, tem-se:

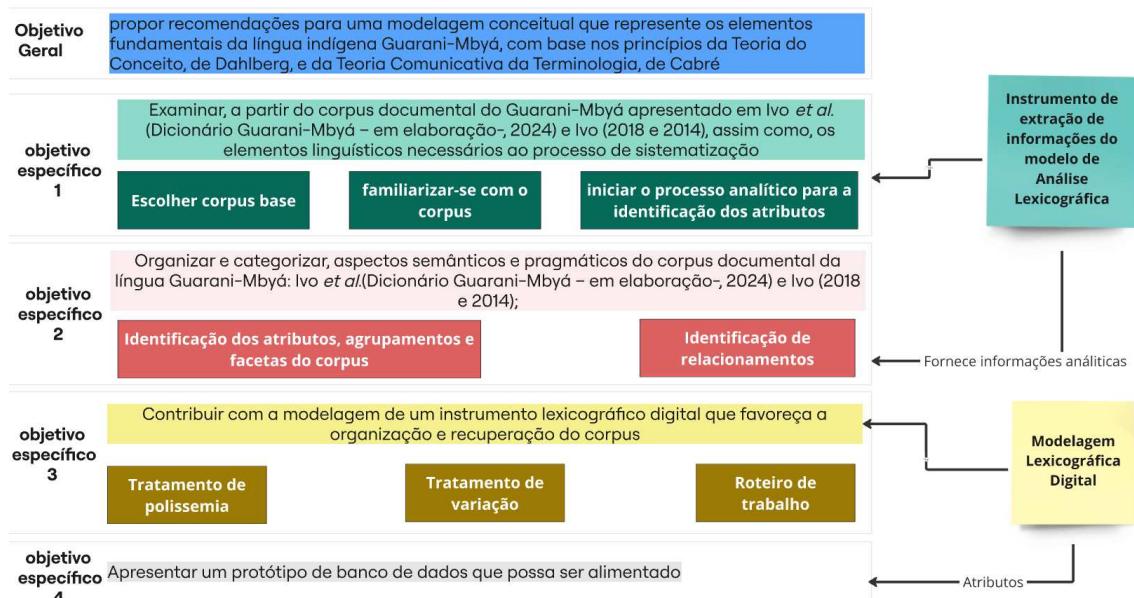
- a) interessados experientes em línguas indígenas e falantes bilíngues (Guarani/Português): estudantes, linguistas, docentes e falantes bilíngues que queiram compreender melhor a OC de um planejamento com fins lexicográficos em ambiente digital;
- b) falantes: a atuação pode ser de duas formas — fornecendo informações sobre variação, mas, também, querendo acessar o sistema como usuários no intuito de aprender a escrita, uma vez que a oralidade já lhes é comum;
- c) interessados novos: a depender da área que atuam, buscam informações sobre cultura, espiritualidade, semântica e compreensão de mundo dos povos originários. Serão os novos pesquisadores.

A seguir, será apresentada a seção de modelagem da pesquisa.

6.2 Modelagem da língua indígena Guarani-Mbyá

A modelagem fornece ao leitor o norte sobre os elementos, bem como o diálogo entre as teorias se dão para o alcance da representação da língua indígena Guarani-Mbyá — ou seja, a Teoria da Classificação Facetada, ilustrada por Ranganathan (1967), com a complementação da Teoria Comunicativa da Terminologia, trazida por Cabré (1998). Acrescenta-se, ainda, a garantia cultural, elucidada por López-Huertas (2016), e a garantia literária, apresentada por Barité *et al.* (2010). Portanto, tem-se todas essas teorias acima em diálogo interdisciplinar com as lições da linguística indígena, ensinadas por Ivo (2018) e Ivo (2024). Na Figura 6, segue uma visão holística do que será tratado nessa seção.

Figura 6 - Visão holística dos objetivos específicos
Disposição dos Objetivos Específicos e roteiro de trabalho



Esta pesquisa tem, como ponto de partida, o respeito ao conhecimento indígena, à sua cultura e à sua cosmovisão, aspectos que se refletem no *corpus* de referência⁶⁰ adotado e no tratamento social e científico proposto pelas pesquisadoras envolvidas. Para sustentar essa abordagem, o estudo fundamenta-se, inicialmente, no conceito de garantia cultural, conforme elucidada por López-Huertas (2016), enfatizando a preocupação com os valores sociais do falante nativo para além de sua experiência empírica. Além disso, adota-se a garantia literária, ancorada nos parâmetros científicos delineados por Barité *et al.* (2010), que servem como referência para a avaliação da chave de entrada⁶¹.

Como base para o emprego da garantia cultural (López-Huertas, 2016) e da garantia literária (Barité *et. al.*, 2010), apresenta-se o seguinte exemplo na língua Guarani-Mbyá. Contemporaneamente, as expressões *javy ju*, *nhande ka'aru ju*, e *nhane pytū ju* apresentam os sentidos geralmente traduzidos como ‘bom dia’, ‘boa tarde’ e ‘boa noite’, respectivamente, conforme Ivo (2024). As traduções, no entanto, não revelam os aspectos da cosmovisão.

A expressão *javy ju* ‘bom dia’ pode ser transcrita em português como ‘levantamo-nos de novo’, uma correlação direta com o movimento do sol no amanhecer. Segundo o professor Joel Kuaray, essa expressão é uma expressão mais nova, juntamente com outras duas usadas nos cumprimentos diários:

⁶⁰Mediante termo de cessão.

⁶¹Cada chave é fruto de um longo trabalho da Profª. Drª. Ivana Pereira Ivo.

nhande ka'aru ju (nossa entardecer de novo) para ‘boa tarde’ e *nhane pytū ju* (nossa anoitecer de novo) para ‘boa noite’ (Ivo, 2024, p. 169).

Com a convivência entre os não indígenas e os indígenas, a expressão *javy ju* passou a ser sinônimo de ‘bom dia’. Adquiriu esse sentido na convivência entre as duas culturas, apesar de os Guarani-Mbyá não o entenderem como tal — assim como, igualmente, parece não fazer sentido, para os não indígenas, o sentido real dos Guarani-Mbyá. No entanto, o sentido real de *javy ju* encerra uma postura indígena, dessa etnia, frente à vida. É uma relação com espiritualidade-natureza-vida, traduzida no agradecimento à espiritualidade, à natureza e à vida, características desse povo. A dádiva presente no acordar e em ter a oportunidade de vivenciar novamente é o que encerra sua cosmovisão, elemento que se contrasta e faz com que ‘bom dia’ tenha, semanticamente, um sentido mais esvaziado. O Prombyá trabalha essa complementaridade semântica por meio das notas explicativas e de outros elementos apresentados no decorrer desse texto.

Figura 7 - Garantia Literária do léxico ‘*javy ju*’ na língua Guarani-Mbyá
-vy [v̥i]¹ v. ‘levantar-se’ // F1s. avy; F2s. revy; F3s. ovy; F1p. (incl) javy; F1p. (excl) rovy;
 F2p. pevy; F3p. ovy. [II]: **Revy porã pa?** Você se levantou bem?, [JK]: **javy ju** ‘nos levantamos de novo (bom dia)^{NL_{Axix}} → aguyjevete

Fonte: Ivo (2024, p. 85, 133).

No Prombyá, propõe-se uma representação descritiva e uma descrição semântica — como forma de evidenciar a garantia cultural (López-Huertas, 2016), sempre que possível, com o objetivo de apresentar os elementos da cosmovisão indígena. Além disso, são elaboradas notas explicativas relacionadas ao léxico, quando necessárias. Em síntese, a garantia cultural é alcançada pela modelagem das características presentes nas expressões indígenas, vide o Quadro 8:

Quadro 8 - Garantia cultural na língua Guarani-Mbyá		
EXPRESSÃO	SENTO DO SEMÂNTICA	SENTO DO MATERIAL/DESCRITIVO
<i>Javy ju</i>	Levantamo-nos de novo	Bom dia

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

Trazendo para o plano das ideias de Ranganathan (1967), tem-se a identificação da categoria na qual o léxico é melhor compreendido. No caso, percebe-se a identificação com a semântica da palavra. O plano verbal registra as duas formas: o Guarani-Mbyá e o Português (Quadro 9).

Quadro 9 - Plano das ideias e plano verbal do Léxico *javy ju*

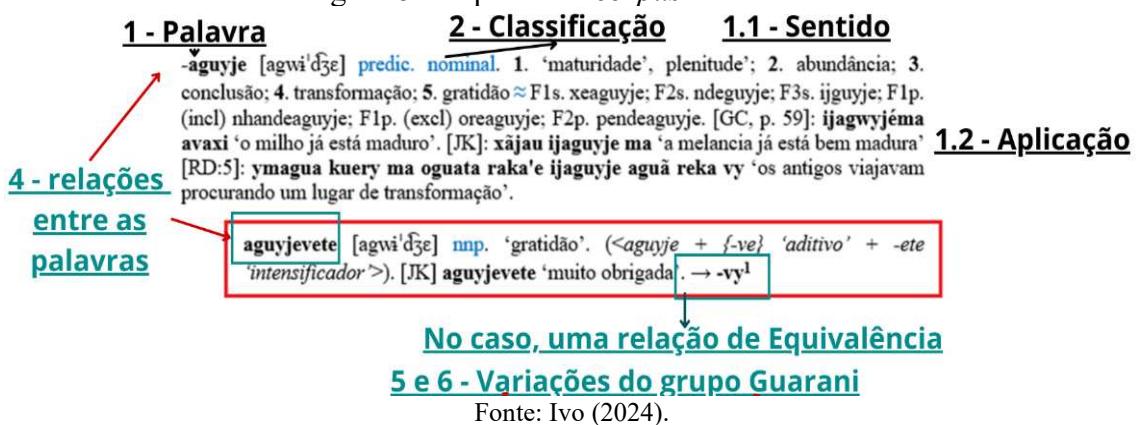
PLANO DAS IDEIAS	PLANO VERBAL – GUARANI-MBYÁ	PLANO VERBAL – PORTUGUÊS	PLANO NOTACIONAL
Cumprimento	<i>Javy ju</i>	Bom dia e levantamo-nos de novo	Por enquanto, não é objeto da pesquisa

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

Faz-se necessário esse registro, uma vez que se trata de culturas diversas. No entanto, é preciso deixar um registro de que o plano verbal, em Português, não representa uma tradução direta da palavra em Guarani-Mbyá, mas uma aproximação com os recursos da língua. Nesse contexto, para se representar a língua indígena, é preciso criar estruturas para representar a sua cosmovisão.

A modelagem inicia-se com a escolha do léxico a ser trabalhado. Essa escolha comporta um caráter empírico e qualitativo. Além disso, o aspecto interdisciplinar contribuirá com a pesquisa, considerando-se sempre a forma e os valores empregados pelo povo indígena. Nessa perspectiva, D'Angelis (2020) alerta para o perigo de traduções diretas sem se levar em conta a cosmovisão indígena.

Por meio do método analítico, o estudo passa à identificação das características e dos atributos do léxico. O objetivo dessa etapa é examinar, a partir do *corpus* documental do Guarani-Mbyá (Dicionário Bilíngue Guarani- Mbyá/Português), apresentado em Ivo (2024), os elementos linguísticos necessários ao processo de categorização. Cada entrada do léxico é submetida a um processo analítico que visa identificar e considerar o maior número possível de características reconhecíveis, como pode ser melhor observado na Figura 8.

Figura 8 - Explorando *corpus* documental

Fonte: Ivo (2024).

A Teoria da Classificação Facetada (Ranghanathan, 1967) assume a importância de fazer o mapeamento informacional do léxico indígena. A fase analítico-sintética foi iniciada com o objetivo de se organizar e categorizar os aspectos semânticos e pragmáticos do *corpus* documental da língua Guarani-Mbyá.

Em relação às questões representacionais, seguem algumas das dificuldades:

Complexidade representacional dos aspectos semânticos e pragmáticos: ilustra-se com o léxico *anguja*⁶² ‘rato’ (um tipo de roedor não comestível) e com *guaki*, também roedor (de tipo comestível), ensina Ivo (2024). Conforme a autora, a relação é de equivalência semântica, mas com implicações pragmáticas distintas. O *anguja* é o roedor ligado à poluição e a doenças como, por exemplo, leishmaniose, enquanto o *guaki*⁶³ é relacionado à mata, considerado, culturalmente, como um animal comestível. A solução adotada no dicionário foi o emprego das notas linguístico-antropológicas, que trazem informações linguísticas, sociais e culturais quando úteis à compreensão do léxico. No Prombyá, emprega-se, como solução, o uso dos atributos (Quadro 10):

Quadro 10 - Compreensão das características semânticas e pragmáticas incorporadas ao Prombyá

LÉXICO	ANGUJA	GUAKI
Sentido descritivo (semântico)	Rato	Rato
Aplicação do léxico em um contexto (pragmático)	Não comestível	Comestível

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

Observe que uma relação de sinônima poderia conduzir a uma ideia de que os dois tipos de ratos são similares. A informação sobre a comestibilidade é particular à cultura Guarani, por isso, a relação de equivalência diz respeito apenas ao sentido, e a informação sobre o uso do termo contextualmente — se são comestíveis ou não — aparece no atributo “aplicação do léxico em um contexto”, bem como no atributo “notas explicativas”.

O Prombyá contempla o emprego de variações, que podem se dividir da seguinte maneira:

⁶²Fonte: Ivo (2024, p. 94).

⁶³Fonte: Ivo (2024, p. 111).

- a) conforme a fonética: palavras variam quanto à pronúncia, como na oposição de sons orais e nasais: *Tupa*⁶⁴ (lugar de descanso, cama) e *Tupã*⁶⁵ (Deus das águas e chuvas);
- b) conforme a semântica: palavras variam quanto ao sentido, embora tenham a mesma forma: *karugua*⁶⁶ ‘louva-deus’, ‘arco-íris’.

Além disso, é preciso sempre se levar em conta as características socioculturais e cosmogônicas de uma comunidade não hegemônica. O léxico *Porã* significa ‘bom e bonito’ (Ivo, 2024, p. 143). No entanto, em contextos espirituais, a palavra *Porã* passa a ter o significado de ‘sagrado’ (Ivo, 2024, p. 97). Percebe-se a importância da cosmovisão indígena ditando todo o conjunto informacional, conforme o grupo Guarani: *avati*⁶⁷ USE *avaxi*⁶⁸.

Diante disso, esta pesquisa foi em busca de elementos capazes de complementar as lacunas citadas acima, aproximando-se, cada vez mais, da realidade semântica e funcional. Neste estudo, a Teoria da Classificação Facetada é integrada à TCT em diálogo com a Organização do Conhecimento Indígena. Com base nos dados e na interpretação linguística fornecidos por Ivo (2018) e Ivo (2024), tornou-se possível propor uma modelagem digital navegacional do léxico da língua indígena, fundamentada em uma abordagem semasiológica e classificatória aplicada ao Prombyá. Assim, são abordadas questões sobre variações linguísticas (envolvendo sincronia e diacronia, por exemplo) e as características socioculturais da comunidade estudada.

A seguir, apresenta-se a demonstração da fase analítica de extração das informações na Figura 9:

⁶⁴Fonte: Ivo (2024, p. 150).

⁶⁵Fonte: Ivo (2024, p. 150).

⁶⁶Fonte: Ivo (2024, p. 123).

⁶⁷Significando Milho, é usado pelos Grupos Guarani-Kaiowá, Nhandeva e Nhandewa (Ivo, 2024, p. 97).

⁶⁸Significando Milho, é usado pelo Grupo Guarani-Mbyá (Ivo, 2024, p. 97).

Figura 9 - Extração das características informacionais.



Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

O objetivo é preparar um repertório das entradas para a extração das características e dos atributos, sintetizada pela Figura 9. Com essa fase, chega-se ao cumprimento do objetivo específico 1: Examinar, a partir do *corpus* documental do Guarani-Mbyá apresentado em Ivo (2014; 2018) e Ivo (2024), os elementos linguísticos necessários ao processo de sistematização.

Na próxima fase, tem-se a organização dos atributos e das formas de agrupamentos classificadores que, mais à frente, são agrupados de acordo com características e funcionalidades semelhantes. Por sua vez, é importante realizar a descrição de cada característica identificável. Essa estrutura é útil para a fase da modelagem. O Quadro 11, apresentado a seguir, descreve o resultado.

Quadro 11 - Definição dos grupos que compõem o Instrumento de extração de informações

Descrição
<p>Este bloco contempla dados gerais de identificação dos termos.</p> <p>1 - Palavra em Guarani-Mbyá: contempla a escrita da palavra.⁶⁹</p> <p>1.1 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: este atributo surge em função da necessidade de se marcar com esta <i>tag</i> léxicos ainda não presentes tradicionalmente na língua, como os neologismos ou o resultado de variações. Nesse caso, indica que a palavra é Não Preferida. Do contrário, indica que a palavra é preferencial;</p> <p>Em muitos casos, as palavras aquirem dois sentidos aceitos, a saber: um sentido material, advindo de uma percepção descritiva e formal captada em um processo visual e um sentido figurado e/ou espiritual da cosmovisão indígena.</p> <p>1.2 - Sentido da Palavra: é o seu significado descritivo;</p> <p>1.3 - Cosmovisão indígena: é o significado ancestral, transmitido intergeracionalmente, e que, muitas vezes, encerram o código de conduta e de crenças da comunidade indígena.</p> <p>1.4 - Informações de Contexto: aplicação da palavra em um contexto de fala.</p>
<p>2 - As classes gramaticais e semânticas referem-se aos sintagmas verbais e nominais e às respectivas descrições. Sua aplicação pode ser encontrada no tratamento da polissemia e, consequentemente, como fator de desambiguação.</p>
<p>3 - Informações fonéticas: como característica produtiva da língua, sons nasais e orais precisarão receber uma sinalização.</p> <p>Na língua Guarani-Mbyá, emprega-se a flexão dos nomes e dos verbos. Disso, decorre uma complexidade que se aprofunda conforme a natureza dos sons envolvidos. <i>A priori</i>, é uma característica do Guarani-Mbyá a sua forma aglutinante de trabalhar, em que, na maioria das vezes, o termo aparece unido a estruturas do tipo “marcadore de posse”. Tais “marcadore de posse” diferenciam-se conforme a pessoa e o som do termo (nasal ou oral). É uma funcionalidade restrita e difícil de ser implementada, no entanto, precisa ser prevista.</p>
<p>4 - Relações:</p> <p>Controle de ambiguidade, assim como controle de sinônimas: próprios de línguas vivas e das línguas que passam da oralidade para a materialidade. Não se pode desfazer de sinônima, o que se faz para</p>

⁶⁹“Neste dicionário, adotamos a convenção da escrita mais comumente utilizada por professores e professoras Mbyá, o que acompanha, em certa medida, a convenção ortográfica para a língua Guarani, em outros países, como o Paraguai e Argentina” (Ivo, 2024, p. 65).

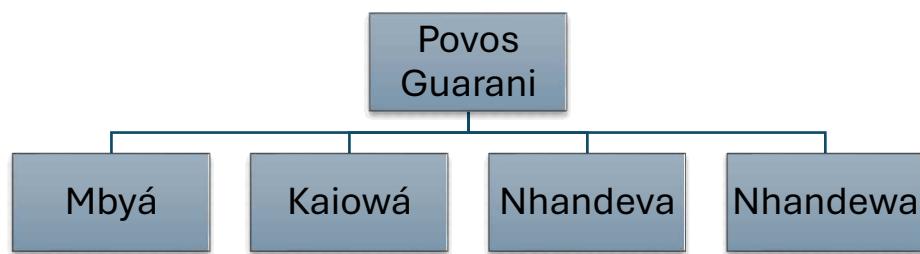
Descrição
evitar duplicidade de informações é utilizar relações de equivalência como forma de garantir consistência do instrumento. As relações de gênero/espécie e hierárquicas têm contribuído significativamente, no sentido de indicar subníveis de classes que são importantes. Por fim, estuda-se a implementação das relações: associativas. Entretanto, há de se verificar sua necessidade para adesão pelo usuário final.
5 - Variações que a palavra pode sofrer e mudança em sua forma linguística. 5.1 - Variações Fonéticas: quando a alteração se verifica no som; 5.2 - Variações Semânticas: quando a alteração se verifica no sentido; 5.3 - Variações Fonético-Semântica: quando a alteração se verifica no som e no sentido; Relações de contato linguístico frequente entre esses povos, o que, por vezes, pode gerar neologismos e empréstimos linguísticos. 6 - Variações conforme o grupo Guarani: Mbyá, Kaiowá, Nhandeva e Nhandewa.
7 - Mudança no tempo do termo utilizado. Quando necessário e possível, a inserção da datação.
8 - Por fim, tem-se o último bloco do instrumento, contemplando elementos acessórios da proposta, como notas, fonte, data etc.

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

O Quadro 11 apresenta as conclusões do instrumento de extração das informações agrupadas em 8 grupos. Desses grupos, resultam os seguintes agrupamentos, que, mais à frente, se transformam em elementos classificatórios e que, por sua vez, se transformam em elementos de naveabilidade da ferramenta.

Inicialmente, apresenta-se o agrupamento Povos Guarani. A representação tem, por finalidade, identificar a presença das etnias presentes no grupo Guarani e que, por sua vez, compartilham da mesma lacuna informacional. Por ocuparem o mesmo território, optou-se por incorporar esse registro ao instrumento navegacional (Figura 10).

Figura 10 - Agrupamento Etnia

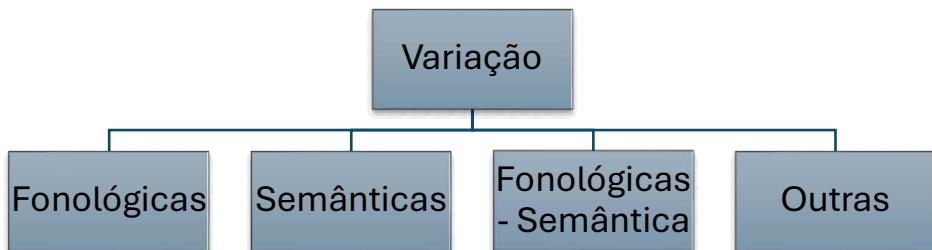


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seguir, apresenta-se o agrupamento Variação (Figura 11). O objetivo é identificar alterações que podem ser observadas no uso da língua. Por exemplo: a palavra Avaxi (Milho)

é utilizada pelos Guarani-Mbyá, já Avati (Milho) é utilizada pelos Guarani-Kaiowá, conforme Ivo (2024).

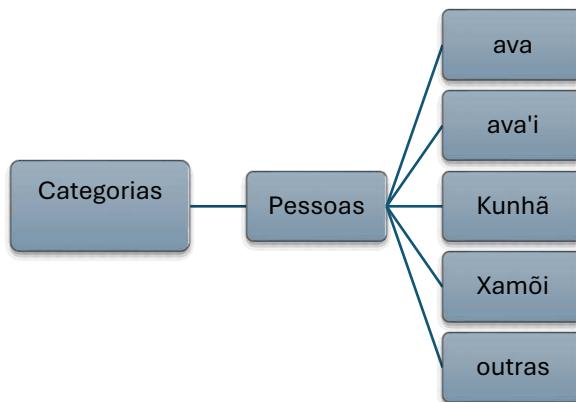
Figura 11 - Agrupamento Variação



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seguir, apresenta-se o agrupamento das Categorias. No contexto em tela, representa-se uma das categorias do PMEST. No caso ilustrativo, presente na Figura 12, ilustra-se o “P” — Personalidade, que, no Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, pode ser indicado pela categoria semântica “Pessoas”. O objetivo é apresentar essa interpretação, em um nível mais geral, sobre as palavras e expressões na língua indígena.

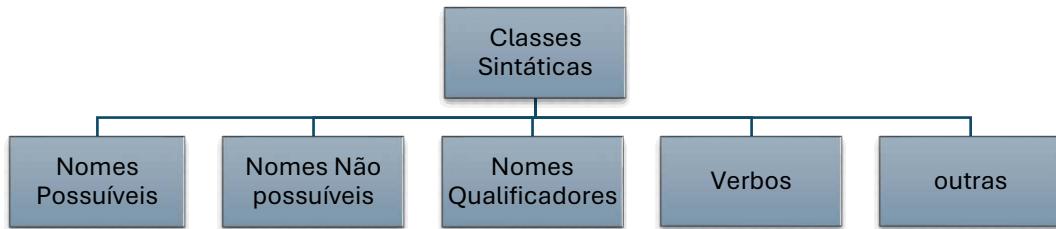
Figura 12 - Agrupamento Categoria



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seguir, apresenta-se o agrupamento Classes Sintáticas (Figura 13). O objetivo é apresentar essa representação e fornecer um leque maior de informações sobre as palavras e expressões na língua indígena.

Figura 13 - Agrupamento Classe Sintática



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Por fim, no Quadro 12, apresenta-se a síntese das facetas até agora apresentadas, acompanhadas de suas descrições, das Categorias Fundamentais, da descrição de cada categoria no Prombyá e das classes que a categoria representa:

Quadro 12 - Visão holística do PMEST e agrupamentos representativos da naveabilidade aplicadas ao Prombyá

	CATEGORIAS FUNDAMENTAIS	Descrição	AGRUPAMENTOS	EXEMPLOS DE ELEMENTOS INFORMATIVOS
1	P Personalidade	Representa o grupo étnico ou, no caso em tela, as comunidades representadas	Etnia	Guarani-Mbyá, Guarani-Kaiowá, Nhandeva e Nhandewa
2	M Matéria	No caso do Prombyá, essa categoria representa as formas de investigação sobre o uso das palavras e das expressões indígenas, numa perspectiva formal	Classe Sintática	Nome qualificador, nome não possuível, nome intransferível, verbos...
3	E Energia	Contempla as dinâmicas em torno da espiritualidade Guarani-Mbyá	Categoria Semântica	Elementos da cosmovisão Guarani-Mbyá
4	S Espaço	Indica elementos que podem assinalar multiplicidade de significados ou significados relacionados	Variações	Os conhecidos regionalismos
			Relações	Termo correlacionado
5	T Tempo	Elementos que podem assinalar se tratar de uma palavra estabelecida e por todos conhecida na linguagem atual do falante indígena, ou tratando-se de elaborações recentes, como é o caso do sistema numérico a partir do número 5	Tipo do léxico	Preferencial e Candidato

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O objetivo dessa fase foi o de organizar e categorizar os dados analisados, sob aspectos semânticos e pragmáticos do *corpus* documental da língua Guarani-Mbyá: Ivo (2014; 2018; 2024).

Após essas fases, há condição de se apresentar o objetivo específico 3: contribuir com a modelagem de um instrumento de representação da informação lexicográfica da língua Guarani-Mbyá, em ambiente virtual, que favoreça a organização, recuperação e naveabilidade do *corpus*.

Para se chegar ao Prombyá, que é essa proposta de instrumento navegacional, faz-se necessário o emprego de uma modelagem estática dos atributos relacionados ao protótipo. A fim de alcançar esse objetivo, é empregado o diagrama de classes.

O diagrama de classes tem, como função principal, representar, de forma estática, os atributos e os agrupamentos de objetos que compartilham características semelhantes, permitindo uma visão clara e estruturada do sistema.

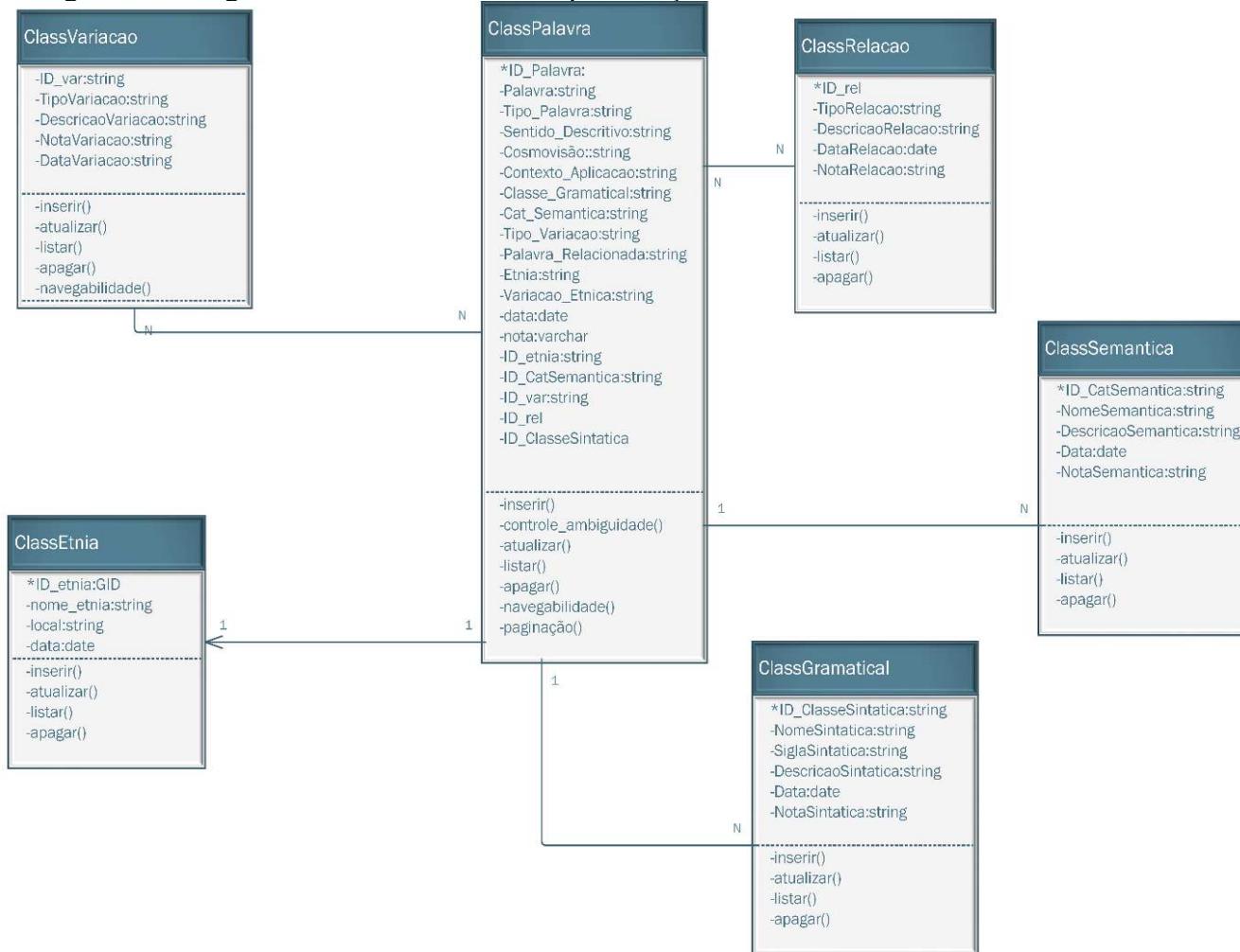
Os agrupamentos no diagrama de classes são formados com base em características comuns entre os objetos e são acompanhados por métodos específicos que desempenham as funções atribuídas a cada agrupamento no contexto do protótipo. Assim, cada classe reflete um conjunto de responsabilidades e comportamentos bem definidos, alinhados aos requisitos do sistema. Essa organização facilita a compreensão e o desenvolvimento do protótipo, além de permitir maior reutilização e modularidade do código.

Ademais, o diagrama de classes contempla os relacionamentos entre os diferentes agrupamentos. Esses relacionamentos, que podem incluir associações, dependências, heranças ou composições, são fundamentais para descrever como as diferentes partes do sistema interagem entre si. Nesse sentido, essa abordagem contribui para a identificação de possíveis dependências ou pontos de integração no protótipo, promovendo um *design* mais coeso e eficiente.

No contexto do Prombyá, o diagrama de classes desempenha um papel crucial ao ilustrar a estrutura lógica subjacente ao sistema. Sua aplicação permite identificar claramente os elementos principais e as suas interconexões, promovendo um melhor entendimento sobre as funcionalidades e os processos envolvidos. A Figura 14, apresentada na página seguinte, ilustra essa lógica de forma detalhada, oferecendo uma visão abrangente do diagrama de classes elaborado para o Prombyá.

O emprego do diagrama de classes, portanto, contribui para o planejamento e a execução do protótipo. A estruturação dos atributos, métodos e relacionamentos proporciona uma base sólida para o desenvolvimento do sistema.

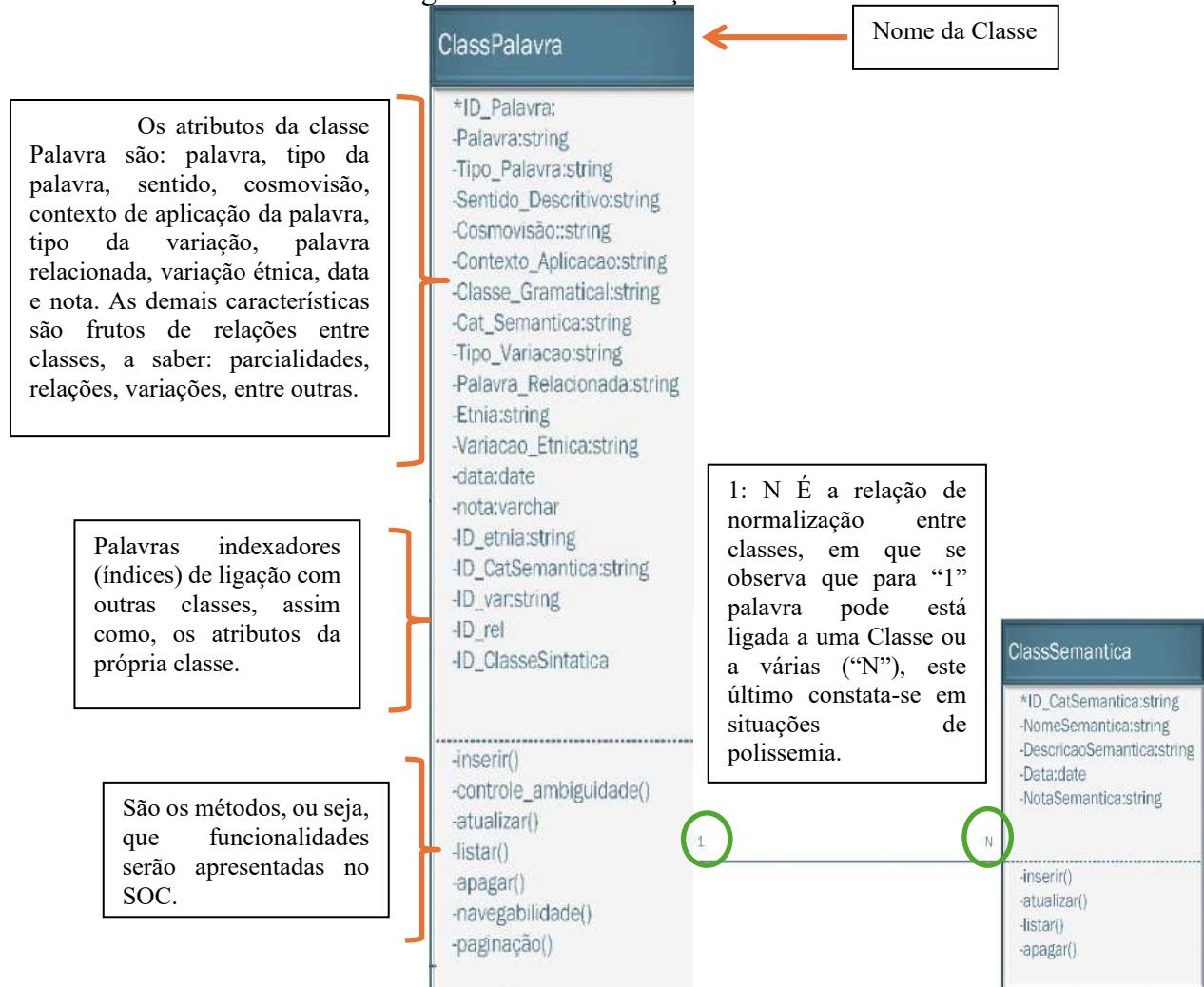
Figura 14 - Diagrama de Classes UML — apresentação das Classes, das variáveis e dos métodos



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Abaixo, tem-se um pequeno trecho do diagrama, de forma a elucidar como as informações estão se relacionando (Figura 15). Nesta fase, tem-se uma estruturação de cada classe e de seus atributos, bem como da relação entre as classes, evidenciando como as informações dialogam em uma modelagem. Segue um trecho isolado extraído da Figura 14.

Figura 15 - Normalização entre classes



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A classe Palavra relaciona-se com outras classes:

- Semântica: são as informações de classificação sobre as categorias da vida que se encontram no dia a dia. Frise-se que essas categorias têm sua origem no Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, conforme Ivo (2024), que, por sua vez, é um produto que conta com uma metodologia de trabalho colaborativo, contando com a presença de linguistas não indígenas e assessores indígenas Guarani-Mbyá;

- b) CG — Classe Gramatical: outro tipo de classificação, necessária devido à construção e à estruturação dos elementos formais da língua Guarani-Mbyá;
- c) Rel — Relações: o objetivo é identificar relações entre as palavras. Para tanto, há de se registrar os léxicos que se relacionam e o tipo da relação (gênero/espécie, equivalência, antônimas, entre outras);
- d) Var — variações: para um único sentido, é possível identificar duas expressões. Em muitos casos, é possível escutar que um determinado termo é usado mais pelos anciãos, enquanto os mais jovens utilizam o outro termo. Acredita-se que, na perspectiva sociocultural, é importante o registro de ambos;
- e) Etnia (refere-se aos povos indígenas): palavras correlatas empregadas pelas variedades do grupo Guarani no Brasil.

A integração com os elementos funcionais é identificada nos métodos do diagrama de classes. Para cada classe, são analisadas as funcionalidades específicas, relacionadas à sua estrutura. O manuseio da estrutura de métodos implica em algumas estruturas, enumeradas a seguir:

- a) **métodos reutilizáveis:** como exemplo, pode-se citar os métodos de cadastrar, listar, atualizar e apagar. Devido ao uso reiterado, no decorrer do código, é possível explorar os princípios da reusabilidade e da herança, otimizando a organização e o reaproveitamento de elementos;
- b) **métodos únicos:** algumas funcionalidades acontecem uma única vez na estrutura do Prombyá. É o caso do controle de ambiguidade, que surge apenas nas inserções de novos léxicos ou novas expressões (e apenas nesta classe), e da paginação que ocorre no módulo de Busca.

Por fim, no quarto objetivo específico, apresenta-se um protótipo da modelagem navegacional para a língua Guarani-Mbyá, apresentado na Figura 16. O item identificado no quadro em vermelho refere-se a estrutura de naveabilidade, tratada mais acima.

Figura 16 - Protótipo de Gestão do Léxico Guarani-Mbyá

The screenshot shows the 'Gestão de Léxico' (Lexicon Management) page of the PROMBYÁ prototype. On the left, a sidebar menu is visible, with the 'Léxico' item highlighted by a red box. The main content area displays a table with the following columns:

Léxico	Sentido do Léxico	Sentido Figurado	Contexto em que se aplica o Léxico	Tipo do Léxico	Tipo de Relações entre os Léxicos	Léxico relacionado	Etnias do grupo Guarani	Variação lexical do grupo Guarani	Tipo de Variação	Léxico objeto da Variação	Classe Sintática	Classe Semântica	Guarani Antigo	Data	Nota	Ações
Nenhum dado disponível nesta tabela																

Below the table, a message states: 'Mostrando registros de 0 até um total de 0 registros'. At the bottom right, there are links for 'Anterior' and 'Seguinte'.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na seção seguinte, seguem alguns aportes sobre os procedimentos metodológicos empregados no Protótipo de Gestão do Léxico Guarani-Mbyá.

6.3 Técnicas e Procedimentos Metodológicos

Entre as técnicas e os procedimentos já apresentados na seção anterior, tem-se, nessa seção, a sua aplicação na língua Guarani-Mbyá. A aplicação do instrumento está descrita nos Quadros 13 e 14. Abaixo, segue, como ilustração, a aplicação do Instrumento de Extração de Informação Lexicográfica referente ao léxico *porã*:

Quadro 13 - Aplicação do instrumento de extração de informação lexicográfica para o léxico “*porã*”

DESCRIÇÃO
1 - 1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Porã</i> 1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida; 1.3 - Sentido descriptivo: Bom e belo 1.3 - Cosmovisão indígena: Sagrado 1.4 - Aplicações: Exemplo1: <i>xeko'ẽ porã</i> ‘amanheci bem’ Exemplo2: <i>tape porã</i> ‘caminho sagrado’
2 - Classe Sintática: Nome Qualitativo Classe Semântica: Qualidade
3 - Informações fonéticas: Som Nasal
4 - Relações: Relações hierárquicas: entre classes.
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Não há variações Utilizado pelas demais parcialidades com mesma escrita e sentido
6 - Variações Não se aplica
7 - Informações diacrônicas Mudança da palavra no tempo. Quando necessária e possível, a inserção da datação. <i>Porang</i> (Montoya, 2011 [1639], p. 248 <i>apud</i> Ivo, 2023) <i>porã</i> (Ivo, 2018; Ivo, 2024) Nota: perda da consoante pré-natal /ng/
8 - Notas Fonte: Montoya (2011 [1639], p. 248) Ivo (2018), Ivo (2024) Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

No Quadro 14, segue outro exemplo de aplicação do Instrumento de Extração de Informação Lexicográfica referente ao léxico *py'a*:

Quadro 14 - Aplicação do instrumento de extração de informação lexicográfica para o léxico “*py’á*”

COR	FUNÇÃO
1 -	
1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Py’á</i>	
1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida;	
1.3 - Sentido descritivo: 1. ‘coração’, 2. ‘estômago’, 3. ‘fígado’, 4. ‘pensamento’, 5. ‘mente’	
1.3 - Cosmovisão indígena: 1. ‘tórax’, 2. ‘força, coragem’	
1.4 - Aplicações:	
Exemplo1: <i>xepy’á raxy</i> ‘meu estômago dói’	
Exemplo2: <i>ndepy’á guaxu</i> ‘tenha coragem, força’	
2 - Classe Sintática: NPI - Nome Possuível Intransferível	
Classe Semântica: Parte corpo	
3- Informações fonéticas:	
Som Nasal	
4 - Relações:	
Relações hierárquicas: entre classes.	
5 - Palavra que podem sofrer variação e mudança em sua forma linguística.	
Não há variações	
Utilizado pelas demais parcialidades com mesma escrita e sentido	
6 - Não há	
7 - Informações diacônicas	
8 - Notas	
Fonte: Ivo (2018), Ivo (2024).	
Data: 2024	

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

Desse modo, as fichas lexicográficas bilíngues, Guarani-Mbyá/Português, empregadas no planejamento do Prombyá, foram importantes para mapear as informações semasiológicas encontradas no instrumento navegacional.

A seguir, apresentam-se os elementos norteadores da relevância da pesquisa — o Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português.

6.4 O Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português

Este estudo fundamenta-se na palavra como unidade de análise, uma escolha metodológica que possibilita alcançar características lexicográficas não acessíveis ao conceito, dado seu caráter universal e sua exigência de uma definição única.

O universo da pesquisa fornece dados lexicais e socioculturais sobre o funcionamento da língua e é constituído a partir do material disponibilizado por Ivo (2024), além das suas pesquisas de Mestrado e Doutorado, respectivamente, de 2014 e 2018, e dos mais de trinta anos de pesquisa da professora com essa etnia, com *corpus* presente no projeto Dicionário Bilíngue

Guarani-Mbyá/Português⁷⁰, proposto em forma impressa. Os dados foram cedidos conforme Termo de Cessão de Dados (Anexo A) para possibilitar o entendimento sobre os dados da língua Guarani-Mbyá, a fim de, a partir deles, propor uma modelagem de Organização do Conhecimento Indígena que fornecesse modelo navegacional para um Sistema de Recuperação da Informação (SRI) no futuro.

A base de cálculo para o tamanho da amostra obedece a critérios empíricos, entendimento que tem guarida nos aportes apresentados por Triviños (1987, p. 132), segundo o qual é possível usar, nas pesquisas qualitativas, “[...] recursos aleatórios para fixar a amostra”. Neste entendimento, adotou-se o critério de escolha empírica sobre a quantidade de termos. Nesse sentido, não se procura atingir um número exato, mas, sim, um entendimento, que não será atingido, mas compreendido, em linhas gerais, por uma generalização que se espera atingir. Todo o início se dará por um processo de categorização. “As categorias não constituem um número definido. Aparecem novas categorias em razão das atividades que desenvolve o homem atuando sobre a natureza e a sociedade, em seu afã de conhecer e transformá-las” (Triviños, 1987, p. 55).

Diante do que já foi exposto, apresenta-se a análise empregada nas palavras extraídas do Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português.

⁷⁰Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, projeto em desenvolvimento no Instituto de Letras — UFBA, coordenado pela Profª. Drª. Ivana Pereira Ivo, com participação de consultores falantes Guarani-Mbyá.

7 ANÁLISES E RESULTADOS

A seguir, exemplifica-se a análise lexical, conforme as teorias empregadas nesta pesquisa e as etapas deste estudo, extraídas do Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português (Quadro 15):

Quadro 15 - Planos das ideias e verbal de Ranganathan (1967) aplicados ao Guarani

	PLANO DAS IDEAIS	PLANO VERBAL BILÍNGUE	
		Plano verbal — em Guarani Mbyá	Plano verbal — português brasileiro
1	Identificação de Conceitos e Entidades	<i>Petýguia</i>	Cachimbo sagrado
	Estabelecimento das facetas	Personalidade	Práticas e rituais, espiritualidade,
	Relações	Equivalência	<i>Petý ou apytýha</i> (Nhandeva)
2	Identificação de Conceitos e Entidades	‘-Jagua’	Cachorro (Mbyá, Kaiowá e Nhandeva)
	Estabelecimento das facetas	Personalidade	Componente da Natureza e Elemento espiritual
	Relações	Equivalência	onça (Nhandewa)
3	Identificação de Conceitos e Entidades	‘-amõi’	Avô, antepassado ou líder espiritual
	Estabelecimento das facetas	Personalidade	Liderança política e espiritual
	Relações	—	—
4	Identificação de Conceitos e Entidades	‘Eixu’	‘vespeiro, Plêiades, constelação’
	Estabelecimento das facetas	Personalidade	Componente da Natureza
	Relações	—	—
5	Identificação de Conceitos e Entidades	<i>Ava</i>	Homem
	Estabelecimento das facetas	Personalidade	Integrante da sociedade, podendo ocupar diversas posições
	Relações	Equivalência	<i>Kuimbae</i>

6	Identificação de Conceitos e Entidades	<i>Mbarakuja</i>	Maracujá
	Estabelecimento das facetas	—	Elemento da natureza
	Relações	Equivalência	<i>Mburukuya</i>
7	Identificação de Conceitos e Entidades	<i>Avaxi</i>	Milho
	Estabelecimento das facetas	—	Elemento da natureza
	Relações	Equivalência	<i>Avati</i> (Guarani-Kaiowá)

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

As estruturas classificatórias são apresentadas, no ponto 7.1, com informações de cunho semasiológico, ou seja, com exemplos de aplicação das palavras no contexto de fala, com explicação da cosmologia indígena, com informações diacrônicas por meio do atributo “Guarani Antigo”, além da variação lexical, das notas explicativas e da datação do registro.

No contexto da representação, dois elementos devem ser incorporados: um elemento lexical, que contribui para a compreensão da variação da palavra no grupo Guarani, e um elemento que estabelece um diálogo com a cosmovisão indígena.

Em termos de variação lexical, Pierri (2013, p. 221) apresenta o léxico *jagua* e seu sentido:

[...] embora as línguas guaranis tenham escolhido designar o cachorro doméstico com o termo *jagua*, na maioria das línguas tupi-guarani designa as onças. Nota-se, entretanto, que a afecção ferocidade continua impregnada no vocábulo *jagua*, utilizado como qualificador para designar uma série de transformações [...] de outros animais [...].

Segundo Mello (2006, p. 226), o léxico é entendido em sua relação com o *yvyraidjá*, o espírito dono do animal: “Seu *yvyraidjá* animal, o cachorro, lhe confere astúcia, olfato e audição aguçados, ampla percepção do acontece no entorno e é um importante auxiliar nos sonhos”, dessa forma, confere poderes a quem o incorpora.

O *jagua* também é lembrado no mito da criação do mundo, apresentado pelos Guarani-Mbyá. O mito é bem extenso, então, será apresentada uma síntese dele, conforme Tempass (2010, p. 109):

[...] a mãe de Kuaray (o futuro Sol), quando grávida, se põe no caminho a procurar o pai de Kuaray. Dentro do ventre da mãe, Kuaray vai indicando o caminho correto que devia ser seguido. No caminho Kuaray pedia para que sua mãe lhe colhesse algumas flores. Kuaray sempre tinha os seus pedidos

atendidos. Numa das flores solicitadas havia um zangão que picou sua mãe. Esta ficou irada com Kuaray, julgando que a culpa era do filho que havia lhe pedido aquela flor e acabou batendo em sua própria barriga. Então, Kuaray parou de indicar o caminho correto que eles deveriam seguir. Tomando o caminho errado eles foram parar na morada dos jaguares. Chegando lá só havia a mãe dos jaguares, em casa, que lhes diz para não ficar, para não serem comidos por seus filhos, que logo retornariam. Só que a mãe de Kuaray não lhe deu ouvidos. Então, os filhos da jaguar voltaram e comeram a mãe de Kuaray. Estes separaram o feto para que a sua mãe o comesse, mas não conseguiram matar o Kuaray, mesmo após várias tentativas. Sendo assim, a mãe dos jaguares decidiu criar Kuaray. Ele criou o primeiro arco e fez três flechas e passou a caçar para alimentar a sua mãe de criação, que então ele julgava ser a sua mãe. Aliás, com a caça ele alimentava toda a família dos jaguares. Depois Kuaray criou um irmão para ele, o Jaxy (futura Lua). Ambos vão caçar em uma ilha distante, desrespeitando as ordens da jaguar que julgam ser sua mãe. Na ilha tentam matar um papagaio que lhes conta que a jaguar não é a mãe deles, que na verdade a jaguar comeu a sua progenitora. Então Kuaray e Jaxy, com ajuda do lobo marinho, construíram uma ponte-armadilha. Quando os jaguares estavam atravessando a ponte os dois irmãos a derrubaram, jogando os jaguares na água. Porém, nem todos morreram afogados e o plano dos irmãos de extinguir os jaguares fracassou. Assim, eles decidiram sair de perto dos jaguares procurando seu pai, morador de uma outra comunidade. No caminho os irmãos vão dando os nomes para as plantas e animais, nomeando também os alimentos. Só depois que o Sol e o Lua vão para o céu, partilhando a função de iluminar o mundo. O Sol, mais velho e poderoso, ilumina o dia. A Lua, irmã menor e não tão poderosa quanto o Sol, ilumina a noite. Mas, a Lua, mais fraca, fica cansada e tem que descansar. É por isso que existem as fases ‘da Lua’ (Tempass, 2010, p. 109).

Outro aspecto relevante é que as diferenças culturais entre os povos demandam um tratamento representacional cuidadoso. O desafio reside na disponibilização de recursos adequados para que ambas as culturas disponham das ferramentas necessárias à compreensão da palavra. É o que acontece com o léxico *eixu*. O povo Guarani-Mbyá possui nomes próprios para estrelas, asteroides, situações em rituais que envolvem espiritualidade, entre outros. Conforme explicam Lima e Moreira (2005, p. 16): “[...] a constelação do Homem Velho dos guaranis do Paraná contém três outras constelações indígenas, cujos nomes em guarani são: Eixu (as Plêiades), Tapi’i rainhykā (as Hyades, incluindo Aldebaran) e Joykexo (O Cinturão de Orion) [...]. *Eixu* é outra palavra com o seu significado descritivo “inseto que produz mel”, além de, como se percebe no mito do nascimento do Kuaray, entre todos os seres que aparecem nele, ter a abelha como um “indicativo de sua importância espiritual” para esse povo.

Uma sociedade indígena possui alguns papéis cujo destaque precisam ser ressaltados, uma vez que diferem de outras culturas. Como exemplo, apresenta-se o *xeramõi*, que equivale a ‘meu avô’. O *xe-* é um marcador de posse, de primeira pessoa, que, na língua Guarani-Mbyá, é empregado de forma aglutinada ao nome *-amõi* ‘avô’, segundo Ivo (2024). Além do avô, o léxico é empregado com o sentido de ‘ancestral’ e ‘líder espiritual’. Segundo Campos, Godoy

e Hora (2022), o *xeramõi* desempenha um papel que transcende o de uma autoridade política, sendo procurado, também, para aconselhamento e a mediação de conflitos. Além disso, sua presença é fundamental para a realização de diversos rituais dentro da comunidade.

A identidade Guarani é profundamente marcada pela espiritualidade, que se manifesta especialmente nos rituais coletivos. A palavra *ayvu* ('alma') ocupa posição de destaque nas concepções culturais e está presente em celebrações ritualísticas que envolvem canto, dança e encontros na Casa de Reza (*opy* ou *opy'i*). Nessa perspectiva, a identidade Guarani encontra sustentação no xamanismo, entendido como uma instituição que concede poderes espirituais aos xamãs, conhecidos como *xeramõi* ("nossa avô") e *xejaryi* ("nossa avó"), dotados da capacidade de intermediar a comunicação com as divindades. Campos, Godoy e Hora (2022) registram aspectos da história dos Guarani e reafirmam a concepção espiritual de uma identidade permanentemente resguardada pelos *xeramõi* e *xejaryi*, isso é, os anciões e as anciãs da comunidade. A partir da próxima seção, apresenta-se a análise das palavras em uma perspectiva semasiológica.

7.1 Léxico 1: *Jagua*

Quadro 16 - Síntese da representação do Léxico *Jagua*

DESCRIÇÃO

1 - Léxico
1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Jagua</i>
1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida;
1.3 - Sentido descritivo: cachorro ou onça
1.4- Cosmovisão indígena: o espírito do <i>Jagua</i> aparece em rituais e em diversos mitos, cujo principal é o da criação do <i>Kuaray</i>
1.5 - Aplicações: Exemplo1: <i>Aexa peteī jagua ndero py</i> ‘eu vi um cachorro em tua casa’
2 – Classe Sintática: Nome não possuível Classe Semântica: Animal
3 - Informações fonéticas: Som Oral
4 - Relações: Equivalência <i>Kaxuru</i> (cachorro) - palavra em Guarani-Nhandewa - empréstimo da língua portuguesa
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Variação Semântica <i>Jagua</i> significando Cachorro ou Onça
6 - Não se aplica
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa Fonte: Ivo (2024) Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

7.2 Léxico 2: *Xeramõi*

O *xeramõi* equivale a ‘meu avô’: <{xe-} ‘um marcador de posse de primeira pessoa singular’ + {r-} ‘prefixo relacional que liga o possuidor à coisa possuída’ + *amõi* ‘avô, antepassado, ancestral, liderança espiritual’> (Ivo, 2024). A seguir, segue análise da palavra (Quadro 17):

Quadro 17 - Síntese da representação da palavra *Xeramõi*

DESCRIÇÃO
1 - Léxico 1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Xeramõi</i> 1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida; 1.3 - Sentido descritivo: Avô, antepassado 1.4 - Cosmovisão indígena: Líder espiritual 1.5- Aplicações: Exemplo1: <i>Nhaneramõi kuery</i> ‘nossos antepassados’
2 - Classe Sintática: Nome Intransferível Classe Semântica: Parentesco
3 - Informações fonéticas: Som Nasal
4 - Relações: Não se aplica
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Não se aplica
6 - Não se aplica
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa Fonte: Ivo (2024) Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

7.3 Léxico 3: *Eixu*

Quadro 18 - Síntese da representação *Eixu*

DESCRIÇÃO
1 - Léxico 1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Eixu</i> 1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida; 1.3 - Sentido descritivo: Vespeiro 1.4 - Cosmovisão indígena: Plêiades ou constelação 1.5 - Aplicações: Exemplo1: <i>Aexa eixu ha 'e py</i> ‘vi um vespeiro ali’
2 - Classe Sintática: Nome Intransferível Classe Semântica: Fauna
3 - Informações fonéticas: Som Oral
4 - Relações: Não se aplica

5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Não se aplica
6 - Não se aplica
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa Fonte: Ivo (2024) Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

7.4 Léxico 4: *Petýgua*

Quadro 19 - Síntese da representação do Léxico *Petýgua*

DESCRIÇÃO
1 - Léxico 1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Petýgua</i> 1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida; 1.3 - Sentido descritivo: Cachimbo 1.4 - Cosmovisão indígena: Instrumento que auxilia o processo de comunicabilidade com os espíritos 1.5 - Aplicações: Exemplo1: <i>Jaiporu nhande petýgua nhaembaraete aguã</i> ‘nós usamos o nosso cachimbo para nos fortalecer’
2 - Classe Sintática: Nome Possuível Transferível Classe Semântica: Utensílios
3 - Informações fonéticas: Som Nasal
4 - Relações: Equivalência: <i>Petý</i> ou <i>apytýha</i>
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Não se verifica
6 - Variações entre etnias do grupo Guarani <i>Petý</i> ou <i>apytýha</i> (Guarani-Nhandeva)
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa Fonte: Ivo (2024) Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

7.5 Léxico 5: *Ava*

Quadro 20 - Síntese da representação do Léxico *Ava*

DESCRIÇÃO
1 - Léxico 1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Ava</i> 1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida; 1.3 - Sentido descritivo: Homem 1.4 - Cosmovisão indígena: não se aplica 1.5 - Aplicações: Exemplo1: <i>Ava iporã</i> ‘a beleza do homem’ (o homem é bonito)
2 - Classe Sintática: Nome Não Possuível Classe Semântica: Pessoas
3- Informações fonéticas:

Som Oral
4 - Relações:
Equivalência <i>Kuimbae</i> (homem)
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística.
Não se aplica
6 - Não se aplica
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa
Fonte: Ivo (2024)
Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

7.6 Léxico 6: *Mbarakuja*

Quadro 21 - Síntese da representação do Léxico *Mbarakuja*

Descrição

1 - Léxico
1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Mbarakuja</i>
1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida;
1.3 - Sentido descritivo: Maracujá
1.4 - Cosmovisão indígena: não se aplica
1.5 - Aplicações: Exemplo1: <i>Xee aipota peteī mbarakuja</i> ‘quero um maracujá’
2 - Classe Sintática: Nome Não Possível Classe Semântica: Alimentos
3- Informações fonéticas: Som Oral
4 - Relações: Equivalência <i>Mburukuja</i>
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Variação Morfológica
6 - Não se aplica
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa
Fonte: Ivo (2024)
Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

7.7 Léxico 7: *Avaxi*

Quadro 22 - Síntese da representação do Léxico *Avaxi*

Descrição

1 - Léxico
1.1 - Palavra em Guarani-Mbyá: <i>Avaxi</i>
1.2 - Palavra Preferida e Palavra Não Preferida: Palavra Preferida;
1.3 - Sentido descritivo: Milho
1.4 - Cosmovisão indígena: Alimento dado pelo verdadeiro pai <i>Nhanderu Eté</i>
1.5 - Aplicações: Exemplo1: <i>Avaxi ijaguyje ma</i> ‘o milho já está maduro’

2 - Classe Sintática: Nome Não Possuível Classe Semântica: Alimentos
3- Informações fonéticas: Som Oral
4 - Relações: Equivalência <i>Avati</i>
5 - Palavra que pode sofrer variação e mudança em sua forma linguística. Variação Fonética
6 - Não se aplica
7 - Não se verifica informações diacrônicas
8 - Nota Explicativa Fonte: Ivo (2024) Data: 2024

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

Adiante, apresentam-se as ponderações sobre este capítulo de análise e discussões.

7.8 Conclusões

Procurou-se, com estas análises, responder à seguinte pergunta: como modelar as características linguísticas da língua Guarani-Mbyá, de modo a possibilitar a organização e o posterior acesso, em ambientes virtuais, a esse tipo de informação, de forma estruturada. Essa questão, apresentada na introdução desta pesquisa, orienta o processo de investigação lexical da língua Guarani-Mbyá.

Com as análises, nesta seção, almeja-se evidenciar a robustez do diálogo interdisciplinar desta pesquisa, bem como a importância das teorias abordadas na consecução e obtenção do resultado.

A primeira parte do capítulo aborda a teoria da classificação, em que Ranganathan (1967) direciona os aportes e o tratamento lexical. No entanto, sinaliza-se que existe uma área não abrangida pela teoria, mas que, por integrar o universo de uma língua oral, faz parte do registro. Essas lacunas geram demandas semasiológicas que são exploradas a partir da seção 9.1. Para suprir essas necessidades, adota-se a Teoria Comunicativa da Terminologia, proposta por Cabré (1998), a qual se destaca por abranger um amplo espectro informacional, incluindo aspectos contextuais, semânticos, variacionistas e polissêmicos, essenciais para o tratamento lexical de línguas como o Guarani-Mbyá.

Na seção a seguir, apresenta-se a proposta central desta pesquisa: os resultados do Prombyá.

8 PROMBYÁ: PROPOSTA DE MODELAGEM NAVEGACIONAL PARA O LÉXICO DA LÍNGUA GUARANI-MBYÁ

Nesta seção, apresenta-se a modelagem navegacional para o léxico da língua Guarani-Mbyá.

8.1 Definição dos elementos de naveabilidade

Inicialmente, o estudo aborda os seguintes agrupamentos: povos indígenas, categoria semântica, classe gramatical e variações, os quais servem como base para a estrutura classificatória e o ambiente de naveabilidade. A escolha dessas estruturas justifica-se por sua representatividade em relação ao léxico analisado, cuja definição resulta da aplicação do instrumento de extração de informações descrito na seção 6.3.

No entanto, no decorrer do projeto, percebeu-se que esse tipo de informação é volátil, visto que novos léxicos são sempre incorporados, fazendo-se necessária uma estrutura flexível, de modo que a opção do projeto foi mista, ou seja, os agrupamentos de classificação são incorporados de forma dinâmica, enquanto os agrupamentos de naveabilidade são incorporados de forma estática no projeto, como se observa parte do código abaixo (Figura 17):

Figura 17 - Trecho de código que indica o emprego de agrupamento para naveabilidade de forma estática

```
<li class="nav-item has-treeview menu-open">
    <a href="#" class="nav-link active">
        <i class="fa fa-bars" aria-hidden="true"></i>
        <p>Menu
        </p>
    </a>
    <ul class="nav nav-treeview">
        <li class="nav-item">
            <a href="panel.php?modulo=inicio"
                class="nav-link <?php echo ($modulo == "inicio" || $modulo == "") ?"
                <i class="fas fa-history" aria-hidden="true"></i>
                <p>SOC</p>
            </a>
        </li>

        <li class="nav-item">
            <a href="panel.php?modulo=lexico"
                class="nav-link <?php echo ($modulo == "lexico") ? " active " : "
                <i class="fa fa-book" aria-hidden="true"></i>
                <p>Léxico</p>
            </a>
        </li>

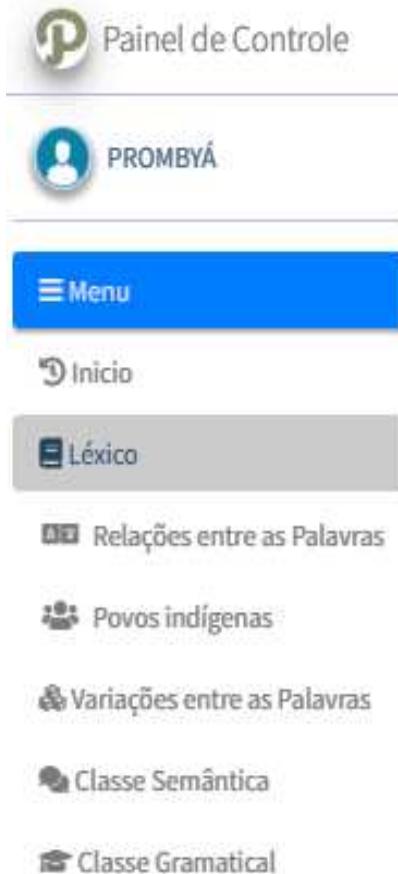
        <li class="nav-item">
            <a href="panel.php?modulo=relacoes"
                class="nav-link <?php echo ($modulo == "relacoes") ? " active " : "
                <i class="fa fa-language nav-icon" aria-hidden="true"></i>
                <p>Relações entre as Páginas</p>
            </a>
        </li>

        <li class="nav-item">
            <a href="panel.php?modulo=povos"
                class="nav-link <?php echo ($modulo == "povos") ? " active " : "
                <i class="fas fa-users nav-icon" aria-hidden="true"></i>
                <p>Povos indígenas</p>
            </a>
        </li>
    </ul>
</li>
```

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os elementos de navegabilidade do Prombyá, estruturados estaticamente na Figura 17, podem ser melhor visualizados na Figura 18, a seguir:

Figura 18 - Elementos de naveabilidade



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No que se refere à forma dinâmica de tratamento das facetas dinâmicas, cada uma possui um formulário de entrada de dados em que o mesmo delineará a forma e o tipo de informação. A seguir, são apresentadas as Figuras 19 e 20, que ilustram essa perspectiva:

Figura 19 - Formulários de entrada de dados nos agrupamentos Etnia e Variações

Adicionar Etnia indígena	Adicionar Variações entre as Palavras
Nome da Etnia indígena <input type="text" value="Guarani - Mbyá"/>	Tipo da Variação <input type="text" value="Fonética"/>
Local em que etnia pode ser encontrada <input type="text" value="São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, etc"/>	Descrição da Variação <input type="text" value="Alterações no léxico evidenciadas no som"/>
Data do registro <input type="text" value="10/12/2024"/> <input type="button" value="Calendário"/>	Data do Registro <input type="text" value="10/10/2024"/> <input type="button" value="Calendário"/>
<input type="button" value="Registrar"/>	<input type="button" value="Registrar"/>
<input type="button" value="Finalizar"/>	<input type="button" value="Finalizar"/>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Figura 20 - Formulários de entrada de dados nas classes semânticas e sintáticas dos termos analisados

Adicionar Categoria Semântica	Adicionar Classe Sintática
Categoria Semântica <input type="text" value="Natureza"/>	Classe Sintática <input type="text" value="Nomes não possuível"/>
Descrição da Categoria Semântica <input type="text" value="Contempla os elementos que se originam da floresta"/>	Descrição da Classe Sintática <input type="text" value="Referem-se a nomes que não são flexionados com formas de posses"/>
Sigla da Categoria Semântica <input type="text" value="NAT"/>	sigla_sintatica <input type="text" value="NNP"/>
Data do registro da Categoria Semântica <input type="text" value="10/12/2024"/> <input type="button" value="Calendário"/>	
Nota da Categoria Semântica <input type="text" value="Sem notas"/>	
<input type="button" value="Registrar"/>	<input type="button" value="Registrar"/>
<input type="button" value="Finalizar"/>	<input type="button" value="Finalizar"/>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Adiante, apresenta-se o ambiente de entrada de dados.

8.2 Ambiente de entrada de dados — cadastramento de palavras

A análise do *corpus* Guarani-Mbyá revela que a polissemia não constitui uma exceção, mas, sim, um fenômeno recorrente. Diante disso, tornou-se imprescindível um tratamento

teórico e metodológico adequado ao tema. Dessa forma, surgiu a necessidade de uma abordagem teórica que compreendesse essa dinâmica funcional da língua indígena.

Para garantir a gestão e a coesão das informações em um sistema de navegação com um grande número de entradas, atualizado por uma equipe heterogênea em tamanho e nível de conhecimento, tornou-se necessária a adoção de um método sintático para a gestão eficiente da polissemia. Essa abordagem revelou-se como essencial para evitar a redundância de dados e assegurar a integridade do sistema.

O léxico, isoladamente, não garante a gestão eficiente das entradas de dados. Assim, faz-se necessário adicionar um elemento em termos de comparação sintática que promova um nível adicional de coerência ao banco de dados. Esse segundo nível de coerência é alcançado pela associação do léxico a um outro elemento comparativo. Um *script* promoverá dissociação em relação às informações presentes no banco de dados com os dados informados pelo pesquisador.

No Prombyá, o segundo nível de coesão é implementado pelos atributos “léxico + classe sintática”. Se o resultado do *script* de verificação for maior que zero, isso indica que a palavra já foi registrada anteriormente. Nesse caso, o sistema notifica o pesquisador sobre a duplicidade, impedindo o cadastro. Do contrário, o cadastro da nova entrada é permitido.

Em alguns casos, foi necessário aplicar um terceiro nível de coesão, baseado na união de três atributos. No Prombyá, essa coesão adicional é alcançada pelos atributos “léxico + classe sintática + categoria semântica”. Esse processo utiliza uma comparação sintática para decidir se a informação pode ou não ser adicionada, garantindo ainda mais a integridade e a coesão dos dados.

O Quadro 23 apresenta o tratamento proposto pela pesquisa com o emprego de uma tupla formada pelas três colunas, cujos conteúdos são: léxico, classe semântica e classe sintática:

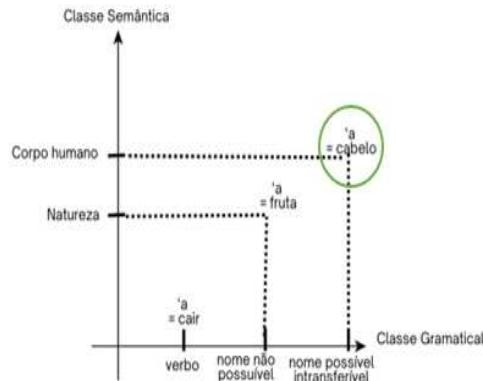
Quadro 23 - Palavras polissêmicas

PALAVRA EM GUARANI-MBYÁ	CLASSE GRAMATICAL	CLASSE SEMÂNTICA	SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS	USO
‘a	nome não possuível (nnp)	Natureza	Fruta	<i>narã’ a</i> ‘fruta da laranjeira’
‘a	nome não possuível (nnp)	Partes do corpo humano	Cabelo	<i>xe’ a</i> ‘meu cabelo’
‘a	Verbo	-----	Cair	<i>a’</i> ‘eu caí’

Fonte: Adaptado de Ivo (2024).

Na Figura 21, tem-se a distribuição lexical, juntamente com a identificação do referido léxico no plano cartesiano, conforme a Classe Gramatical, e, no eixo das ordenadas e abscissas, conforme a Categoria Semântica. O objetivo da figura 21 é comprovar que o emprego da tupla é suficiente para diferenciar as entradas. No caso do Prombyá, a tupla é formada pela união de três atributos, ou seja, uma tupla é o somatório do léxico, acrescido da categoria semântica junto à classe gramatical. A tupla é acionada sempre que se deseja cadastrar uma nova palavra e sua representação gráfica segue abaixo:

Figura 21 - Tratamento da Polissemia



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na Figura 22, apresenta-se o formulário de entrada de dados do Prombyá, assim como os atributos relacionados à sua gestão.

Figura 22 - Entrada de Léxico no Prombyá

Adicionar novo Léxico

Léxico
Léxico em Guarani - Mbyá

Sentido do Léxico
Sentido do Léxico

Sentido Cosmologia Indígena
Sentido cosmologia do Léxico

Contexto de aplicação do Léxico
Contexto de aplicação do Léxico

Tipo do Léxico
 Palavra Preferida
 Palavra candidata

Relações entre os Léxicos
 Seleccione o tipo de Relação: Léxico Correlato

Etnias do Grupo Guarani
 Seleccione a Etnia Indígena: Variações Lexicais entre as Etnias do Grupo Guarani

Tipo de Variação
 Seleccione o Tipo de Variação: Variações Lexicais entre as Palavras

Classe Semântica
 Seleccione a Classe Semântica: Classe Sintática

Informações sobre o Guarani Antigo
Informações sobre o Guarani Antigo

Data
dd/mm/aaaa

Nota
Nota

Registrar **Cancelar**

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O tratamento dado consiste em:

- a) busca, no banco de dados, sobre as informações previamente cadastradas. Em léxicos polissêmicos, a opção é o comparativo por meio da tupla anteriormente explicada;
- b) comparação com as informações oferecidas pelo colaborador.

Figura 23 - Controle de polissemia e duplicidade de informações

The screenshot shows the 'Gestão de Léxico' (Lexicon Management) page. On the left is a sidebar with various menu items like 'SOC', 'Léxico', 'Relações entre as Palavras', etc. The main area has a table titled 'Léxico' with columns for Léxico, Sentido do Léxico, Sentido cosmologia, Contexto em que se aplica o Léxico, Tipo do Léxico, Tipo de Relações entre os Léxicos, Léxico relacionado, Etnias do grupo Guarani, Variação lexical do grupo Guarani, Tipo de Variação, Léxico objeto da Variação, Classe Sintática, and Classe Semântica. A single row is shown for 'Jagua'. At the top right, there's a red banner with the message 'Léxico já estava cadastrado no Sistema' (Lexicon already registered in the system). A red arrow points from the text in the banner to the banner itself.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para recuperação da informação, o Prombyá emprega duas formas de busca:

- por agrupamentos, como se vê na Figura 24:

Figura 24 - Busca de léxicos por agrupamento

The screenshot shows the 'Sistema de Busca' (Search System) interface. On the left is a sidebar with the same menu as Figura 23. The main area has a search form with four dropdown menus: 'Semântica' (set to 'Parentesco'), 'Sintética' (set to 'Selecionar'), 'Etnia' (set to 'Selecionar'), and 'Variação' (set to 'Selecionar'). Below the form is a button labeled 'Buscar'. Underneath is a section titled 'Resultados da Busca' (Search Results) with a table showing one result: 'Xeramõi' with 'Avô, antepassado' as the 'Significado', 'Líder espiritual' as the 'Cosmologia Indígena', 'Parentesco' as the 'Semântica', 'Nome intransferível' as the 'Sintética', 'Nome intransferível' as the 'Etnia', and 'Variação' as the 'Variação'.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No tipo de busca acima, há de se ter a percepção que se trabalha com quatro filtros: semântica, sintática, povos indígenas (Etnia) e variação. O tipo de busca utiliza o operador “AND” e, portanto, todos os filtros serão avaliados em conjunto no momento da busca, ou seja, caso não se deseje ou se tenha dúvida em algum filtro, o indicado é o seu não preenchimento.

Isso provocará a sua desconsideração no momento da busca; do contrário, um filtro errado poderá gerar um parâmetro de busca inexistente, não apresentando, assim, algum retorno, mesmo existindo dado com a informação. É o que ocorre na Figura 25:

Figura 25 - Resultados de busca com filtros incorretos

The screenshot shows the 'Sistema de Busca' (Search System) interface. On the left is a sidebar menu titled 'Painel de Controle' (Control Panel) with sections like 'SOC', 'Léxico', 'Relações entre as Palavras', etc. The main area has four dropdown filters: 'Semântica' (set to 'Parentesco'), 'Sintática' (set to 'Nome Intransferível'), 'Etnia' (empty), and 'Variação' (set to 'Semântica'). A 'Buscar' (Search) button is below them. The title 'Resultados da Busca' (Search Results) is centered above a blank result table.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em síntese, o tipo de busca acima caracteriza-se pela sua especificidade. Caso o colaborador opte por uma busca mais extensa e flexível, deverá optar pela busca a seguir:

b) por léxico, como se vê na Figura 26:

Figura 26 - Busca extensiva

The screenshot shows a search results table for the query 'Busca: Léxico'. The columns include: Léxico, Sentido do Léxico, Sentido Figurado, Contexto em que se aplica o Léxico, Tipo do Léxico, Tipo de Relações entre os Léxicos, Léxico relacionado, Etnias do grupo, Variação lexical do grupo, Léxico do grupo, Variação da Variação, Léxico objeto da Variação, Classe Sintática, Classe Semântica, Guarani Antigo, Data, Nota, and Ações. A red box highlights the search input field. Below the table, a message says 'Nenhum dado disponível nesta tabela' (No data available in this table). At the bottom, it says 'Mostrando registros de 0 até um total de 0 registros' (Showing records from 0 to a total of 0 records) and has 'Anterior' and 'Seguinte' buttons.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Essa busca percorrerá o banco de dados consultando por campos que sejam semelhantes ao dado fornecido. O léxico não precisa estar completo, uma vez que algumas letras em sequência já servem para iniciar uma busca. No entanto, o *script* ainda funciona de forma *case sensitive*, ou seja, os acentos diferenciam as palavras ou parte delas.

8.3 Cadastramento da variação e da mudança linguísticas

A escolha sobre o registro ou não dos léxicos, em função da variação ou da mudança linguísticas, ficará a cargo da equipe de linguistas. No entanto, caberá à proposta de modelagem de uma OC indígena contemplar estruturas que armazenem as duas informações em uma estrutura semelhante à “palavra candidata”, cuja aplicação indica que a palavra não é contemplada na linguagem tradicional do povo. A aplicação da tag “palavra preferencial” induz ao entendimento de que a palavra já é amplamente utilizada e incorporada ao sistema linguístico. Quaisquer outras informações ou complementações devem ser realizadas no campo de notas. Pode-se citar os neologismos e regionalismos como exemplo de situações que, de fato, ocorrem, como afirma Cabré (1999), e que carecem desse tipo de alternativa.

As relações entre os léxicos podem auxiliar no entendimento estrutural. Por exemplo, *ovy* é um léxico para significar as cores verde ou azul e ocorre em variação com *hovy*. Esse último, segundo uma professora Mbyá⁷¹, é empregado para especificar um tipo de azul relacionado ao que é sagrado (seres e objetos) (Ivo, 2024). Percebe-se, nesse caso, a relação do tipo gênero/espécie.

Noutras palavras, foram encontradas relações do tipo equivalência, quando um termo remete a outro, tendo o mesmo significado, como *anguja* e *guaki*:

Quadro 24 - Exemplo de relações de equivalência entre Termos na língua Guarani-Mbyá

TERMO MBYÁ	CLASSE GRAMATICAL	SENTIDO EM PORTUGUÊS TERMOS EQUIVALENTES	TERMO MBYÁ
<i>anguja</i>	nnp.	‘rato’	<i>guaki, kyja, xy rakua</i> ⁷²
<i>guaki</i>	nnp.	‘rato’	<i>anguja, kyja, xy rakua</i> ⁷³

Fonte: Ivo (2024).

A pesquisa tem, como foco, o Guarani-Mbyá. No entanto, há um grupo de informações importantes a serem trabalhadas que podem abranger os aspectos de contatos. Sabe-se que, nas aldeias Guarani, não é incomum encontrar Kaiowá, Mbyá, Nhandewa ou Nhandeva coexistindo em um mesmo território. Essa proximidade pode originar empréstimos, mudanças ou variações

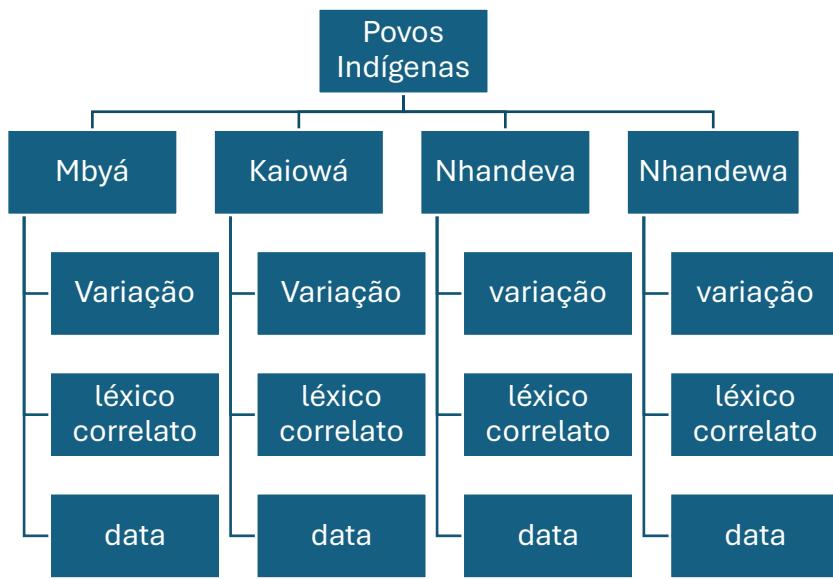
⁷¹Simone Takuá, em aula do Curso Guarani-Mbyá (2023).

⁷²Corpus cedido por Ivo (2018, 2024).

⁷³Corpus cedido por Ivo (2018, 2024).

nos termos que se refletem na linguagem. O rótulo Povos Indígenas⁷⁴ se encarrega de compreender essas informações. Abaixo, um exemplo de estrutura abrangendo as quatro parcialidades:

Figura 27 - Estrutura informacional para auxiliar no trato da troca de informações entre grupos Guarani



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O fluxo informacional da Figura 27 encontra-se, no Prombyá, disposto da seguinte maneira (Figura 28):

⁷⁴Refere-se aos demais grupos Guarani: os Kaiowá, Nhandeva e Nhandewa.

Figura 28 - Formulário com disposição dos elementos de variação e mudança lexicais do grupo Guarani

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Outros aspectos a serem considerados são a diacronia⁷⁵ e a sincronia⁷⁶, dois pontos que guardam sintonia com a variação e a mudança linguísticas. A diacronia refere-se à avaliação do termo em tempos distintos, enquanto a sincronia refere-se à comparação em um período de tempo semelhante. Montoya (2011 [1639], p. 248)⁷⁷ registrou o termo para belo como *porang*, no século XVII. Contemporaneamente, o termo apresenta uma forma reduzida, *porã*, com a queda da pré-natal final /ng/ (Quadro 25).

Quadro 25 - Proposta para se trabalhar com diacronia e sincronia

GUARANI-MBYÁ	CLASSE GRAMATICAL	CLASSE SEMÂNTICA	PORTUGUÊS	DATAÇÃO
<i>porang</i>				
<i>porã</i>				

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

⁷⁵“Termo adotado por Ferdinand de Saussure (1857–1913) para a transmissão de uma língua através do tempo e das gerações, sofrendo, nesse transcurso, mudanças fonéticas, mórficas, sintáticas, semânticas e léxicas. A diacronia define o caráter dos fatos linguísticos considerados em sua evolução ao longo do tempo” (Diacronia, [201-]).

⁷⁶“Estado de uma língua num determinado momento, sem levar em conta sua evolução histórica” (Sincronia, [201-]).

⁷⁷Esta é uma reedição. O livro original foi lançado em 1639.

No Prombyá, esse tipo de informação é tratado pelos atributos “notas explicativas” e “Guarani Antigo”. No Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, os termos relacionados são ligados por um sistema de remissão.

Outro assunto que dialoga com as perspectivas de variações e mudanças são as relações. No *corpus* Guarani-Mbyá, encontra-se muitas remissivas, o que conduz a um entendimento de palavras equivalentes. No entanto, algumas vezes, a relação é de oposição: o termo *eté* ‘real, verdadeiro, original’ está inversamente relacionado a *a'āngaa* ‘imagem, desenho, retrato, cópia’:

- eté* predic. nominal. ‘real, verdadeiro, original’ → -*a'āngaa*⁷⁸.
- a'āngaa* predic. nominal. ‘imagem, desenho, retrato, cópia ≈ F1s. *xea'āngaa*; F2s. *nea'āngaa*; F3s. *ia'āngaa*; F1p. (incl) *nhanea'āngaa*; F1p. (excl) *oreaa'āngaa*; F2p. *penea'āngaa*; F3p. *ia'āngaa*⁷⁹.

Assim, a partir dos procedimentos adotados acima, demonstra-se a representação do ambiente virtual do Prombyá.

⁷⁸Ivo (2024).

⁷⁹Ivo (2024).

Figura 29 - Proposta de Modelagem sobre a língua Guarani-Mbyá

Painel de Controle

PROMBYÁ

☰ Menu

SOC

Léxico

Relações entre as Palavras

Povos indígenas

Variações entre as Palavras

Classe Semântica

Classe Gramatical

SRI

Busca por Filtros por Facetas

Busca por Filtros de Léxicos

Relatórios

Documentação

Sair

Facetas de Navegabilidade

Gestão de Léxico

+Nova Palavra

Busca:

Léxico	Sentido do Léxico	Sentido Figurado	Contexto em que se aplica o Léxico	Tipo do Léxico	Tipo de Relações entre os Léxicos	Léxico relacionado	Etnias do grupo Guarani	Variação lexical do grupo Guarani	Tipo de Variação	Léxico objeto da Variação	Classe Sintática	Classe Semântica	Guarani Antigo	Data	Nota	Ações
Nenhum dado disponível nesta tabela																

Mostrando registros de 0 até um total de 0 registros

Anterior Seguinte

Recuperação da Informação

Recuperação da Informação

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou, de forma ampliada, um instrumento de Gestão de Léxico da língua Guarani-Mbyá, navegacional, com base na Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan (1967), e na Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré (1998), considerando a cosmovisão, a perspectiva social e a linguística do povo Guarani-Mbyá.

Este estudo contribui com a disseminação da informação por meio de um conhecimento que ainda não é tão acessível. A forma como o conteúdo é disponibilizado compreende o modo habitual de fala dos nativos, contribuindo para o processo de fortalecimento da língua materna e para a manutenção desse conhecimento.

Por se tratar de uma cultura não hegemônica, há de se perceber os seus elementos e os retratar com o zelo devido. Umas das ações em que se pode evidenciar esse cuidado foi a inclusão da cosmovisão indígena, assim como dos aspectos variacionistas que mantêm o vínculo com o conhecimento indígena, sem perder o liame científico da organização da língua, fazendo com que o conteúdo disposto possa ser empregado como ferramenta auxiliar de estudo e contribuindo com a educação escolar e com a valorização da língua Guarani-Mbyá. Assim, essa forma de planejar o trabalho permite que se alcance indígenas e não indígenas.

No transcorrer da pesquisa, algumas dificuldades e decisões foram necessárias e serão abordadas a partir de agora como forma de finalizar este estudo e, quem sabe, contribuir com outros que a esse se sucedam.

A ferramenta navegacional propõe, de maneira abrangente, prover o conteúdo informacional a esses diferentes grupos, adaptando-se às suas necessidades específicas. Assim, são claramente identificados os públicos que a ferramenta pretende alcançar, promovendo benefícios tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a contribuição com a manutenção e o fortalecimento da identidade cultural indígena.

É importante, ao instrumento de organização e representação da informação, contemplar o conteúdo identitário sobre a comunidade Guarani-Mbyá retratada, uma vez que alguns conhecimentos e valores empregados se distanciam dos entendimentos de uma sociedade indo-europeia, para que, mais à frente, os leitores compreendam os elementos linguísticos e os aspectos societários próprios desse povo.

Dessa forma, esta pesquisa examina um tema que demanda uma abordagem interdisciplinar, combinando diferentes áreas do conhecimento para viabilizar uma representação única e consistente. O estudo inicia-se com uma análise da cultura e das expressões indígenas, observando aspectos diacrônicos e o uso do léxico em variados contextos.

Em seguida, explora o diálogo entre as formas tradicionais de se classificar o conhecimento e os próprios saberes ancestrais indígenas.

Para garantir um tratamento lexicográfico coerente, empregam-se princípios da Tecnologia da Informação, possibilitando a sistematização das variações e polissemias, evitando inconsistências na base de dados. Ademais, o diálogo entre a Linguística e a Ciência da Informação desempenha um papel central na estruturação e classificação dos dados, identificando os agrupamentos que aprimoram a naveabilidade da ferramenta. A aliança com a Tecnologia da Informação evidencia-se na apresentação digital das informações, assegurando coerência na organização e na eficiência da recuperação dos dados.

Com isso, notou-se que o emprego de teorias que se adequam aos aspectos dinâmicos enriquece o estudo de uma língua indígena, uma vez que propicia uma fluidez e uma liberdade epistemológica mais adequada a esse domínio. Nesse sentido, observou-se que a Teoria Classificatória, de Ranganathan (1967), apresentou uma perspectiva classificatória que permitiu a fluidez que o domínio pesquisado buscava. De um lado, proveu a coerência no armazenamento da informação, bem como auxiliou outros componentes, sinalizando os agrupamentos que comporiam os elementos classificatórios, assim como contribuiriam com os elementos de naveabilidade. Conclui-se, portanto, que, por um viés de inteireza e respeito aos elementos indígenas, a TCF consegue, por meio do plano das ideias e do plano verbal, fornecer sinalizações significativas. Além disso, a visão holística do PMEST confirma a importância dessa teoria em contextos dinâmicos e amplamente sintonizados com a diversidade e a pluralidade da língua Guarani-Mbyá.

Por sua vez, a Teoria Comunicativa Terminológica, de Cabré (1998), permite o acolhimento informacional aos elementos apresentados por essa comunidade que é não hegemônica e que apresenta, no seu processo cognitivo de formação de novos léxicos, parte de sua receita do bem viver.

A pesquisa concluiu que o elemento funcional presente no atributo “contexto de aplicação” é essencial para a compreensão lexical. Além disso, os elementos de variação e os relacionamentos entre as palavras são fundamentais para garantir uma representação coerente e fidedigna ao domínio. Por fim, o emprego do atributo “Guarani Antigo”, em conjunto com outros atributos, como “notas explicativas”, foi suficiente para a representação da informação diacrônica presente na língua.

Não há estudo que margeie o viés identitário sem que a etnia lhe confira sentido e definição. A diversidade de línguas e culturas indígenas possibilita múltiplas perspectivas e diretrizes, ampliando as abordagens sobre o tema. Ivo (2019) descreve que alguns grupos

indígenas, em função das dificuldades e migrações, perderam várias informações sobre a sua cultura. Nesse contexto, o processo de resgate da sua memória social torna-se essencial e enriquecedor.

A língua Guarani-Mbyá é considerada uma língua viva, por receber aportes e atualizações constantes, fato que empreende elementos complexos à pesquisa. Os Guarani-Mbyá, por exemplo, notabilizam-se por empregar a língua materna em todos os ambientes, como forma de lhes conferir a importância e contribuir com o seu fortalecimento. No entanto, existem etnias cujo uso da língua materna indígena deu lugar ao uso do português. No segundo caso, outros elementos são trazidos à baila na escolha dos aspectos informacionais mais representativos.

Na prática, isso significa que, para representar a língua Guarani-Mbyá, faz-se necessário reconhecer o léxico, seu significado, o emprego desse léxico em uma situação real, os elementos que tratem de sua cosmologia, os aspectos de sincronia, de diacronia, a *tag* indicativa sobre neologismos, as características sobre variações, bem como os elementos classificatórios empregados no tratamento da polissemia e na gestão desse conhecimento. Em uma língua em situação de vulnerabilidade (quando a comunidade usa a língua portuguesa como primeira língua), podem ser poucos os aspectos variacionistas encontrados (sincronia, diacronia e polissemia). Segundo Ivo (2019), no caso de outras línguas, em que já não são encontrados falantes, o aspecto informacional será ancorado em documentos históricos. Percebe-se, assim, que a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas possibilita múltiplos caminhos e múltiplas orientações.

Após o mapeamento das características da comunidade indígena, tornou-se necessário avançar para a escolha do *corpus* que fundamentou a pesquisa. Esse *corpus* forneceu as características linguísticas essenciais para o processo de categorização estabelecido no primeiro objetivo específico⁸⁰. Procurou-se evitar as representações exógenas às realidades indígenas analisadas. No caso do Guarani-Mbyá, por exemplo, as informações sobre o léxico da etnia no Brasil podem não ser as mesmas nos demais países da América Latina onde a língua Guarani é falada. Esse ponto precisa ser destacado como forma de se afastar qualquer tentativa indevida de generalizar informações sobre uma mesma etnia.

⁸⁰Objetivo específico 1: examinar, a partir do corpus documental do Guarani-Mbyá (Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português) apresentado em Ivo (2024), os elementos linguísticos necessários ao processo de categorização.

Este estudo teve seu início no período da pandemia e, na época, as coletas de dados, estavam suspensas, por força legal. Sendo assim, a solução foi utilizar dados de uma outra pesquisa, o que foi feito e oficializado por meio do Termo de Cessão (Anexo A).

Ainda na etapa inicial de investigação, as múltiplas fontes lexicais causaram algumas dificuldades e, portanto, foram evitadas. Dentre os motivos para se chegar a essa decisão, teve-se o fato de que alguns glossários traziam informações que se contradiziam no significado ou nas informações complementares. Outros apresentavam o emprego da palavra em Guarani-Mbyá do Brasil e em *Jopará*, o Guarani falado no Paraguai, ao lado das demais características do léxico, sem identificar, separadamente, a origem de cada informação. A generalização confundia o entendimento e dificultava o processo de análise da entrada lexical.

Outro problema encontrado em outros glossários disponíveis na *internet* foi o desconhecimento, por parte dos indígenas, das informações ali destacadas. Para resolver essa dificuldade inicial, foi empregada uma única fonte documental, em que fosse possível aferir credibilidade ao seu conteúdo — o Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português, apresentado em Ivo (2024) —, que contemplava a construção colaborativa entre especialistas linguistas e indígenas⁸¹. Ao mesmo tempo em que solucionava a questão das garantias cultural e literária, essa escolha conferia, ao estudo, integridade e coerência na representação fiel do conhecimento indígena.

Em termos da cosmovisão e da história do povo Guarani-Mbyá, foram agregadas outras fontes com origem nas pesquisas disponibilizadas em repositórios institucionais, cujos autores são indígenas, e em teses de não indígenas, mas com os devidos respaldo e reconhecimento pelo seu valor perante à comunidade Guarani-Mbyá. Além disso, foram integradas obras já consagradas sobre a sociedade Guarani-Mbyá, referenciadas ao longo desta pesquisa.

Então, partindo de um *corpus* de análise, foi possível seguir em direção ao objetivo específico 1, que se inicia com um processo analítico de identificação dos atributos informacionais mais recorrentes nas entradas lexicais. Esse processo identificou as características: implementáveis de imediato e implementáveis em versões futuras. Um questionamento pertinente seria: qual critério determinou essa distinção? O principal parâmetro adotado foi o entendimento do conhecimento pelo público em geral, ou seja, algumas informações podem exigir um conhecimento prévio para serem compreendidas, motivo pelo qual foram deixadas para uma segunda versão.

⁸¹Após ingresso desta pesquisadora no LIB, Grupo de Pesquisas sobre Línguas Indígenas Brasileiras, foi obtido acesso ao conhecimento e dados.

Esmiuçando ilustrativamente o léxico *aguyje*, tem-se:

[1] **Léxico (-aguyje)**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: palavra ou léxico. O traço (-), no início da palavra, sinaliza ao leitor que, antes dela, há elementos que a ela se incorporam, frutos da característica aglutinante da língua, em que se pode citar, como exemplo, os pronomes e os marcadores de posse, conforme elucida Ivo (2024). As informações sobre flexões e o seu emprego estão presentes na aplicação da palavra em um contexto de uso, no entanto, detalhes específicos sobre seu emprego poderiam dificultar o uso da ferramenta, o que se quer evitar;

[2] **Tipo**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: tipo do léxico. Percebe-se que o Guarani-Mbyá, por ser uma língua em constante evolução, no contato com o mundo científico e tecnológico, tem se esforçado em empregar o conhecimento da língua materna para definir e nomear as coisas do mundo e, frutos desse processo, tem-se, então, os novos léxicos;

[3] **Classe gramatical (Predicado Nominal)**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: classe gramatical;

[4] **Categoría semântica**: é uma característica implementável de imediato. É contemplada indiretamente, na entrada, por meio dos significados ali presentes;

[5] **Sentido**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: significado;

[6] **Flexões**: é uma característica não implementável de imediato. O motivo de não contemplar essa informação nesse momento foi a dificuldade em simplificar esse conteúdo em uma ferramenta digital;

[7] **Emprego do léxico**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: aplicação da palavra em um contexto de uso. Esse atributo contribui com a identificação do aspecto pragmático;

[8] **Relações entre léxicos (Aguyjevete)**: é um léxico que guarda relações com o “aguyje”. É uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: relações entre léxicos;

[9] **Variação** entre palavras dentro dos grupos Guarani: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: variação étnica;

[10] **Informações diacrônicas**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: Guarani Antigo;

[11] **Informações Complementares**: é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: notas de escopo;

[12] **Data:** é uma característica implementável de imediato. Optou-se por chamá-la de: data do registro.

Em síntese, com o processo analítico acima empregado, foram identificados os atributos: palavra ou léxico; tipo do léxico; elementos classificatórios (semântico e grammatical); significado; aplicação da palavra em um contexto de uso; relações entre as palavras; variações entre grupos étnicos; situações de diacronia e informações adicionais importantes.

A identificação das características no objetivo específico 1 sucedem alguns encaminhamentos: [1] os atributos recorrentes tornam-se agrupamentos, ações que, na prática, contribuem com a organização da informação; [2] os elementos classificatórios: categorias semânticas e classes sintáticas contribuem com a categorização da informação. Esses últimos, além de atuarem, na sua função natural, que é de fomentar a categorização do conhecimento, articulam-se a outros atributos, de forma a promoverem o tratamento das polissemias e auxiliarem na gestão e na coerência das informações, o que traz reflexos na organização da informação. Para finalizar, o objetivo específico 2 foi importante por informar como se chegou aos aspectos semânticos e pragmáticos do *corpus*.

O conteúdo pragmático encontra-se presente nas informações sobre a aplicação da palavra, em um contexto de uso. É um metadado que ajuda a entender o léxico, mas não para o categorizar. Seu arcabouço teórico origina-se, unicamente, do Dicionário Guarani-Mbyá/Português, conforme apresentado por Ivo (2024).

Inicialmente, a semântica principia-se no plano ideacional, podendo adentrar no plano verbal, e dialoga com dois atributos do Prombyá: “sentido do léxico”, que contempla um significado descritivo, e “sentido cosmológico”, em que se evidenciam as nuances mais abstratas da cultura indígena. O seu conteúdo tem origem no Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá /Português, como visto em Ivo (2024). A categoria semântica é um dos atributos empregados pelo Prombyá para categorizar o conhecimento. Secundariamente, a categoria semântica auxiliar, no tratamento da polissemia, com base na categoria informada e no léxico, contribui com a diferenciação de cada entrada.

Em posse das características presentes nos elementos lexicais, em que foram isolados os componentes organizacionais e categóricos, pode-se partir rumo ao objetivo específico 3, que consistiu em contribuir com a modelagem de um instrumento de representação da informação lexicográfica da língua Guarani-Mbyá, em ambiente virtual, a fim de favorecer a organização, a recuperação e a naveabilidade do *corpus*. Em função da pluralidade e da diversidade, seria uma tarefa utópica comprometer-se em entregar um modelo perfeito e acabado, motivo pelo qual esta pesquisa se atreve em apresentar uma contribuição.

O primeiro ponto identificado é a compreensão dos agrupamentos, já sinalizados, no emprego do método analítico, do objetivo específico 1, e que é, agora, melhor compreendido por meio da aplicação do PMEST nos agrupamentos lexicais do Guarani-Mbyá, onde se tem:

[P] Personalidade: agrupamento etnia. Aqui, está representado o grupo étnico Guarani, que, no Brasil, se divide nas seguintes parcialidades: Guarani-Mbyá, Guarani-Kaiowá, Nhandeva e Nhandewa;

[M] Matéria: é sempre importante não perder de vista que o domínio em análise é o da língua Guarani-Mbyá e, em assim sendo, a matéria está representada no agrupamento Classe Sintática, em que estão presentes as formas de investigação sobre o uso das palavras e das expressões indígenas, numa perspectiva formal;

[E] Energia: Contempla as dinâmicas em torno da espiritualidade Guarani-Mbyá, a energia é representada pela Categoria Semântica e, ali presentes, estão os elementos da cosmovisão Guarani-Mbyá;

[S] Espaço: contempla as variações que ocorrem na relação entre os léxicos, bem como a identificação de regionalismos;

[T] Tempo: contempla a identificação do tipo da palavra (candidata ou preferencial), capaz de assinalar sobre uma palavra estabelecida e, por todos, conhecida, na linguagem atual do falante indígena ou em se tratando de elaborações recentes.

Seguindo adiante, é possível estabelecer a funcionalidade de cada agrupamento, bem como o relacionamento entre os mesmos e a identificação do menu de naveabilidade. Diante da recorrência da informação, parte-se do pressuposto de que são informações úteis no processo de recuperação da informação. Pode-se estabelecer buscas apenas por palavras de parentesco ou apenas pela categoria semântica. De outro modo, pode-se querer identificar apenas os elementos pertencentes à classe sintática, aos verbos, substantivos e assim sucessivamente.

A partir disso, todas as informações e funcionalidades importantes seguem para a fase aplicada da pesquisa, para que se dê a construção de um protótipo da modelagem navegacional para a língua Guarani-Mbyá.

Sendo assim, a metodologia seguiu um processo de caracterização e delineamento, estruturado em duas dimensões: teórica e aplicada. A dimensão teórica buscou compreender as características da comunidade de fala Guarani-Mbyá a partir de fontes documentais e bibliográficas. Já a dimensão aplicada teve, como objetivo, modelar a organização da língua indígena e implementar seus atributos em um instrumento navegacional. Centrou-se, portanto, em evidenciar quais etapas e instrumentos foram empregados nesta pesquisa.

A modelagem para a organização da língua indígena envolve a categorização dos léxicos nos aspectos semântico e sintático, a identificação de relações entre os termos e o tratamento de ambiguidades e sinônimas, a partir do *corpus* da pesquisa — o Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português —, escolhido como ponto de partida para a construção da proposta de modelagem, por apresentar dados lexicais e socioculturais essenciais sobre o funcionamento da língua Guarani-Mbyá.

O desenvolvimento do Prombyá exigiu um processo técnico detalhado e criterioso, voltado para a modelagem e a implementação dos atributos da língua indígena. No aspecto técnico, avançou-se no *front-end* (página inicial da ferramenta), incorporando alguns elementos identitários da comunidade indígena (logomarca). O protótipo contou com recursos culturais representativos e com funcionalidades de acessibilidade, como, por exemplo, a organização intuitiva das informações para facilitar seu acesso com poucos cliques.

Além disso, foram implementadas medidas de segurança da informação, incluindo validação de usuários por meio de autenticação em banco de dados. Os dados inseridos pelos colaboradores passaram por processos de validação antes de serem armazenados. Conforme discutido no texto, outras funcionalidades também foram incorporadas, como mecanismos de busca, tratamento de polissemias e variações, identificação de diacronias, entre outras.

No entanto, alguns pontos ainda permanecem de forma a melhorar a naveabilidade e a apresentação, por exemplo, a representação dos elementos do alfabeto Guarani-Mbyá, formado por letras que não existem no alfabeto da língua portuguesa falada no Brasil (como as vogais nasais ÿ, û, ï, ê).

Como forma de robustecer a contribuição educacional da ferramenta, a inserção de falas e de figuras não foi implementada nesta primeira fase. Ademais, há outros módulos que ficariam para uma atualização do Protótipo, a saber: a documentação da ferramenta e a colaboração coletiva em cada campo, os elementos descritivos e um guia para utilização do Prombyá.

Nesta pesquisa, não foi possível avaliar o tratamento de um conteúdo especializado. Seria necessário um conjunto de termos específicos de uma área do conhecimento para se chegar a maiores conclusões sobre a utilização de termos ou conceitos, o que não se fez no decorrer deste estudo.

Conclui-se, ainda, que a ampliação da representação para outros grupos indígenas, especialmente as etnias do tronco Tupi, constitui uma perspectiva relevante para estudos futuros. Além disso, destaca-se a necessidade de um aprofundamento na modelagem ontológica, com a incorporação de aprendizado de máquina para otimizar a extração automatizada do *corpus*.

A temporalidade do curso impactou no alcance de algumas metas. A modelagem empregou, como foco, os elementos culturais e linguísticos do grupo Guarani. Caso o Prombyá venha a ser empregado para registros informacionais de uma outra etnia indígena, como, por exemplo, alguma parcialidade do tronco Tupi, não é possível garantir sua adequação imediata. Será necessário iniciar uma etapa de testes lexicais baseados nessa comunidade. Somente a partir desse momento será possível avaliar a pertinência das informações e determinar se adaptações ou ajustes serão necessários.

Desde o início da pesquisa, era evidente que o prazo para a conclusão da pós-graduação seria um desafio. Ainda assim, fazia-se necessário entregar, ao final do curso, um resultado concreto que aliasse teoria e prática. Uma das dificuldades impostas pela restrição de tempo foi a impossibilidade de validar o Prombyá junto à comunidade Guarani-Mbyá. Embora o contato com os indígenas tenha ocorrido, em diversos momentos, ao longo da pesquisa, permitindo a apresentação informal da pesquisa, a validação científica exigiria etapas mais estruturadas. Isso incluiria a realização de uma oficina com os envolvidos, seguida pela disponibilização do protótipo à comunidade e pela coleta sistemática de impressões e sugestões de melhorias ou sinalizações de pontos confusos.

Sugere-se, como recomendações finais para o tratamento informacional de um léxico de natureza comum para o povo Guarani-Mbyá, que o tratamento leve em conta a estrutura das palavras e o seu legado sociocultural, em vez das estruturas termo-conceituais. Em relação a outras etnias, esta pesquisa não tecerá maiores divagações, uma vez que a diversidade entre etnias poderia apresentar elementos que, durante a investigação científica, não foram contemplados no escopo.

No âmbito da Ciência da Informação, considera-se que os achados desta pesquisa podem servir de base para reflexões e investigações futuras, incentivando novos estudos na área. O campo da Organização do Conhecimento Indígena, contudo, apresenta algumas lacunas epistemológicas e metodológicas.

Na pesquisa desenvolvida, há elementos que demonstram o entrelaçamento possível entre a Organização do Conhecimento e a ancestralidade indígena, para, juntas, promoverem uma representação mais sensível em relação à Organização do Conhecimento — assim como foi fruto dessa investigação o esforço para empreender metodologias para sistemas mais inclusivos que contribuíssem para a manutenção dos saberes indígenas. O alcance do emprego de metodologias interdisciplinares, necessárias na representação de uma temática complexa e fronteiriça, foi ímpar no resultado final, tornando possível a incorporação de aspectos da

Linguística à Ciência da Informação, que, por sua vez, empregou os elementos da Tecnologia da Informação.

Em uma perspectiva aplicada, o diálogo entre teoria e prática possibilitou a criação de um ambiente informacional que incorporou os elementos específicos e culturalmente significativos da cultura Guarani-Mbyá. Essa iniciativa promoveu a integração da cosmovisão indígena em contextos predominantemente influenciados por culturas de matriz indo-europeia, o que promoveu a reflexão sobre representações do conhecimento de comunidades não hegemônicas.

A pesquisa inova ao apresentar os elementos de um processo comunicativo próprio de uma comunidade oral e ao explicá-los em uma perspectiva comunicativa, bem como apresenta perspectivas próprias para tratar os elementos dessa oralidade, incorporando a coerência e a consistência da informação, sem perder os liames e as diretrizes dos conhecimentos indígenas.

Percebe-se, cada vez mais, um chamamento aos profissionais para se adequarem e reconhecerem as especificidades das comunidades não hegemônicas. Esta pesquisa explora os aspectos culturais e linguísticos de uma comunidade indígena, representando um avanço significativo na busca pela pluralidade e, sobretudo, pelo respeito às diferenças.

Pesquisas como esta trazem benefícios significativos à sociedade ao amplificar as vozes frequentemente marginalizadas, permitindo que sejam ouvidas e valorizadas. Além disso, evidenciam a possibilidade de conciliar abordagens empíricas e científicas, abrindo novos horizontes ao debate contemporâneo sobre essas populações e as políticas que as envolvem, bem como atuam no sentido de estimular o debate.

Buscou-se, nesse sentido, disponibilizar uma ferramenta informacional que poderá auxiliar no combate à desinformação e na redução de preconceitos linguísticos. Ademais, este estudo apresenta potencial para ser utilizado como um instrumento auxiliar nos processos de letramento, contribuindo para a valorização e manutenção da diversidade cultural e linguística.

O Prombyá tem um potencial educacional, atual e futuro, no sentido de contribuir com a disseminação e o fortalecimento da língua Guarani-Mbyá, uma vez que pode ser incorporado a outras ferramentas gratuitas, como, por exemplo, o *moodle* (agregando os requisitos e recursos de uma plataforma educacional), bem como pode incorporar alguns *plugins* do *wordpress* (contemplando os elementos de uma plataforma com os mais diversos recursos multimídia). As ferramentas tecnológicas empregadas no Prombyá são compatíveis com as soluções acima mencionadas, *moodle* e *wordpress*, o que denota uma maior facilidade de integração e amplitude na diversidade de conteúdos disponibilizados.

Ao concluir esta investigação, destaca-se, enfim, o aprendizado proporcionado por uma cultura que se estrutura sobre pilares como o respeito aos mais velhos, à espiritualidade, à conexão com a natureza e à força coletiva de sua comunidade. Para os Guarani-Mbyá, a felicidade frequentemente se revela na simplicidade da vida.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 1332-1343, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf. Acesso em: 5 ago. 2024.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In.: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. p. 141-161.

ADLER, Melissa. The Case for Taxonomic Reparations. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 43, n. 8, p. 630-640, jan. 2016. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2016-8-630.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2023.

AFONSO, Germano Bruno; MOSER, Alvino; AFONSO, Yuri Berr. Cosmovisão Guarani e sustentabilidade. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Curitiba, v. 8, n. 4, p. 180-193, 2015. DOI: 10.22292/mas.v8i4.431. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistameioambiente/index.php/meioAmbiente/article/view/431>. Acesso em: 8 out. 2024.

ALVARENGA, Estelbina Miranda de. **Metodologia da Investigação quantitativa e qualitativa** – Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos. 2. ed. Assunção: Ed. A4 Diseños, 2012. 152 p.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de bibliografia e documentação, 1969. 441 p.

BARITÉ, Mario; COLOMBO, Stephanie; DUARTE, Amanda; SIMÓN, Lucía; VERGARA, Mario; ODELLA, Luisa; CABRERA, Gabriela. **Diccionario de organización del conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. 6. ed. corregida y aumentada. Montevideo: Universidad de la República, 2015. 219 p.

BARITÉ, Mario; FERNÁNDEZ-MOLINA, Juan Carlos; GUIMARÃES, José Augusto Chaves; MORAES, João Batista Ernesto de. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 123-138, ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/prtXbCcMkLD48hdnHR4tcfS>. Acesso em: 8 mar. 2023.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54. 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1410>. Acesso em: 17 set. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023. 264 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 04 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 4 maio 2024.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento de Gutenberg a Diderot.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 227 p.

CABRÉ, Maria Teresa C. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en Terminología (I). **Ibérica**, Cádiz, n. 16, p. 9-36, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287024065003>. Acesso em: 17 fev. 2023.

CABRÉ, Maria Teresa C. La Teoría Comunicativa de la Terminología: una aproximación lingüística a los términos. **Revue france de linguistique appliquée**, France, v. 14, n. 2, p. 9-15, 2009. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2009-2-page-9?lang=fr&tab=texte-integral>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CABRÉ, Maria Teresa C. La Terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 1-15, dez. 1995. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i3.567>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567>. Acesso em: 1 fev. 2023.

CABRÉ, Maria Teresa C. **La Terminología**: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA — Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999. (Série Monografies, 3).

CABRÉ, Maria Teresa C. **Terminology**: theory, methods, and applications. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1998. 263 p.

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. **Antropologia**, São Paulo, n. 5, n. 227, 1959.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GODOY, Marília Gomes Ghizzi; HORA, Juliana Figueira da. Resistência Cultural e Vivências Míticas: o Real e o Simbólico no Cotidiano dos Guarani Mbya. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 25, n. 1, p. 149-168, jan.-abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/download/12294/8482>. Acesso em: 8 out. 2024.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001. 131 p.

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. Transcrições, introdução e notas de Ana Maria de Azevedo. São Paulo: Hedra, 2009 [1584]. 196 p.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007. 162 p.

CHAMORRO, Leandro Kuaray Mimbi Mendes. O Nhemongaraí (batismo das pessoas crianças). In: CHAMORRO, Leandro Kuaray Mimbi Mendes. **Nhemongarai o Batismo Mbyá Guarani: os nomes e seus significados**. 2018. Monografia (Licenciatura em Matemática) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2018. p. 27-35. Disponível: https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2018/TCC_Leandro-versao_final.pdf. Acesso em: 3 maio 2024.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semântica estructural**. 2. ed. Madrid: Editorial Credos, 1981. 242 p.

COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira. **Revitalização e Ensino de Língua Indígena: interação entre sociedade e gramática**. 2013. Tese (Doutorado) — Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

COUTO, Hildo Honório. Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela ecolinguística. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 183-210, 2012. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2748>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2010. 296 p.

D'ANGELIS, Wilmar. Línguas Indígenas no Brasil: quantas eram, quantas são, quantas serão? In: D'ANGELIS, Wilmar (org.). **O que é? Revitalização de Línguas Indígenas**. Campinas: Curt Nimuendajú. 2019, p. 13-28.

D'ANGELIS, Wilmar. Por que revitalizar línguas minoritárias? In: D'ANGELIS, Wilmar; NOBRE, Domingos (org.). **Experiências brasileiras em revitalização de línguas indígenas**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2020. p. 13-26.

DAHLBERG, Ingetraut. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 9-21, 1978. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29057>. Acesso em: 7 mai. 2024.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization: A New Science? **Knowledge Organization**, [s. l.], n. 33. v. 1, 2006, p. 1-6. Disponível em: <https://www.nomos-eibrary.de/10.5771/0943-7444-2006-1-11.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIACRONIA. In: Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.], [201-a]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diacronia/>. Acesso em: 9 nov. 2024.

EDELWEISS, Frederico G. **Tupis e Guaranis**: estudos de etnonímia e linguística. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde, 1947. 234 p. (Publicações do Museu da Bahia, n. 7).

FERRARO, José Luís. Wittgenstein e os jogos de linguagem. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 30, ago. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/30/wittgenstein-e-os-jogos-de-linguagem>. Acesso em: 12 set. 2023.

FERRAZ, Aderlande Pereira; SILVA FILHO, Sebastião Camelo da. O desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, Aderlande Pereira (org.). **O léxico do português em estudo na sala de aula**. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2016. p. 9-31.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.

FOSKETT, Antony Charles. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1973. 440 p.

FUJITA, Mariângela Spotti; LIMA, Gercina Ângela de; REDÍGOLO, Franciele Marques. A interdisciplinaridade conceitual de contexto na perspectiva da representação do conhecimento. **Fronteiras da Representação do Conhecimento**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 139-163, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fronteiras-rc/article/view/41823>. Acesso em: 5 jan. 2024.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 103-112, ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/49xzkXKxWSbxPRCKx6RfX8t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 dez. 2023.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 5-14, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/89vfV6PdSJjGkRMrr56GqvJ/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

GEORGE, Iozodara Telma Branco. **De Conhecimentos (etno)matemáticos de professores Guarani do Paraná**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: https://exatas.ufpr.br/ppgecm/wp-content/uploads/sites/27/2016/03/002_Iozodara.pdf. Acesso em: 3 maio 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

HJØRLAND, Birger. Education. Knowledge Organization (KO). **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 50, n. 3, p. 160-181, 2023. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/education>. Acesso em: 3 set. 2023.

HJØRLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJØRLAND, Birger. Knowledge Organization. In: HJØRLAND, Birger; GNOLI, Claudio (eds.). **Encyclopedia of knowledge organization**. [S. l.]: ISKO, 2016. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/knowledge_organization. Acesso em: 10 jan. 2023.

HJØRLAND, Birger. Terminology. In: HJØRLAND, Birger; GNOLI, Claudio (eds.). **Encyclopedia of knowledge organization**. [S. l.]: ISKO, 2022. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/terminology#3.3.6>. Acesso em: 3 mar. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Indígenas**. Rio de Janeiro: IBGE, [2010]. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>. Acesso em: 10 jan. 2023.

IVO, Ivana Pereira. **Características fonéticas e estatuto fonológico de fricativas e africadas no Guarani-Mbyá**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1622961>. Acesso em: 30 jun. 2022.

IVO, Ivana Pereira. **Características fonéticas e fonologia do Guarani no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636701>. Acesso em: 30 jun. 2022.

IVO, Ivana Pereira. Categorias lexicais do Guarani-Mbyá na elaboração do dicionário bilíngue Guarani-Mbyá – Português. In: MACHADO, Eliane P. M. S *et al.* (orgs.).

Descrição, Análise e Ensino de Línguas. Rio Branco: Napan Editora, 2023. p. 28-35.

IVO, Ivana Pereira. **Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá** – Português/Português – Guarani-Mbyá. Colaboração: COSTA, Julia Lima; RIOS, Jonedson Costa; REZENDE, Karen Soledade. Consultores Indígenas: Joel Kuaray, Simone Takuá, Sara Katu, Valério Karaí, Iraci Nunes. Organização e elaboração da versão eletrônica: AZEVEDO, Micheline Maria Costa de. [S. l.: S. n.], 2024. [Documento não publicado].

IVO, Ivana Pereira. Revitalização de línguas indígenas: do que estamos falando? In: D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (org.). **Revitalização de línguas indígenas: o que é? Como fazer?** Campinas: Curt Nimuendajú, 2019. p. 43-64.

KRIEGER, Maria das Graças; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

KRIEGER, Maria das Graças. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópio**, [s. l.], v. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez. 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149046/000583782.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 set. 2024.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LADEIRA, Maria Inês; AZANHA, Gilberto. **Os índios da Serra do Mar: a presença Mbyá-Guarani em São Paulo**. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1988. 70 p.

LADEIRA, Maria Inês. Guarani Mbyá. In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (orgs.). **Povos Indígenas no Brasil**. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em: 1 jan. 2024.

LARA, Angela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, Cèzar de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Teresa Claro (orgs.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas.** v. 1. Maringá: Eeduem, 2011. p. 121-172.

LARA, Marilda; CORTS MENDES, Luciana. A representação do conhecimento: Tendências no contexto da LIS. **Fronteiras da Representação do Conhecimento**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 96-115, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fronteiras-rc/article/view/41902>. Acesso em: 15 set. 2023.

LEE, Deborah. Indigenous Knowledge Organization: a Study of Concepts, Terminology, Structure and (Mostly) Indigenous Voices. **Partnership: The Canadian Journal of Library and Information Practice and Research**, [s. l.], v. 6, n. 1, 2011. DOI: 10.21083/partnership.v6i1.1427. Disponível em: <https://journal.lib.uoguelph.ca/index.php/perj/article/view/1427>. Acesso em: 7 dez. 2023.

LIMA, Flávia Pedroza; MOREIRA, Ildeu de Castro. Tradições astronômicas tupinambás na visão de Claude D'Abbeville. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 4- 19, jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.sbhc.org.br/resources/download/1320065767_ARQUIVO_artigos_1.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

LIMA, Gercina Ângela. Gênesis da classificação: uma análise de conteúdo a partir da definição. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 197-237, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/zxmSk67N5DLbTgFsvnBr3dy/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2023.

LIMA, Gercina Ângela; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Universo do conhecimento: classificação e categorização sob o prisma da organização do conhecimento. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 22, e024017, 2024. DOI: 10.20396/rdbc.v22i00.8675419. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/8675419>. Acesso em: 4 ago. 2024.

LIMA, Gercina Ângela. O modelo simplificado para análise facetada de Spiteri a partir de Ranganathan e do Classification Research Group (CRG). **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 1, p. 57-72, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4291101.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

LIMA, Gercina Ângela. Organização e representação do conhecimento e da informação na web: teorias e técnicas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Campinas, v. 25, n. esp., p. 57-97, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22283/17900>. Acesso em: 1 jul. 2024.

LIMA, Graziela dos Santos. Teoria Crítica da Colonialidade na Organização do Conhecimento. In: SALDANHA, Gustavo Silva; ALMEIDA, Tatiana de; SILVEIRA, Naira (orgs.). **Teorias Críticas em Organização do Conhecimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

LITAIF, Aldo. **As divinas palavras** : Identidade étnica dos Guarani-Mbyá. Florianópolis: Editora da UFSC. 1996. 159p.

LITTLETREE, Sandra; BELARDE-LEWIS, Miranda; DUARTE, Marisa. Centering relationality: A conceptual model to advance indigenous knowledge organization practices. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 47, n. 5. p. 410-426, 2020. Disponível em: <https://digital.lib.washington.edu/server/api/core/bitstreams/daed829f-50fd-4fec-ab1e-0dba61ed9443/content>. Acesso em: 18 out. 2023.

LITTLETREE, Sandra; METOYER, Cheryl A. Knowledge Organization from an Indigenous Perspective: The Mashantucket Pequot Thesaurus of American Indian Terminology Project. **Cataloging & Classification Quarterly**, [s. l.], p. 640-657, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01639374.2015.1010113>. Acesso em: 18 out. 2023.

LÓPEZ-HUERTAS, Maria J. The Integration of Culture in Knowledge Organization Systems. In: PROCEEDINGS INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 14., 2016, Rio de Janeiro. **Proceedings** [...]. Rio de Janeiro: ISKO, 2016. Disponível em: <https://www.nomos-eibrary.de/10.5771/9783956504389.pdf#page=15>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (orgs.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares; PAIVA, Andréia Del Conte de; LAGE, Sandra Regina Moitinho. A Representação Temática da Informação e do conhecimento e contribuições da Teoria do Campo Lexical: uma proposta metodológica para o folheto de cordel. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/download/1266/1017>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MACHADO, Jorge; FERREIRA, Carlos H. (orgs.). **Resistência Guarani: uma Vivência na Aldeia Rio Silveriras**. São Paulo: Tendenz. 2016. 165 p.

MARCONDES, Carlos Henrique. Fundamentos da organização do conhecimento. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 15, n. 3, p. 249-282, 2021. DOI: 10.9771/rpa.v15i3.47468. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/47468>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MARTINEZ-ÁVILA, Daniel; SALDANHA, Gustavo Silva; SOUZA, Rosali Fernandez de; SALES, Luana. Entrevista à Hope Olson. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2018. DOI: 10.18617/liinc.v14i2.4509. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4509>. Acesso em: 9 jan. 2024.

MAZZOCCHI, Fulvio. Knowledge organization system (KOS). **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 45, n. 1, p. 54-78, 2018. Disponível em: <http://www.isko.org/cyclo/kos>. Acesso em: 7 set. 2023.

MELATTI, Julio César. **Índios do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023. 304 p.

MELIÁ, B. La lengua Guaraní del Paraguay. In: POTTIER, Bernard (coord.). **America Latina en sus Lenguas Indigenas**. Madrid: Editorial Mapfre, 1983. p. 43-59.

MELIÁ, B. La lengua Guaraní del Paraguay. In: POTTIER, Bernard (coord.). **America Latina en sus Lenguas Indigenas**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992. p. 15-50.

MELLO, Flávia Cristina de. **Aetcha nhanderukuery karai retarã**: entre deuses e animais: xamanismo, parentesco e transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88608>. Acesso em: 8 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-29.

MONTOYA, Antonio Ruiz. **Tesoro de la Lengua Guarani**. Introdução e notas de Bartomeu Melià S. J. Trancrício e transliteração de Antonio Caballos. Assunção: CEPAG, 2011 [1639].

NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos apapocúva-guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1987. 200 p.

OLIVEIRA, Rodrigo Cássio. A terminologia da crítica de arte a partir da Teoria Comunicativa da Terminologia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 1-16, 2023. DOI: 10.15448/1980-3729.2023.1.42497. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/42497>. Acesso em: 25 ago. 2024.

OLSON, Hope. Cultural Discourses of Classification: Indigenous Alternatives to the Tradition of Aristotle, Durkheim and Foucault. In: ASIS SIG/CR CLASSIFICATION RESEARCH WORKSHOP, 10., 1999, Washington. **Proceedings** [...]. Washington, 1999. Disponível em: <https://journals.lib.washington.edu/index.php/acro/article/view/12484>. Acesso em: 13 dez. 2024.

PIEDADE, Maria Antonieta R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 1983. 221 p.

PIERRI, Daniel Calazans. **O perecível e o imperecível**: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2005. DOI: 10.18617/liinc.v1i1.186. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 277 p.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **Elements of Library Classification**. 3. ed. Mumbai: Asia Publishing House, 1962.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. Library Classification on the March. In: FOSKETT, D. J.; PALMER, B. I. (eds.). **The Sayers Memorial Volume**. Londres: The Library Association, 1961. p. 72-95.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **Prolegomena to library classification**. Mumbai: Asia Publishing House, 1967. 305 p.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **The Five Laws of Library Science**. Madras: The Madras Library Association, 1931.

REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2., 1955, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: S. A. Artes Gráficas, 1957. 347 p. Disponível em: <http://www.aba.abant.org.br/conteudo/ANALIS/conteudo-967268>. Acesso em: 9 abr. 2024.

RODRIGUES, Aryon. D. **Fonética Histórica Tupi Guarani**. Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. v. 4. Curitiba: Arquivos do Museu Paranaense, 1945. p. 333-354. (Coleção Aryon Rodrigues).

RODRIGUES, Aryon. D. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1985. 136 p. (Coleção Aryon Rodrigues).

RUSSO, Kelly; BARBOSA, Gabriela. **Memória dos números**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.promovide.febf.uerj.br/biblioteca/nepie/livreto-de-apoio-para-professores-jogo-da-memoria-numeros.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SALES, Rodrigo de. Teoria comunicativa da terminologia (TCT) como aporte teórico para a representação do conhecimento especializado. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: VIII ENANCIB, 2007, p. 1-14. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/172569>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SARACEVIC, Tecko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-22, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37415>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916]. 298 p.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. 3. ed. São Paulo: EDU/EDUSP, 1974.

SCHADEN, Egon. Nota preliminar. In: CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta**: textos míticos de los Mbyá-Guraní del Guairá. Edición preparada pro Bartomeu Melià. 3. ed. Assunção: Fundación León Cadogan; CEADUC & CEPAG, 1997 [1958]. p. 11-12.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 1-4, 1977. DOI: 10.18225/ci.inf.v6i1.92. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SILVA, Belarmino da. **PETYNGU**: símbolo da vida Guarani. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) — Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2015/04/Belarmino-da-Silva.pdf>. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVA, Darci da (Karaí Nhe'ery). **NHEMONGARAI**: rituais de batismo Mbyá Guarani. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) — Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204661>. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVA, Márcio Bezerra da. **Estudo teórico-analítico sobre o uso de facetas na organização da informação e na estruturação de ambientes digitais**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28130/3/M%c3%81RCIO_BEZERRA_tese_2018.pdf. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVA, Márcio Bezerra da; MIRANDA, Zeny Duarte de. Panorama teórico-analítico-sintético sobre a adoção de facetas no contexto da organização do conhecimento. In: CONGRESO ISKO ESPAÑA-PORTUGAL, 4., Barcelona. **Anais** [...]. Zaragoza: ISKO, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3739412>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SILVA, Sérgio Florentino da. **Sistema de numeração dos Guarani**: caminhos para a prática pedagógica. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) — Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/96063/PECT0139-D.pdf>. Acesso em: 3 maio 2024.

SINCRONIA. In: Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.], [201-a]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sincronia/>. Acesso em: 9 nov. 2024.

SOUZA, Adílio Junior de. A proibição do uso da língua geral no Brasil no século XVIII: um marco na história do planejamento linguístico. In: SOUZA, Adílio Junior de; CARDOSO, Cícero Emerson do Nascimento; LIMA, Marcos André Ferraz de (orgs.). **Linguística & literatura: inter-relações**. João Pessoa: Ideia, 2019. 162 p.

TEMPASS, Márton César. **Quanto mais doce, melhor**: um estudo antropológico das práticas alimentares da sociedade Mbyá-Guarani. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TENNIS, Joseph. Fringe Types and KOS Systematics: Examining the Limits of the Population Perspective of Knowledge Organization Systems. **Advances in Classification Research**, [s. l.], v. 20, 2009. Disponível em: <https://journals.lib.washington.edu/index.php/acro/article/view/12885/11381>. Acesso em: 3 maio 2024.

TESTA, Adriana Queiroz. **Caminhos de saberes Guarani Mbya**: modos de criar, crescer e comunicar. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01062015-173729/publico/2014_AdrianaQueirozTesta_VCorr.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009. 136 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva, **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 174 p.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 327 p.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016. 145 p.

WEISS, Leila Cristina; BRÄSCHER, Marisa. Abordagens e paradigmas na organização do conhecimento. **ISKO Brasil**, Marília, v. 3, p. 30-36, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135188>. Acesso em: 18 jan. 2023.

WÜSTER, Eugen. **Introduction to the general theory of terminology and terminological lexicography**. Vienna: Springer, 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de C. K. Ogden. [S. l.: S. n.], 1922.

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE LETRAS

Endereço: Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Ondina - CEP 40170-115 -
Salvador-BA. **Telefone:** (071) 3283-6225 / 6237 / 6238 **E-mail:** caeletras@ufba.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO AOS DADOS

Eu, Ivana Pereira Ivo, concedo acesso aos dados de fala levantados junto aos Guarani, durante a pesquisa de doutorado por mim desenvolvida, “Características Acústicas e Fonologia das Consoantes nas Variedades Mbyá, Nhandeva e Kaiowá do Guarani no Brasil, sob o número CAAE: 48907614.2.0000.5404, a Micheline Maria Costa de Azevedo, em cuja pesquisa atuo como coorientadora, em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE aprovado (segundo as determinações do Conselho Nacional de Saúde (Resoluções CNS nº 304/2000 e nº. 466/12 e suas complementares). Esclarece-se que os dados disponibilizados serão utilizados apenas para a pesquisa proposta e que a pesquisadora não os divulgará para outros sem autorização prévia.

Salvador, 05 de outubro de 2023.

Documento assinado digitalmente
Ivana Pereira Ivo
 Data: 05/10/2023 17:45:57-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profº Drº Ivana Pereira Ivo
 Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia - UFBA

Original pode ser acessado em:
https://drive.google.com/file/d/1SbzMPU3dZeJU3LqCYXtTXysiiO57OhPe/view?usp=drive_link.